

VOL. II - ENTREVISTAS

1. ENTREVISTA PROFESSOR DÁCIO – VICE-REITOR

Professor Manuel Tavares – A Universidade que trabalhamos, está preparando seus projetos virados para essa instituição e o objeto de pesquisa da Sandra, exatamente o objeto é a Formação Continuada dos Professores da UAFBC. Como nós temos muito contato com o Professor Daniel Pansarelli e com o Professor Muriatan, que são nossos convidados em bancas na Uninove, eles disseram: não, mas a UFABC não tem nenhum modelo de formação continuada de professores. Bom, vamos ver, vai continuar com isso, mas nós fizemos alguns desvios, muito ligados ao PDI, modelo pedagógico, inclusão social e interdisciplinaridade. Tivemos como núcleo conector dessas dimensões de fato a formação continuada ou a necessidade dela, portanto em linhas gerais é isso. Nós preparamos um roteiro para o Professor Décio, que é Vice Reitor e, portanto, o termo de consentimento. Portanto ligeiramente diferente daquele que preparamos para os professores.

M – Mais do que uma entrevista assim tradicional, uma conversa. Sei que o professor esteve na origem, inclusive participou na elaboração do PDI.

Professor Décio – Do PDI sim.

M – E encaminhando esta conversa com base em alguns pontos, para aquilo que é importante para o trabalho da Sandra. Eu estou na primeira entrevista, porque Sandra?

Sandra – É a minha primeira entrevista professor, além de uma exagerada timidez, eu pedi ao professor até para eu me situar melhor, ter um melhor desenvolvimento nas próximas.

D – Tranquilo.

M – Iniciaremos – Um dos eixos do PDI, da universidade, é precisamente a inclusão social, então nós queremos saber quais as estratégias que tem a universidade, para a inclusão social e para a inclusão também da respectiva diversidade cultural. Por um lado nós temos uma inclusão formal, tem acesso, e outra coisa é a inclusão de fato. Portanto gostaríamos de saber que estratégias é que tem a Universidade para a inclusão de fato desses estudantes oriundos de grupos sociais mais desfavorecidos?

D – A primeira delas, o primeiro instrumento, são várias estratégias, vários instrumentos. O primeiro deles, que antecedeu a própria lei, é o acesso no caso das cotas para estudantes da escola pública e étnico raciais. Isso desde o primeiro processo de seleção já a universidade adotou as cotas como uma política de seleção de ingresso na universidade. Eu associaria a essa estratégia, dando 50% das vagas para essa modalidade dos cotistas, que no começo nós estávamos com 1500 vagas, hoje nós temos 1964, quase duas mil vagas, eu vou falar de duas mil vagas. Mas é de fato são 1964 vagas. Eu associaria a essa questão o fato de que também nós distribuimos as vagas igualmente, ou seja, 50% das vagas entre o período matutino e noturno. Porque também é um processo de inclusão complementar eu diria, porque muitos desses oriundos da escola pública de famílias de menor renda, tem no trabalho o meio de sustentação e até de viabilizar a vinda e permanência em muitos casos, então nós temos 50% no noturno também, o que é inovador porque não é das públicas, não era regra, hoje sim, nos últimos anos começava a se estabelecer essa política de aumentar a oferta também no período noturno, mas não era regra nas públicas, federais, estaduais, na maioria delas.

Então para ingresso são essas duas estratégias e acho que são as mais importantes. Agora nós temos políticas associadas à permanência, que é justamente a necessidade de dar condições de igualdade entre todos os estudantes que estão aqui. Nessa política de permanência a gente se alinhou e segue as diretrizes e tal do plano nacional de assistência ao estudante – o PNAIS – O PNAIS tem uma política de apoio aos estudantes cotistas, na verdade o PNAIS está com uma linha de corte para apoio aos estudantes com vulnerabilidade econômica, então prevê apoio para aqueles que têm renda per capita familiar menor que 1,5 salários mínimos, então a um programa nacional que inclusive destina recursos para isso, a universidade sempre colocou para além do seu próprio orçamento, para além dos recursos destinados para o PNAI, para os auxílios permanência, são eles: auxílio moradia, uma bolsa permanência, auxílio creche, para as mães e os pais que precisam de apoio para os filhos, no início um apoio para inclusão digital, não era com doação, mas era com empréstimo de equipamentos e também alguns auxílios emergenciais, por exemplo vindos do Norte e do Nordeste, que na primeira semana não tinha como se instalar ou como se ainda estava em um processo de transição, então uma bolsa, também na forma de uma bolsa de uns auxílios emergenciais. Isso foi diminuindo cada vez mais, na medida em que a universidade foi se estruturando, o próprio corpo discente, os alunos foram se estruturando nas republicas, então há um processo de acolhimento já mais estabelecido e que diminui a necessidade desses auxílios emergenciais, mas as bolsas de permanência, moradia, creche e alimentação, desculpa eu estava esquecendo a alimentação, essas ainda estão colocadas, permanecem. Temos sofrido corte de orçamento do próprio PNAIS nos últimos anos, mas temos atendido, não temos conseguido atender os estudantes todos com menos de 1,5 salários mínimo percapta familiar, a gente tá atendendo estudantes com 80% disso, da renda percapta familiar. Essas são os principais instrumentos que a gente tem. Um outro que é interessante, é que esses auxílios eles concorrem ou não excluem o aluno das bolsas de mérito, das bolsas acadêmicas, então as bolsas de iniciação científica, a bolsa de pesquisa do primeiro dia, monitorias, que são as bolsas acadêmicas, essas para toda a comunidade discente, não há exclusão pelo fato de estar em um programa de assistência estudantil, a própria permanência e tal, não os exclui. Eu destaco isso porque em muitos casos, a uma exclusão, aqueles que recebem bolsa de assistência, não podem receber bolsas e na verdade isso é uma política institucional, não tem lei que proíba isso e a gente entende que as bolsas de assistência é justamente para dar as mesmas condições de permanência para o aluno dentro da universidade. A partir daí se todo mundo tem as mesmas condições, as condições equitativas o mérito aí, cada um concorre no universo do corpo discente e tal.

M – Mesmo assim com esses apoios há algum abandono, tem esse estudo, taxas de abandono?

D – Na verdade nós não temos grandes taxas de evasão. A nossa evasão nós temos feito estudos anuais, do perfil do aluno, nós não temos tido grandes taxas de evasão. Nós temos o que chamaria uma taxa de retenção, que eu tenho uma interpretação para essa taxa de retenção, que é por dois motivos, nós temos uma permanência um pouco maior no curso. Há, essas bolsas de assistência exige frequência permanente. Então não pode, reprovou em uma disciplina por frequência, perde a bolsa, então eles têm que estar aqui fazendo as atividades e tal. Então, menos do que evasão nós temos uma taxa de retenção que o sistema chama geral de avaliação chama de retenção, porque nós temos uma permanência do aluno por mais tempo nos cursos. O da noite, nós já detectamos que é uma dificuldade pelo próprio trabalho de 8hs diária e que isso nós inclusive nos conselhos superiores nós estamos discutindo um ajuste disso no sentido de aumentar o

tempo de integralização dos cursos noturno, se comparado ao diurno, porque as atividades extraclasse, as atividades de estudo e tudo mais, não cabem na grade horária semanal do aluno, diferente do aluno da manhã que ainda tem teoricamente à tarde e a noite para fazer as outras atividades e os nossos cursos todos realmente demandam atividades para além das atividades de sala e tudo mais, isso inclusive há um indicativo, disciplina por disciplina, o que a gente chama de TPI, é a carga unida teórica, prática e individual, é o que se espera do aluno de esforço nas atividades individuais. Individuais no sentido do que vai para além da sala. E isso inclusive da uma diretriz para o aluno de quanto ele vai juntar de disciplina naquele quadrimestre para ele compor. Tem uma diferença entre o aluno noturno e do diurno, nós estamos discutindo isso, o do noturno acaba estendendo por uma questão de impossibilidade de dedicação para além do período das aulas e o do diurno, esse sim, eu vejo que aí é uma característica do projeto pedagógico. Pelo fato da gente ter os bacharelados interdisciplinares e os alunos irem montando suas grades curriculares, na medida em que vão cursando e definindo os cursos pós DI, o que a gente chama de pós-bacharelado interdisciplinar, são as engenharias, os bacharelados nas ciências naturais, sociais. O que acaba acontecendo, aquele aluno que começa se frustra, que sairia da universidade para reingressar num outro curso, ele não tem que fazer isso, ele aqui mesmo, ele vai gastar mais um quadrimestre ou dois para fazer os ajustes e o rearranjo para mudar o direcionamento da formação dele. Isso nos custa, porque nós estamos bancando esse custo de permanência dele aqui. Nós temos discutido isso com os outros bacharelados interdisciplinares de outras universidades e o próprio MEC e nos indicadores de desempenho, que acabam prejudicando a avaliação do nosso desempenho como se fosse retenção. Mas de fato, o que aconteceria, esse menino, essa menina, sairiam da universidade, seriam egressos, daria evasão, eu estaria com indicadores de evasão e depois o custo de reentrar no sistema, como novo ENEM, novo processo de avaliação e tal e um risco de evadir permanentemente muito maior, do que ele permanecendo aqui e tentando reorganizar seu trajeto pedagógico de formação. A gente está discutindo isso com o próprio INEP, o MEC, de que nós somos penalizados por esse fato, quando a gente entende que isso é um serviço que nós estamos prestando para a manutenção dos alunos. Por isso que eu digo que nós temos um índice de evasão de 20%, relativamente baixo.

M – E que tem incidência maior nos autores. Incidências exógenas e não endógenas, correto?

D – Exatamente. E o noturno, a gente detectou justamente essa necessidade de uma readequação do tempo de integralização, porque é frustrante para o aluno trabalhador perceber que em cinco anos ele não vai fazer engenharia, que ele precisa de 6 e tal quando os outro conseguem fazer em 5. Isso não é saudável, porque o problema não está no aluno, o problema está na carga horária mesmo, então nós temos que estender isso para colocar numa expectativa mais realista do que é possível integralizar no noturno, porque os professores são exatamente os mesmos, as disciplinas são exatamente as mesmas e as condições materiais são exatamente as mesmas. Nós chegávamos no início até era um espelho, a grade era um espelho, depois a gente pensou, também não precisa tanto, né. A gente pode mudar um dia aqui, muda uma noite. Na semana é um espelho, tudo o que acontece na semana de manhã, acontece à noite, isso sim. Mas não precisa ser tudo tão casadinho assim, a gente pode fazer uns rearranjos, em função da disponibilidade de espaço, da disponibilidade de recurso e tal. Mas isso nós temos certeza que a qualidade do que se oferece é exatamente a mesma, só não é não tem o mesmo desempenho, porque não se trata os diferentes da forma mais adequada, não estamos tratando ainda, que é estender um pouco ainda a integralização.

M – Deixa eu lhe fazer uma pergunta aqui a margem do roteiro. Eu posso inferir que um dos obstáculos à inclusão definitiva poderá ser ou poderá vir a ser a asfixia financeira da universidade por parte dos novos poderes políticos que hoje governam o Brasil?

D – É possível, nós não sabemos ainda como vai se comportar o orçamento nos próximos anos em função da PEC do teto, da mudança constitucional do Teto, para os gastos primários e que realmente nós acabamos de fazer esse levantamento. Nesses últimos dois anos, nós cortamos, nós tivemos uma redução de 50% no nosso orçamento, em custeio, eu não vou falar de investimento, porque ainda estamos implantando, não está normalizado e tal, mas em custeio, nós ainda estamos aumentando o número de estudantes entrando, agora nesses últimos dois anos já entramos em regime. Praticamente o número de alunos nos dois campings, ele estabilizou, 2015 e 2016, porque nós estamos formando muita gente e entrando quase que o ideal, seria entrar dois mil e sair dois mil, mas a gente sabe que não é isso, já está mais estável o número de alunos. Só que o nosso orçamento caiu vertiginosamente e pode ser, pode não, já começa a dar indicadores de exclusão. Porque nós fizemos uma reengenharia toda dos custeios e nós conseguimos preservar esses mecanismos de assistência estudantil e das atividades fins. Aí por exemplo: todas as bolsas de graduação, monitoria, iniciação científica, pós-graduação e as de assistência, nós tivemos uma redução só de 5%, nesse período, enquanto que vigilância e limpeza eu derrubei 80% dos custos e tal, ainda numa reengenharia que nós estamos vendo como é que irá funcionar e tudo mais. Então, deu 70 e poucos por cento. Então a gente está tentando manter uma política de preservar ou ter o menor impacto possível, mas tudo tem limite, tudo vai ter limite. Nas atividades meio, é onde nós estamos atacando, muito criticados, por que quem sofre com isso são os terceirizados, a gente sabe disso, mas não temos alternativas. Porque todas as atividades meio nossas são terceirizadas, então é vigilância, limpeza, manutenção, zeladoria, enfim, esses contratos maiores que a gente está fazendo uma reengenharia e reduzindo forte nisso, mas já teve uma redução de 5% desses recursos de assistência estudantil. A gente chama de assistência e apoio acadêmico, que são as bolsas tanto de assistência e permanência, quanto as de mérito e desenvolvimento de projeto, porque estão intimamente ligadas ao desenvolvimento do projeto, que é a questão da pesquisa, ensino e extensão, serem indissociáveis, é a lógica que a gente tenta manter.

M – Professor outra das dimensões da inclusão é precisamente essa inclusão cultural, inclusão epistemológica, se nós temos uma diversidade, então parece que é faz sentido numa universidade como esta que é um outro modelo de educação superior, que também haja a inclusão de suas culturas, de seus saberes. Eu pergunto-lhe: qual é como vice-reitor, sabe qual é o tipo de professor que tem nessa instituição, qual é o modelo de professor nesta instituição? É tradicional, monocultural, é progressista, pluricultural, intercultural, é o que?

D – Só complementado antes, nós temos ainda mecanismos de acesso e permanência para pessoas com deficiência, também temos 5% das vagas para pessoas com deficiência e aí todas as questões decorrentes disso, né. Desde a acessibilidade arquitetônica, comportamental, e tudo mais.

Eu diria que não temos o perfil traçado do nosso corpo docente. Nós não temos. Nós temos 100% do corpo docente em dedicação total exclusiva, todos com doutorado, 100% com doutorado. Isso permitiu emitir o nosso primeiro diploma de mestrado antes de nosso primeiro diploma de graduação. Nós formamos o primeiro mestre antes de formar o primeiro bacharel, o primeiro licenciado. Porque precisamos de quatro anos

para isso e o mestrado praticamente no primeiro ano a gente já teve o primeiro curso aprovado e dois anos depois o primeiro mestre formado e então em três anos já tínhamos o primeiro do primeiro curso. Tanto que praticamente nós temos o mês o número de curso em graduação e em mestrado e doutorado. O que do ponto de vista da capacidade de produção científica e tudo mais da o resultado que a gente está vendo em indicadores de produtividade e de conhecimento. Agora não temos um perfil do nosso corpo docente, até pensou-se em fazer isso, mas como está em ano eleitoral, achou-se que não era conveniente fazer isso, achou que poderia ser mal interpretado. Depois das eleições, acho que é uma boa pesquisa para fazer, justamente para tentar ter a dimensão de quais as necessidades, de fazer esse perfil do docente. Mas eu diria que de primeiro, nós temos um corpo docente relativamente jovem, ou seja, um percentual grande de recém-doutores, formados como não poderia de deixar de ser, nas instituições mais tradicionais que nós temos no país. Então assim, grande parte dos docentes, são egressos da própria USP, eu mesmo sou um deles, apesar de que nós temos dos mais, de maior experiência profissional, vamos chamar assim, dos que tem maior experiência profissional, e aí eu digo um pouco por mim e pelos colegas que vieram, a universidade não é o primeiro emprego, desse grupo que a universidade não é o primeiro emprego, aí vieram praticamente todos eles atraídos pelo Projeto Político Pedagógico. O que denota uma certa perspectiva de poder atuar de numa forma interdisciplinar e intercultural, menostradicional e menos enquadrada nas suas diferentes áreas e isso nós temos docentes nessa situação em praticamente todos os cursos, em praticamente todas as áreas. Então mesmo nas engenharias, que poderia se dizer, nós temos muitos professores que vieram, saíram de suas instituições e tal, não são aposentados, eu por exemplo, me exonerei do estado, fiz um novo concurso e vim pra cá, como titular, tudo bem, mas, pelo projeto pedagógico. Então eu diria que, e aí há uma impressão só, de que por fim, esses docentes são mais afeitos até as novidades e as mudanças e tudo mais. E parte de nosso corpo docente, também não vou dizer, também vieram atraídos pelo projeto pedagógico, tem um número de docentes que não ficaram - que não ficou - pede redistribuição para outros lugares e tal e do mesmo, gente, que a gente tem atraído. A gente tem publicado editais, por exemplo, de redistribuição de outras federais que queiram vir pra cá e tem alta demanda. De professores de outras universidades federais de outros lugares do resto do país que querem vir pra cá e a gente tem criado essa política de chamadas públicas, quem quer vir pra cá para a UFABC e tem tido alta demanda e aí a avaliação não é feita nem por banca interna, a gente nomeia uma banca externa, obviamente alinhada com o projeto pedagógico, para fazer essa avaliação da aderência ou não, dos perfis ao nosso projeto. Isso é mais fácil fazer em uma redistribuição, do que num concurso públicos, apesar de que o próprio projeto pedagógico também é discutido no concurso público. Mas aí o concurso público tem quesitos muito mais objetivos, o que no processo de redistribuição há uma liberdade de mais, de escolha, de aceitar ou não a redistribuição, a intenção daquele professor.

M – A contratação de professores rege-se pela legislação nacional, certo? Portanto, não há aí nenhuma inovação como há, por exemplo, na federal Sul da Bahia, com o Professor Naomar que introduziu mecanismo, apesar de a legislação ser a mesma, nacional em todas as federais, mas ele introduziu a necessidade de o professor mostrar que aderiu ao projeto da instituição. Portanto ele tem que apresentar um projeto que esteja de acordo com o projeto institucional. Aqui há essa perspectiva também?

D – Sim, sim. O candidato é avaliado nas três dimensões, no conhecimento geral e específico, na didática e na capacidade didática e no projeto, um projeto de pesquisa que mostre aderência ao projeto pedagógico. Pelo menos a questão da interdisciplinaridade

que fica muito mais explícita, eu diria que até de mais fácil entendimento para quem tem uma formação mesmo, mesmo para quem tem uma formação tradicional, isso a gente observa também, a uma exigência, uma necessidade de se apresentar uma proposta de projeto de pesquisa a ser desenvolvida, a partir da contratação, que mostre aderência ao projeto pedagógico institucional. Aí eu diria que nas Ciências Hard, a questão da extensão universitária, a questão da inter-relação com o mercado e tudo mais, acaba sendo não priorizada, fica um pouco secundarizada. Isso é um pouco mais forte nas ciências humanas e sociais, isso é mais forte.

M – Nota de que estávamos a falar dos professores, e os eixos fundamentais do plano de desenvolvimento institucional, é o novo modelo pedagógico, é a inclusão social, é a interdisciplinaridade, nota que há alguma dificuldade dos professores em operacionalizarem esses três eixos fundamentais do PDI, por parte dos professores. Por exemplo, interdisciplinaridade, os professores não tem formação interdisciplinar como disse, eles tem formação tradicional, como USP, enfim.

D – Eu até tenho conversado com os colegas sobre, né, e o que a gente tem percebido, é que tem alguns mecanismos do projeto, que são estruturantes também no projeto, é que cria um espaço para a prática, ou pelo menos para se iniciar as práticas interdisciplinares, que é a ausência dos departamentos. Então a arquitetura mesmo da gestão, tanto os BIs, ou seja, os bacharelados interdisciplinares, todos os docentes estão lotados em pelo menos um dos bacharelados interdisciplinares, então os 740 docentes dão aulas em algum momento em disciplinas dos bacharelados interdisciplinares e ao mesmo tempo, eles estão do ponto de vista administrativo, lotados nos três centros – nós temos três centros – que também guarda uma relação interdisciplinar entre eles. Porque nós temos engenharia, o centro de engenharias, modelagem e ciências sociais aplicadas, temos o centro de matemática, computação e cognição – onde está o curso de neurociência junto com a matemática e junto com a computação e temos o centro de ciências naturais e humanas – onde tá a filosofia, com a biologia, com a química – E o fato de já na graduação professor, ele não é lotado no curso, ninguém aqui é contratado para um curso específico, ele é contratado para uma área do conhecimento. Então eu, por exemplo, estou credenciado - assim como acontece na Pós-Graduação - nós nos credenciamos na graduação. Então eu estou credenciado na engenharia ambiental e urbana, nas ciências biológicas e na políticas públicas. Porque, porque eu divido ou disciplinas comuns a esses três cursos, no que diz respeito ao específico e também obviamente várias dessas disciplinas são componentes do bacharelado interdisciplinar. Ou eu divido orientações de trabalhos de conclusão de curso, iniciação científica, nessas áreas. Então isso nos expõe permanentemente a esse ambiente que é interdisciplinar. Conversava ontem com um colega físico experimental e ele falou olha – só aqui eu comecei a conversar com químicos e com engenheiros de materiais - ele é um desses da velha guarda e ele falou assim – de onde eu vim, eu nunca tinha entrado em um departamento de química e nunca tinha ido até um departamento de materiais – é e um físico experimental, trabalha com matéria condensada, que é matéria, material. E ele falou – mas aqui, se a gente não faz, os alunos nos articulam, os alunos fazem a gente conversar – Então, realmente a nossa formação, até porque nós não temos ninguém formado com esse perfil, que já digo que estamos formando, profissionais interdisciplinares, isso a gente já está tendo indicadores, mesmo de mercado, disso, da atuação dos nossos alunos nesse sentido, mas a arquitetura da gestão, por não ser tradicional, tem criado este espaço de diálogo interdisciplinar dentro o corpo docente e aí é um processo de formação permanente, né, continuada, ou seja, a gente continua, na

verdade continua não, aqui a gente está começando a aprender fazer interdisciplinaridade.

M – Então vamos ver, não há, digamos, tradicionalmente, uma formação interdisciplinar do professor que ingressa nesta instituição.

D – Não

M – De acordo, né?

D - Sim

M – Todavia, a própria organização da universidade, ausência de departamentos, o modelo da gestão, o modelo pedagógico, obriga esses professores a fazer a interdisciplinaridade, é isso?

D – Sim, sim. Eu não diria que obriga, mas os coloca nesse ambiente. Há espaço para a disciplinaridade, há. Não é proibido você ser disciplinar, no estrito senso da palavra, mas você é provocado permanentemente a se integrar de forma interdisciplinar, quer seja pelos grupos de pesquisa, quer seja pela própria demanda dos alunos. Porque nós somos permanentemente solicitados pelos alunos para desenvolvimento do projeto dirigido do bacharelado interdisciplinar. Aí de repente eu me pego lendo e-mail de um aluno me convidando para orientar, ou participar de uma coorientação com um colega que é da física, porque ele pensou um projeto no bacharelado interdisciplinar que precisa dos meus conhecimentos li e precisa dos conhecimentos do colega da física. De repente eu descubro que o colega da física. E de repente eu descubro que o colega da física faz uma coisa muito interessante e me interessa para a minha pesquisa também e isso é permanentemente, a gente é bombardeado permanentemente pelas demandas dos alunos e por essa questão, de permanentemente, eu digo permanentemente, porque é a cada três meses, é quadrimestral. Ou seja, a própria gestão da oferta de disciplinas, dos cursos de tudo mais, isso acontece três vezes ao ano. Então esse ambiente, é um ambiente que tem propiciado esse diálogo e interdisciplinaridade só se constrói se conversar.

M - Claro, só se faz na prática. Eu teria a ousadia de lhe perguntar se considera que o modelo novo de instituição será interdisciplinaridade ou interculturalidade?

D – A interculturalidade com certeza. Eu vejo que na verdade os modelos ainda tem uma deficiência, porque nós partimos de um campo de conhecimento.

M – Que são campos de poder.

D – Que são campos de poder, parcial. Na verdade, que tem uma origem datada e territorializada nos grandes centros que é a Europa e América do Norte. Sem dúvida nenhuma, esse trânsito pelas outras culturas e as outras filosofias, os outros saberes, nos falta, nessa formação. Eu vejo isso com mais permeabilidade já acontecendo na área da própria filosofia, na área das ciências sociais e na medida em que as próprias engenharias começam a discutir o seu desenvolvimento a partir da sustentabilidade e não da para discutir sustentabilidade sem considerar a questão intercultural. Porque ainda mais em um país tropical do sul, onde a maioria da aplicação dos conhecimentos tecnológicos, eu diria, não se adequam a produção sustentável no hemisfério sul. Eu

digo isso com tranquilidade, eu sou engenheiro agrônomo de formação, eu tenho trabalhado aqui com agroecologia.

M – Mas tem uma tendência enorme para as ciências sociais e humanas.

D – Sim, sim. Mas porque justamente a gente precisa desse diálogo, pra quando a gente discute os processos produtivos e a sustentabilidade dos ambientes tropicais e eu diria que realmente a saída é a interculturalidade.

M – Deixa-me perguntar-lhe uma coisa, porque a pouco falava da interdisciplinaridade e utilizou a categoria formação continuada, considera que é isso que é aí que está a formação continuada dos professores, na interdisciplinaridade? Não Há nenhum modelo institucional de formação continuada?

D – Não, não há.

M – Como é que os professores fazem a sua formação continuada, ou continua ou permanente?

D – Na verdade não há nenhum modelo não, eu diria que existem mecanismos que são ainda os tradicionais. De novo, a arquitetura da gestão pedagógica da Universidade, nos permite, nos incentiva a um intercâmbio permanente com outras instituições. Só para citar um exemplo, que era muito criticado no início da implantação da universidade, que é o regime quadrimestral – nós não temos um regime semestral, nós temos um regime quadrimestral – todo mundo reclamava, todo mundo odiava, porque eu tô em recesso quando ninguém tá em recesso – as férias você escolhe, né, mas o recesso quando ninguém está em recesso – eu estou trabalhando quando todo mundo está de férias ou está de recesso – essa era a principal reclamação que eu achava pouco convincente. E nós começamos a estimular institucionalmente até, tem regulamentação e tudo mais e tal, de que é desejável que o corpo docente concentre a sua dedicação de ensino de sala de aula em dois quadrimestres e libere um quadrimestre para estruturar, aprofundar, as suas linhas de pesquisa, os seus projetos de pesquisa, os seus projetos de extensão, porque a gente sabe que a carga de ensino que é rotineira e tal, em muitas áreas, isso não é obrigatório, mas é facultativo, mas em muitas áreas essa interrupção permanente, tira a concentração do docente na sua área de pesquisa e isso prejudica o desenvolvimento do seu trabalho. Essa possibilidade só acontece no regime quadrimestral – você não tem como dispensar o corpo docente, parte do corpo docente num semestre, outro semestre, não dá para você concentrar sua carga em um semestre, mas em dois quadrimestres dá – e isso tem tido um efeito muito interessante, que é justamente permitir os pós-doc no exterior, os pós-doc em outras instituições aqui mesmo no Brasil ou no exterior e tal e isso nós instituímos nos próprios conselhos e tal como uma estratégia de internacionalização e de formação continuada do corpo docente. Então, vai falar - pós doc é tradicional - Mas quanto, quão frequente é um docente conseguir uma licença para um pós-doutorado se o sistema é semestral, não é trivial você conseguir isso e aqui é muito frequente, muito frequente, ou estágios de curta duração. Porque você pega o último quadrimestre do ano e o primeiro do ano seguinte, você concentra sua carga didática nos dois quadrimestres de um ano e nos dois últimos do outro, você tem praticamente oito meses que você pode se dedicar a um projeto de pesquisa, a sua formação, a uma interação com outras instituições e tal.

M – Naturalmente que há mais possibilidades dentro da orgânica aqui da instituição. Nós próprios temos um professor que ele não disse onde que estava, mas sei que está no exterior, penso que está fazendo Pós-doc e que nos vai responder a entrevista por e-mail, que é o professor Sidnei Jard.

D – O Sidnei Jard está em Portugal, e ele é um caso, justamente, ele concentrou o primeiro quadrimestre, saiu agora e vai voltar só no começo do ano que vem. Então são mecanismos de incentivo.

M – A grande questão que se pode colocar aqui, obviamente Pós-doc, é formação continuada do ponto de vista científico, não há qualquer dúvida. Projetos de pesquisa são constituídos formação continuada e daí não haver um modelo nacional como há para o ensino básico na formação continuada de professores, a grande questão que se coloca aqui ao nível da educação superior é a dimensão pedagógica didática, por que a princípio o Pós-doc não vai por aí, o projeto não vai por aí, é, sobretudo, essa questão.

D – Essa questão não está equacionada, não está resolvida. Equivocadamente se espera que um doutor esteja preparado pedagogicamente para o ensino superior e não é verdade, nós sabemos que não é verdade. Mas até pelo fato de ser todo um corpo docente doutorado, né, que significa dizer como as suas linhas de pesquisa definidas, introduzi-los nessa nova realidade para a formação e tudo mais, tem sido feito em baixa quantidade. É um pouco da, aí até tem um pouco mais de êxito – formar para a educação a distância – tem um paralelo aí, aí às pessoas assumem que não tem formação para educação a distância e se dispõem a participar dos projetos de formação continuada para ensino a distância. Nós criamos núcleos de tecnologia educacionais, oferecemos cursos permanentes de capacitação para isso e tudo mais e tal. Até nisso tem sido muito interessante, porque eu vejo até uma via para discutir educação a distância interdisciplinar, como é que você faz isso interdisciplinarmente. E nesse sentido tem sido interessante - isso nós temos uma política e uma estratégia de conversão e de convergência, do presencial e o ensino a distância e nós estamos fazendo isso a partir das disciplinas, das formações, dos bacharelados interdisciplinares. E nós estamos começando a dar incentivo mesmo para docentes que se disponham a repensar seus planos, seus projeto pedagógicos da disciplina, seu plano de ensino, nessa perspectiva do presencial e do semipresencial e a distância e as tecnologias envolvidas nisso e tudo mais. Isso por exemplo juntou, como no bacharelado interdisciplinar nós temos muitos alunos, nós temos muitas turmas da mesma disciplina, nós temos 25 turmas de uma disciplina.

M – De uma única?

D – De uma única disciplina. Fenômenos térmicos.

M – Quantos alunos tem cada turma, média?

D – Cada turma 60, 80. Isso em teoria, na prática, em aulas teóricas, em aulas práticas é 30. Aí essas turmas eu digo 60, 90, porque ou divide em 2, ou divide em 3, para as práticas quando tem laboratório e coisa assim. Nós vamos ter, por exemplo, o quadrimestre agora que começa, nós temos dois mil alunos. Dois mil não, mil e quinhentos alunos fazendo cinco disciplinas, todos eles fazendo cinco disciplinas. Então nós temos vinte e duas, vinte e cinco turmas para cada disciplina. Isso a regimento a 10, 20, 15 professores para aquela disciplina e há uma ação coordenada daquela disciplina,

aí sim numa discussão pedagógica e didática de como desenvolver esses conteúdos, então há uma coordenação dessas disciplinas e há uma estratégia discutida com aqueles professores, que muda de um ano pra outro, lógico, mantêm-se um núcleo ali duro, mais afeito aquela disciplina e tal, mas sempre está entrando gente, saindo gente, de um ano para o outro. Então são espaços de discussão que eu vejo como grandes oportunidades de justamente interferir na didática e na estratégia pedagógica.

M – Eu vou fazer-lhe duas perguntas. A última é mais ou menos uma espécie de síntese em termos comparativos dos modelos de Educação superior no Brasil – no Brasil e no mundo –A penúltima, não a tome como provocação, tá, mas pode tomar também se quiser.

D – Me darei esse direito.

M – O Professor D esteve na origem do PDI, e esse PDI de fato é de uma leitura agradabilíssima. Ao ler o PDI da universidade, a primeira versão, nós somos transportados assim para um mundo fantástico, aliás, até compara a UFABC, o papel da UFABC ao papel do Brasil, com a independência do Brasil, tanto até uma introdução magnífica. Então a pergunta que eu lhe quero fazer é: da leitura que eu faço - diga-me lá se é correta ou não – há ali uma visão tipicamente neoliberal e uma visão social, de inclusão social. Isto é, por um lado a UFABC pretende ser uma universidade de excelência, uma universidade que situa entre os primeiros lugares do ranking, uma universidade que é uma referência e pretende ser uma referência a nível regional, nacional e internacional, mas por outro lado tem um projeto de inclusão social, que é outro discurso. Como compatibiliza esses dois discursos com substâncias diferentes – um virado para a afirmação da universidade como uma universidade de qualidade e da excelência e outro virado para a inclusão, o próprio PDI diz isso, inclusão de alunos, estudantes de outras camadas sociais.

D – Isso a gente discutiu bastante no PDI, na formulação do PDI e tem dois capítulos ali – tem um que fala sobre a excelência – que para meu gosto particularmente, deu uma ênfase na a questão dos rankings pra um pouco além do necessário, ou do desejável até. Mas mesmo pegando dentro do capítulo da excelência eu digo assim, dedicou mais páginas do que precisava para a questão dos rankings, porque na verdade tem dentro do capítulo da excelência eu acho que uma chave pra resposta dessa pergunta, de que de fato eu perguntaria agora, eu provocaria: é possível ser excelente, se for não for inclusivo, você se considera excelente se você não for inclusivo? Há uma deficiência na excelência se ela não for inclusiva. Se ela não permitir justamente dialogar com as várias culturas. É uma excelência manca, é uma excelência partida e os mecanismos de inclusão nos permite justamente ampliar muitos mais as possibilidades de trazer para dentro da universidade, visões diferentes, culturais justamente, de origens sociais e culturais diferentes, que podem contribuir efetivamente para a excelência que se busca. Nesse sentido, nós não vemos excelência e inclusão como dicotômicas, como dimensões distintas, dicotômicas, senão necessárias, porque também não nos interessa as pessoas aqui se não for para que elas tenham acesso ao que tem de mais avançado ao nível mundial inclusive. Ao que se produz de conhecimento ao nível mundial. Não é para treinamento e capacitação a universidade, não é para treinar a mão de obra que vai depois sair daqui. Também é, também faz, mas prioritariamente os bacharelados interdisciplinares não formam profissões e o sujeito pode sair daqui um bacharel em ciências e tecnologias e um bacharel em ciências e humanidades e toma o seu rumo e se especializa ou ir fazer e desenvolver suas habilidades no mercado, ou nas instituições

públicas e privadas, nas diferentes organizações. Então essa dicotomia a gente não enxerga dessa forma, senão, pra haver excelência, ela precisa ser inclusiva e a inclusão só se justifica para a excelência, se não for para a excelência.

M – E acho que é a primeira vez que eu ouço alguém dizer que a excelência implica inclusão e qualidade implica inclusão, era isso que eu gostaria de ter ouvido, muito obrigada por ter dito isso. Que é isso mesmo, a excelência implica inclusão e qualidade implica inclusão.

D – Senão não é excelência, senão não é inclusão. E é interessante, porque a gente insiste muito em diferenciar a inserção social e a inclusão social. Nós não queremos inserir socialmente, nós queremos incluir porque é na inclusão que pode ter esperança de transformação. Porque se for inserção é repetir o que tá e a gente não está sendo excelente porque não vamos estar inovando.

M – Última pergunta e em linhas gerais vai dizer por que já falou disso nas várias questões, que é como caracteriza sinteticamente o modelo UFABC, face aos modelos tradicionais de universidade e educação superior no Brasil. Porque nos próprios projetos institucionais da instituição se diz claramente que a UFABC pretende fazer diversas rupturas com os modelos tradicionais de educação superior. Só em síntese, o que faz a diferença dessa instituição, com aquela onde se formou?

D – Eu acho que a primeira questão é uma abordagem do conhecimento por eixos, quando a gente chama dos seis eixos, há eu poderia ter outros recortes, poderia ter outros recortes, mas eu acho muito feliz a abordagem de abordar o conhecimento universal, humano, a partir dos eixos, que é a matéria, a energia, a transformação a comunicação e a representação, a informação e as humanidades. Eu acho que essa abordagem, que não é justamente uma abordagem disciplinar, nos permite ressignificar e reconectar linhas de desenvolvimento do conhecimento que ficaram perdidas depois da revolução industrial e tudo mais e se submeteram a um modelo de desenvolvimento industrial, que é hoje dominante e durante muito tempo vem dominando e tal. Então não submeteram o conhecimento a esse sistema. Que o conhecimento tem outros recortes, o que nos leva justamente a abordagens interdisciplinar, nos permite e cria um campo de abordagem interdisciplinar. O reconhecimento do que nós acabamos de falar, de que só é possível ser excelente se formos inclusivos e a inclusão só nos interessa se for para a excelência e não para a reprodução dos modelos aí existentes e aí pensar e este é um desafio que nós estamos diariamente discutindo e trabalhando e retrabalhando, que é como dentro do estado brasileiro, nos organizamos administrativamente, gerencialmente para que esses projetos não se engessem e não sejam cartoriais e não assumem as formas tradicionais como o estado se organiza. O que nos leva em discussão a autonomia da universidade brasileira - que não existe – ela está no papel, está na constituição.

M – É a autonomia decretada

D – Exatamente, mas ela vai ter que ser conquistada, o que não é dado é conquistado. Que é justamente a autonomia para poder se organizar inclusive - embora esteja na Constituição – nós temos autonomia pedagógica, didática e administrativa e financeira, infelizmente nós não chagamos, diria que nem a didática e pedagógica peleamos diariamente com os órgãos centrais de controle e avaliação e tal, porque a gente não se enquadra nesses modelos e aí a gente tem que ficar explicando para eles como é que é o

modelo e quais seriam os indicadores de, isso nós fazemos diariamente – a reunião de manhã foi por conta disso – então eu vejo esse tripé - dos recortes interdisciplinares, da abordagem do conhecimento, há relação de excelência e inclusão – e entender que pra excelência nós temos que ter mais ampla possível possibilidades de escolhas e de oportunidades e garantir as condições pra que essas oportunidades se manifestem. É nisso que vai dar excelência, não da para você cobrar excelência - há eu quero ranking – ninguém quer ranking nenhum, eles aparecem se as condições tão dadas para que eles frutifiquem e tal. E esse desafio da organização de uma universidade pública brasileira, no estado brasileiro. Acho que esse é dos mais difíceis desafios. Naomar lá fica, Naomar tem dado grandes avanços.

M – Sim, acho que agora ia haver eleição para reitor, já houve?

D – Não, ainda não aconteceu. O projeto do Sul da Bahia ainda coloca outras questões, radicaliza ainda mais a questão da inclusão que é muito interessante, e nós estamos de olho lá também, porque no nosso caso aqui – lá eles têm distâncias geográficas – aqui nós temos as distâncias da metrópole – que não são medidas em quilômetros, mas em horas. Vocês levaram duas horas para chegar aqui em 20Km. Vocês estão em 20, 25 Km daqui. Então nós temos nossos problemas de inclusão da própria metrópole, que nos inspiram os experimentos do Sul da Bahia. Enfim, não sei se..

S – Eu confesso que o primeiro que eu estive aqui na Federal do ABC, foi a cerca de dois anos, mais ou menos, que eu vim conversar com o professor Daniel, eu fiquei extremamente encantada e ao ler o PDI eu fiquei mais encantada ainda, porém no desenvolvimento da pesquisa, quando você começa a ver outros documentos, começa comparar lei, uma coisa e outra, você começa meio que se frustrar um pouco, mas hoje as palavras do professor me confortaram bastante.

D – Não porque esse é o grande desafio que a gente tem, na verdade, que é justamente como a gente desenvolve. Porque na verdade, e, isso conversando com vários dos professores lá que trabalharam na elaboração do projeto original e tal, houve um esforço concentrado na questão da concepção e não houve tempo para uma discussão mais aprofundada de como operacionalizar isso tudo. Então essa operacionalização – a gente brinca aqui, de que é meio chavão – de que a gente conserta o avião rodando, conserta o avião voando, é e um risco enorme. Primeiro: a que se normatizar, que num estado de democrático direito, é importante que as regras estejam claras e o problema é como deixar as regras claras numa cultura positivista como é a brasileira, como é o estado brasileiro, de ordem e progresso e traduzir o projeto em normas e regras, então é um exercício diário nosso.

S – Eu estava com muito medo de me decepcionar, de ver realmente tudo àquilo que eu li, aquele ideal todo..

D – Tem também um toque de otimismo meu, idealismo meu, que eu acho que a gente não pode perder nunca - não perder a análise crítica sobre os problemas que temos e tal e não perder de vista o que temos de ideal.

S – Isso foi um alerta que meu orientador me deu desde o início

D – Para nós é importante que você em especial tenha um distanciamento crítico sobre nossa realidade, então esse falar, não vou dizer que não tem um pouco de paixão.

M – Tem que ter, pra ser bem feito, tem que ter paixão. Eu digo sempre aos meus alunos – duas coisas fundamentais para escolher um projeto de pesquisa, um objeto de pesquisa – Há bibliografia sobre a temática? Muito bem. Tá apaixonado pelo tema? Então se falta uma delas, então não pode. Então tem sido uma luta, porque a Sandra é muito expressiva, emotiva, apaixonada pelas coisas e tem que ter este distanciamento para fazer pesquisa, mas ela está indo...

2. ENTREVISTA PROFESSOR SIDNEI JARD

Sandra - Como insere na sua prática pedagógica a diversidade cultural e epistemológica?

Sidnei - Nos primeiros anos da UFABC minhas principais preocupações estavam direcionadas a compreender e a desenvolver a interdisciplinaridade. Só mais recentemente tenho inserido as questões relativas à diversidade cultural e epistemológica na minha prática pedagógica. Mas a importância desta inserção não me foi revelada pelas minhas reflexões sobre a interdisciplinaridade, mas sim pelo ativismo político de colegas e estudantes que colocaram as questões de gênero, raça e homoafetividade na agenda política da universidade. As preocupações com a interdisciplinaridade favoreceram uma postura epistemológica mais aberta e sensível para as questões culturais, mas sem o ativismo político destes colegas e estudantes dificilmente eu teria inserido estas questões na minha prática pedagógica. Agora, no pós-doutorado no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES-UC), as preocupações com aquilo que o professor Boaventura de Sousa Santos chama de Ecologia do Saberes e Epistemologias do Sul foram definitivamente integradas às minhas preocupações pedagógicas e científicas. Ousaria dizer que só agora, estou conscientemente empenhado, tanto do ponto de vista prático quanto teórico, em fazer este debate cultural e epistemológico com meus alunos e demais colegas (professores e técnicos administrativos).

S - Quais os obstáculos à inclusão da diversidade cultural e epistemológica na sua prática pedagógica?

Sidnei - Mesmo em projetos pedagógicos inovadores como o da UFABC tende a predominar aquilo que o Boaventura de Sousa Santos chama de Epistemologias do Norte, isto é, a sobrevalorização do conhecimento produzido pelos chamados países desenvolvidos/ricos (notadamente América do Norte/Europa) e a subvalorização do conhecimento produzido pelos chamados países subdesenvolvidos/pobres (notadamente da América Latina/África). Estas práticas científicas e pedagógicas hegemônicas são refratárias a outros tipos de conhecimento, outros tipos de saberes que não tenham a chancela dos grandes centros globais de produção científica. Assim, no cotidiano das nossas práticas pedagógicas, como no cotidiano das práticas científicas, tendemos a sempre nos referenciar nos mesmos autores e nos mesmos conhecimentos. Em síntese, mesmos nas matrizes pedagógicas ditas inovadoras, há pouco espaço para a prática da Ecologia dos Saberes.

S - Considera-se um professor tradicional, monocultural ou, pelo contrário, promove nas suas aulas a diversidade de saberes e a interculturalidade?

Sidnei - Ainda me considero um professor tradicional, monocultural, mas definitivamente e criticamente empenhado em superar esta prática tanto em sala de aula

quanto nas minhas atividades de pesquisa. No último ano letivo, por exemplo, tanto nas disciplinas de Políticas Públicas quanto nas disciplinas de Ciência Política introduzi temas relativos à gênero, raça e homoafetividade na segunda parte do curso. Na primeira parte continuei utilizando os autores do chamado *mainstream* acadêmico.

S - Tendo presentes os princípios do PDI (Novo modelo pedagógico, inclusão social e interdisciplinaridade) como operacionaliza esses princípios na sua prática pedagógica?

Sidnei - O projeto pedagógico da UFABC é assentado em três pilares: I) interdisciplinaridade; II) inclusão e III) excelência. Nos primeiros anos da Universidade, até a criação do Bacharelado em Ciências e Humanidades (BCH), o grande desafio pedagógico era o desenvolvimento da prática interdisciplinar nas salas de aula e nos laboratórios de pesquisa. A questão da inclusão praticamente se resumia ao ingresso de alunos de escolas públicas por meio das cotas sociais. Não havia efetivamente uma preocupação pedagógica relativa a permanência destes alunos na UFABC. O pressuposto fundamental era de que não poderia haver rebaixamento do nível de excelência de ensino e de pesquisa oferecido pela instituição. Portanto, nestes primeiros anos, prevalecia a lógica formal de tratar os diferentes como iguais. Só mais tarde com a criação do BCH e, principalmente, com a mobilização política de alunos, pesquisadores e professores ligados ao movimento negro que se iniciou um efetivo debate pela inserção da questão racial na prática pedagógica da UFABC e, com ela, as questões de gênero e homoafetividade. A meu ver, a interação entre interdisciplinaridade e inclusão tende a ser mais harmônica do que a interação entre excelência e inclusão. Em linhas gerais, a Universidade, assim como outras instituições universitárias no Brasil, tende a adotar o padrão internacional de excelência (Norte Global), desconsiderando elementos importantes da sociedade brasileira, como as profundas desigualdades econômicas e sociais. O discurso meritocrático, por exemplo, tende a confundir reconhecimento de mérito com avaliação de desempenho. Uma mesma régua é utilizada para comparar o processo de aprendizagem de um aluno do noturno, trabalhador, egresso da escola pública da periferia do ABC Paulista e um aluno do diurno, egresso de escola privada dos bairros de classe média de São Paulo. Ambos partem de condições completamente distintas no que se refere a possibilidade de inclusão bem sucedida no ensino superior, mas o discurso da meritocracia acadêmica tende a desconsiderar estas realidades complexas.

S - Na ausência de um modelo de formação continuada para os professores da Educação Superior, quais são, do seu ponto de vista, as atividades que poderão ajustar-se a uma formação continuada dos professores da educação superior, especificamente desta Universidade?

Sidnei - Creio que a organização e formalização dos grupos de pesquisa possam ser uma alternativa importante à ausência de um modelo de formação continuada. Em primeiro, lugar devemos quebrar a artificial dicotomia ensino e pesquisa. Os trabalhos em grupos de pesquisa podem, simultaneamente, aprofundar o conhecimento epistemológico, metodológico e pedagógico dos participantes. Parafraseando Paulo Freire, não existe ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino. Esta divisão é artificial. Assim, a formação continuada de professores, deve envolver estes dois elementos centrais da área educacional: ensino e pesquisa. Como disse acima, os grupos de pesquisas podem cumprir este papel na ausência de uma política formalizada de formação continuada.

S - Em que medida os projetos de pesquisa em que participa contribuem para a sua formação continuada e para a sua prática pedagógica?

Sidnei - Creio que parte desta questão eu já tenha respondido na pergunta anterior. Os grupos de pesquisa constituem um espaço privilegiado para a discussão de projetos em diferentes estágios de desenvolvimento: iniciação científica, especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado etc. No entanto, é preciso despertar a consciência de que o trabalho científico também é um trabalho pedagógico. Na universidade, principalmente na pós-graduação, não formamos apenas cientistas, formamos educadores. Ocorre, porém, que o modelo de ensino público superior brasileiro privilegia o trabalho de pesquisa. É este trabalho que proporciona *status* aos professores universitários. Uma prática pedagógica inovadora deveria valorizar igualmente o ensino e a pesquisa, haja vista que, como notei acima, estas são indissociáveis.

S - Como a UFABC e o professor, como docente da Universidade, concilia a questão da necessidade de produção acadêmica e a cultura dos rankings, (qualidade e excelência) com os princípios institucionais da inclusão social?

Sidnei - Este é um dos grandes desafios da UFABC. Devemos proporcionar a inclusão em um ambiente de excelência acadêmica, mas não podemos confundir excelência acadêmica com produtivismo subordinado aos interesses das potências do Norte Global que ditam as regras da produção científica. Devemos, antes de tudo, definir quais são os reais problemas da sociedade brasileira e, ao fazer isso, estaremos tratando justamente dos problemas daqueles que foram recém incluídos no ensino superior brasileiro. Portanto, a inclusão não abre mão da excelência, mas questiona frontalmente o produtivismo subordinado da ciência brasileira. Por que os jovens pobres, negros, da periferia devem desenvolver a mesma agenda de pesquisa dos jovens de classe média, brancos, dos melhores bairros de São Paulo e do ABC? O excelente deve ser pensado como aquilo que tornar melhor a vida das pessoas e não necessariamente aquilo que é reconhecido como melhor pelos grandes centros de produção científica distantes da vida social e das questões sociais que nos aflige.

S - Em linhas gerais, como caracteriza o modelo UFABC face aos modelos tradicionais de universidade/educação superior?

Sidnei - O modelo da UFABC é um modelo em construção, mais do que isso é um modelo em disputa. Uma parte da comunidade acadêmica busca moldar a universidade dentro dos padrões científicos predominantes no Norte Global. Trata-se de uma inserção subordinada aos interesses dos grandes centros de produção científica no mundo. Uma agenda exógena, definida de fora para dentro. Uma outra parte da comunidade acadêmica busca afirmar uma agenda de dentro para fora, centrada nas questões prementes para o Sul Global. Busca pensar os nossos grandes problemas econômicos, políticos e sociais, pretende levar estes problemas para o centro da agenda mundial, mas de forma autônoma. Definimos previamente o que vamos estudar e a relevância destes estudos. Trata-se de afirmar a horizontalidade, a simetria e a equidade na produção do conhecimento. Uma relação de igual para a igual entre o Sul Global e o Norte Global. É nesta última perspectiva que a UFABC se diferencia das universidades tradicionais. Uma Universidade consciente do seu lugar no mundo, geograficamente, politicamente e socialmente.

3. ENTREVISTA COM PROFESSORA GABRIELA MARINHO

Gabriela – Na verdade o que a gente, como eu te disse, eu entrei na leva de 2010, das humanidades foi uma leva muito grande, porque o que acontece, o projeto original da universidade, não contemplava essa área de humanas, ele era um projeto basicamente tecnológico, voltado para o BCT e esse BCT que é o interdisciplinar por excelência com os pós-BCT, que a gente chamou de pós-BI, tinha na sua grade alguns conteúdos das humanidades, mas não tínhamos cursos das humanidades, e esse era o projeto, não era para ter. Só que esses professores que ingressaram - por isso que eu ti falei da importância de falar com eles - pelas humanidades, eles tiveram uma ação muito decisiva dentro da universidade no sentido de alargar esse espaço e de construir, tanto que logo na sequência, ou seja, a universidade foi criada em 2005, implantada em 2006, e eles conseguiram desenvolver, enfim, votar, aprovar, a criação do BCH e em 2009, nós tivemos o concurso que foi, digamos, a primeira grande leva dos professores das humanidades pra implantar o BCH, que nesse contexto então que tanto eu quanto o Ramon entramos. E essa entrada do BCH, essa construção do BC&H, foi que possibilitou então que os cursos pós-BCH, pudessem ser criados, ou seja, os específicos, que são as graduações em políticas públicas, economia, relações internacionais e na filosofia que é tanto bacharelado quanto a licenciatura, que é a única licenciatura que a gente tem das humanidades é essa licenciatura em filosofia. A gente tem até um projeto que está parcialmente aprovado de licenciatura em história, mas ele ainda não está inteiramente, digamos, definido no horizonte, tem uma aprovação prévia no edital que foi feito, mas precisamos isso em um outro campo, precisamos repensar muito seriamente essas questões das licenciaturas nas humanidades, porque de fato nós temos um déficit muito grande dessa inserção. Então assim, nesse sentido, só pra te dizer essa questão de dois mil e ... - porque o concurso foi de 2009, mas a chamada foi em 2010 - e isso deu de fato um outro sentido para a universidade, então aquela perspectiva mais tecnológica, técnico científica *Stricto Sensu* isso vai se ampliar e dentro hoje da composição da universidade - eu particularmente sou contra essa localização espacial - mas foi como se definiu e São Bernardo acabou sendo um espaço que as unidades estão mais concentradas, embora haja outros cursos lá da engenharia aero espacial e da biomédica, mas ficou com uma conotação de um campus mais associado a essa área, tanto que aqui em Santo André, a gente não tem esses, é, a gente não tem uma área mais específica de humanidades, exceto o que está ali, digamos, na fronteira, que são as licenciaturas que estão um pouco mais concentradas aqui. Então as licenciaturas da física, da química, da biologia, da matemática, em princípio o corpo docente atua mais aqui nesse campus de Santo André, até porque estão mais associados a essas outras áreas. Enfim, eu não sei se essas informações você já tinha recolhido.

S – É, mas não assim da forma como a professora tá, a professora aprofundou um pouco mais, agora eu entendo até da necessidade de eu tentar realmente entrevistar alguém lá, porque....

G – Porque são na verdade ângulos muito distintos. Então, por exemplo, se você vai conversar com o grupo que cria a universidade em 2006, você vai encontrar um grupo muito marcado por essa área “Hard Science”, das ciências mais duras e esses adicionais das humanidades inseridos, quase que infiltrados nesse núcleo duro da universidade e isto vai ganhar depois como eu disse, uma outra conotação até que o BCH se constitua e hoje evidentemente as “Hard Science” continuam como o core da universidade, acho que assim, a condução, nisso a gente pode fazer uma verificação, por exemplo, pelo corpo dirigente, ele tem sido e continua sendo formado basicamente pelos oriundos,

pelos procedentes dessas áreas, mas, e a física por exemplo, que é obvio, isso também reflete, isso também é a expressão de um campo acadêmico, de um campo científico mais amplo, a física ela é dominante aqui dentro da universidade, não só em número de docentes que tem a formação em física, como ai, olhando a expressão disso na estrutura da universidade, nas direções, nesse corpo dirigente na condução, mas ainda assim as humanidades tem ganhado relevo, tem atuado e a gente pode perceber isso nos conselhos, sobre tudo no conselho universitário, tem sido expressiva a participação, então é curiosa do ponto de vista da politica da universidade, hoje ela não se faz sem a presença das humanidades, embora as humanidades não sejam hegemônicas, elas estão ali presentes de algum modo, tencionando, contribuindo para olhar sobre outros aspectos também. Então o pilar, você já deve ter percebido isso, o pilar da universidade que está associado à excelência, interdisciplinaridade e a inclusão, então todos esses eixos, eles são relevantes, mas de algum modo a inclusão tem sido uma bandeira que as humanidades se apegam, enfim, que batalham, que militam, que se mobilizam muito nessa perspectiva e a inclusão, ela não é só socioeconômica, do ponto de vista das cotas, mas também é uma inclusão com uma transversalidade, então tem a questão dos afrodescendentes, dos indígenas, das mulheres, na perspectiva de gêneros e de gênero não só na perspectiva das mulheres, mas também da comunidade LGBT, tem sido muito forte o debate aqui na universidade, então eu acho que a presença, até vou dizer assim, a nossa presença, desses grupos das ciências humanas, eles tem contribuído de fato para enriquecer muito a... Dar uma densidade, dar uma outra característica para a universidade. Eu acho que eu vou te passar um depoimento que nós fizemos, talvez seja útil para você, dos 5 anos da universidade, coordenava um núcleo da universidade e nós tomamos os depoimentos dos 5 reitores iniciais e ali fica muito evidente isso, por exemplo, o Bevilacqua, que é uma figura que foi chave na concepção, ele relata que a perspectiva original era de que a gente tivesse um, eu não sei se você conhece o instituto de matemática pura e aplicada do Rio de Janeiro, é um centro de excelência, teve uns 2, 3 anos atrás um rapaz que estudou lá, que ganhou a medalha Fields, principal medalha do campo da matemática, como se fosse o Nobel da matemática e pela primeira vez o Brasil ganhou, então é um grupo seletivo, restrito, altamente qualificado, altamente produtivo. Esse era um pouco o modelo que se imaginava pra essa universidade, então os idealizadores, eles intendiam que aqui seria um núcleo de excelência altamente qualificado e com uma projeção e uma vinculação internacional que garantisse essa inserção. O que acontece? A universidade, ela não perdeu essa perspectiva, mas ela, hoje ela não é só isso, ou seja, ela não se tornou... porque de certo modo impar, que é excelente, mas é muito encapsulado, ele é quase um incrustado, inclusive fisicamente eu já tive a oportunidade de visitar, fica dentro da floresta da tijuca no Rio de Janeiro, que é um lugar belíssimo, uma construção encapsulada dentro da floresta, então você tá ali, você vê macaquinho, cobra, porque a tijuca tem uma diversidade muito grande, então ela é muito, digamos, restrita do ponto de vista de suas interações sociais, até fisicamente e no ponto de vista acadêmico, tem uma alta interação científica, mas tem uma baixa interação social. O que a gente pode perceber no nosso caso aqui é que essa pressão social aqui, ela também atuou e atua, nós entendemos aí que é correto que assim seja, no sentido de intencionar um pouco uma perspectiva muito encapsulada, muito enclausurada. É obvio que a gente tem dentro da universidade uma outra corrente, que a gente chama dos meritocráticos, assim por excelência, que eles recusam uma parte dessa abertura, que obviamente não são só as humanidades que promovem, mas grupos dentro das humanidades promovem no sentido de permitir que a universidade seja mais plural, mais aberta, menos encapsulada. Então, temos uma tensão a excelência que buscamos, mas uma excelência realmente que permita a inclusão e isso é uma, aparentemente um

impasse, mas é um falso impasse, é uma falsa - a gente entende dessa forma, mas é difícil construir - supostamente pra ser excelente teria que ser muito restrito, teria que ter baixa interação social, mas a gente entende que essa interação é necessária, aí essa interação, ela causa uma tensão e enfim, estamos nessa disputa, que obviamente é uma disputa de modelos e de concepções.

S – Eu fiquei agora com uma inquietação, por conta das palavras da professora, a professora acredita que diante quadro político, onde parece que a principal situação que eles estão conduzindo aí, são os cortes na educação, eu vi agora que as bolsas eles reduziram, cortaram, que quer queira quer não, é algo importante para essa questão da inclusão. Acredita que isso não possa de certo modo retroceder? Será que a área de humanas, o BCH, não vai perder forças, dando mais forças para o BCT, porque quer queira, quer não, eu acredito que os alunos - eu vou chamar aqui de alunos de classe popular - eles não devem estar tão concentrados nas áreas de tecnológicas, porque são áreas mais difíceis, não sei, é um pensamento meu.

G – Não sei se você já teve acesso, tem alguns trabalhos interessantes sobre a inserção, o BCT continua sendo de certo modo o carro chefe da universidade, pelo volume, importância obviamente da área e pela quantidade. Dos 2 mil ingressantes, mil e seiscentos são do BCT, então isso define, demarca o lugar, desse conjunto, metade estão associados as cotas, nós temos uma preocupação sim, de que esse contexto político aí que gente vive, tenebroso... Preocupação não, a gente tem verificado concretamente uma redução das bolsas, não só as bolsas de iniciação científica que foram muito importantes dentro da universidade pra essa perspectiva de já construir a ciência desde o primeiro dia. A gente ainda tem um programa que está reduzidíssimo, que se chama PDPD que é o - Pesquisando desde o primeiro dia - então, esse programa no início da universidade ele era praticamente um a um, que pra cada ingressante, você tinha disponibilidade de uma bolsa e sobravam bolsas, porque obviamente esse também foi um outro ponto que não está suficientemente analisado dentro da universidade, ela nasce com essa perspectiva de formar pesquisadores, mas não considera que nem todos ingressante querem ser pesquisadores, então isso ao longo do tempo foi sendo percebido que o estudante e isso por relatos em sala de aula, por manifestações, muitos querem se inserir no mercado de trabalho, o grupo que quer uma carreira academia, pesquisa, ele acaba sendo muito menor que a expectativa que a universidade tinha, se não era de 100%, pelo menos era de um número elevado.

S – E isso é uma pena né!

G – E aí assim, por força de dezenas de circunstâncias, porque a carreira acadêmica científica, ela é de longa maturação, você na verdade não tem retornos rápidos, a inserção é instável, porque você vai depender de posições, no campo científico que, particularmente na nossa experiência, na experiência brasileira, é muito descontínua, é muito instável, então compreensivelmente, muitos desses ingressantes, até por forças de suas origens econômicas tem necessidades urgentes, prementes, imediatas. Então, esse é um ponto que eu acho que a universidade ainda não avaliou, acho não, to certa, segura, de que a universidade não avaliou suficientemente e retomando a questão do contexto que a gente vive, eu tenho defendido muito com - Eu fui membro do conselho da universidade por 2 vezes, membro do CONCEB, coordenei centros, implantei editora, hoje coordeno o programa de pós-graduação - então eu me coloco de uma forma bastante presente da vida da universidade, porque eu acredito muito no projeto da universidade e eu tenho discutido isso muito com – ou pelo menos tentado, por que nem

sempre encontra eco - com os colegas, a necessidade que nós temos enquanto instituição de nos reinventar, porque são 10 anos da criação da universidade - 11 agora em 2017 - todo aquela construção identitária de início da universidade do século XXI, desse grande diferencial, nós obtivemos sucessos em alguns campos, mas isso já não é mais o core, o elemento central da perspectiva. Os próximos 10 anos, seja por força da experiência que a própria universidade vivenciou ao longo desses 10 anos passados, seja pela conjuntura nacional e até mesmo internacional e seja pelas próprias tensões internas, nós precisamos encontrar o que nos tornará o horizonte dos próximos 10 anos, nós não sabemos, ainda não sabemos. No ano passado, por força da conjuntura política, a gente viveu um acirramento muito grande dentro da universidade também, porque obviamente nós tivemos como marca de origem uma universidade muito associada a Lula, PT, o ABC, tem um professor que está em Portugal agora, que...

S – Sidnei?

G – É, você já teve contato com ele?

S – É, ele inclusive vai contribuir com a pesquisa por e-mail.

G – Então, ele é uma pessoa fundamental pra poder fazer sua pesquisa, ele é um desses, não sei se, o que você sabe do Sidnei, para mim não ficar repetindo aqui?

S – Não muita coisa.

G – Você chegou no nome dele por indicação do Panssareli também, então, o Sidnei ele é uma pessoa muito relevante nesse processo, porque parte da construção do BCH, como eu ti disse, deve muito ao Sidnei no período que ele ficou como chefe de gabinete do Fazio, que foi o reitor, foi o 3º reitor, que foi quem garantiu existência do BCH e garantiu muito, por força, por dessa presença, dessa articulação do Sidnei e ele tem um artigo que foi publicado no estadão, que se você não conseguir com ele você me avisa que eu ti passo, que foi durante a greve de 2012, que foi um momento muito relevante para a universidade, a greve das universidades federais, que ele escreve lá do ABC, da academia, o ABC das lutas, porque ele faz um contraponto entre a origem da universidade, que é ABC, academia brasileira de ciência, do qual pertencia o Bevilaqua, que tem muito a vê com essa característica meritocrática da universidade e o ABC das lutas sindicais, porque na perspectiva do próprio ABC, aqui regional, a universidade publica era uma demanda já antiga e esta universidade, quando vem no governo Lula, ela não vem necessariamente respondendo a esse apelo local, ela vem por força muito grande de uma articulação desses grupos intelectuais, de cientistas, que estavam ligados inicialmente a UFRJ, esse trabalho que eu ti falei que vou te passar, ele vai da clareza disso. Então o que acontece, nós estamos e é uma análise que o Sidnei faz, nós estamos muito na junção dessas demandas - uma da inclusão, que o ABC certamente apresenta e essa da excelência, que esse grupo de pesquisadores, de intelectuais representa - e a gente ainda tá atravessado por uma outra dimensão epistêmica, que é da interdisciplinaridade que ainda contribui, digamos para tornar ainda mais complexa essa equação. Agora, essa, eu tô te colocando esse aspecto, porque veja, ainda que não tenha sido resultado direto dessa mobilização do ABC que é histórica, que tem décadas, esse grupo se fez presente na construção da universidade, até pelas características do ABC que é de região muito mobilizada, muito politizada. Então o momento que nós vivemos hoje, ele é particularmente delicado, porque significa a reversão, não vou dizer que seja a derrota, porque é um momento de refluxo enorme, é um momento de nocaute pra

essas forças políticas, forças políticas do ABC, do PT e do lulismo ao qual a universidade esteve associada. Como eu te disse, no ano passado, no interior da pressão política toda, a universidade se acirrou muito, pelos grupos mais meritocráticos, os tais que eles chamavam aí dos livres, até se você achar que vale a pena conversar com alguns deles, eles radicalizaram a proposta aqui dentro no sentido de dizer que a universidade não era plural, que a universidade tava capturada e aparelhada por esses grupos que estavam ligados ao PT. Eu não sou militante do PT, mas me coloco sempre a esquerda, embora parte desses militantes do PT, eu tenha embates com eles, mas não estou do lado dos tais dos livres. Então vou fazer essa observação mais no sentido de dizer que eu tenho críticas profundas ao mesmo tempo em que reconheço os méritos da política, pelo menos uma parte da política que foi implementada nesses anos do PT, mas assim, tenho críticas profundas aos acordos e aos conchavos...

S – É bem interessante ouvir isso, porque eu já fui muito criticada de que eu tinha que me posicionar, mas eu acho que nós estamos em um momento delicado que é difícil de você se posicionar, porque de um lado você olha e existe a corrupção, ela é está clara e do outro de igual modo, então eu sou totalmente contrária a corrupção, isso venha de onde vier, é difícil você se dizer militante a favor e quando você vê que está claro, mas por outro lado eu não me encaixo no outro lado, porque são ideais que eu não compartilho.

G – Exatamente, eu acho que é delicado exatamente por isso, porque, sem dúvida, eu acho que um grande problema do PT, eu militei a esquerda na época de formação do PT eu cheguei a participar, não aqui em São Paulo, mas em Minas de reuniões que buscavam construir o partido, sempre fui próxima a esses grupos, embora depois tenha entrado para outro, enfim, fiquei na verdade próxima do PCB, mas quando virou PS eu sai, mas cheguei a militar mesmo objetivamente no partido e no sindicato, mas tem algumas questões que me incomodam profundamente, que são da política partidária e política sindical, que são os acordos e conchavos que não permitem – o que que eu acho que é substantivo na democracia - a disposição de que você pode perder e você aceitar a derrota e quando você tem uma militância partidária ou sindical, a derrota não entra na conta, quer dizer, o jogo é muito pesado, é a vitória ou a vitória e em nome dessa vitória faço qualquer negócio, então eu sempre me insurgi contra isso, então eu bato muito de frente com pessoal que é militante mais partidarizado, porque a gente tem sim, a gente não pode negar a existência desses grupos que tem vinculação com o partido dentro da universidade.

S – Na Uninove também tem isso, surgem uns debates lá que eu fico meio assim. A impressão que eu tenho é que as pessoas se fecham ao correto e eu não concordo com isso. Eu acho que as pessoas, elas tem que estar abertas pra ver os erros e fragilidades de todos os lados, você não pode simplesmente se fechar porque eu acredito no partido, o que ele fizer de errado ou não, certo ou errado ele está certo, não, eu não concordo com isso.

G – Não mesmo, eu acho que boa parte dos nossos erros aqui, eu me desgasto muito, uma das razões que eu mantenho minha sala aqui em Santo André, e que me envolvo em atuar na universidade para além das questões partidárias, o que não significa abrir mão da posição política, minha perspectiva é de esquerda progressista, no sentido de avançar, na perspectiva da inclusão, etc e tal, mas não vou compactuar com as questões do aparelhismo partidário entendeu. Do grupeios e aí eu acho que o grupeios eles existem de todos os lados. Efetivamente aqui dentro da universidade, esse grupo de

mobilização, essas conotações partidárias, elas assumiram uma proporção grande e hoje a gente tá em um empasse grande, e num momento muito importante, porque tanto a política externa quanto as relações internas, fragilizaram esse grupo, então ao mesmo tempo eles ainda tem aí sua voz. Por outro lado você tem essa direita, chamamos assim, que se manifestou, que se expressou, pela primeira vez de uma maneira mais orgânica, por esse grupo dos livres, mas eles também não são fortes o suficiente, porque você tem um largo espectro de pessoas muito na sua perspectiva, talvez na minha, porque eu me manifesto mais, eu confronto e eu reconheço que é difícil confrontar e tem gente que não vai ao confronto, aí não vai pro confronto pra esquerda, porque esses grupos partidarizados é um confronto cruel, no sentido de que a destruição da pessoa que faz oposição, dos dois lados, mas eu acho que particularmente da esquerda isso tem sido muito visível, a destruição do daquele que aponta seus erros, e as suas contradições, essa destruição é muito intensa, é muito pesada e obviamente que não é todo mundo que está disposto a assumir isso porque você destrói psicologicamente as pessoas e isso é feito para destruir mesmo, pra anular, pra arrasar. Mas isso eu tô dizendo, porque a universidade é a expressão desse quadro maior e estamos nesse momento delicado de saber como a gente vai reconstruir um espaço que não seja partidarizado, mas que seja capaz de avançar de uma maneira sustentada e sustentável. O que a gente tem conseguido fazer aqui, é garantir naquele espaço micro de comissões, enfim, espaços institucionais que a gente garanta que essa democracia, que essa liberdade e essa possibilidade de você trazer as questões incomodas que isso seja garantido. Acho que estamos conseguindo assegurar isso dos consumes, a gente tem uma coordenação de direitos humanos que foi implantado no ano passado, que estou fazendo um trabalho importante na universidade dentro nessa direção, para garantir as minorias, pra perceber a inclusão interna dos próprios terceirizados, isso tem sido uma preocupação hoje já frequente dentro dessas instancias. Mas enfim, não quero me desviar muito de suas preocupações, mas só para dizer que essa expressão de um momento extremamente delicado que nacionalmente a gente vive, a gente vive também muito intensamente. Você falou que já conversou com o Dácio, né?

S – Já, já conversamos com ele.

G – Então, o Dácio, não sei até onde ele avançou com você, mas ele vai ter um papel muito relevante dentro da universidade nesse período, não sei se vocês entraram nessa questão política mais objetivamente.

S – Um pouco

G – Um pouco né, não sei se ele já revelou pra você que ele é um dos candidatos a reitoria do próximo ano, então a gente acha que ele tem chance de ganhar e vai ser um momento delicado.

S – Vai ter que ter um pulso forte pra segurar tudo isso, eu particularmente tenho uma admiração e respeito grande pela luta do governo Lula e Dilma, na construção das universidades federais, mas aí de repente você começa a analisar os documentos, principalmente os ideais do banco mundial, onde o principal, a principal vontade é extinguir o ensino publico superior gratuito, aí você vê essas universidades e fala, poxa, isso ficou tão vulnerável, tão frágil, né, eu não sei, é uma visão muito minha, porque tenho pouca experiência nisso, mas eu fico meio frustrada lendo isso tudo, porque da um medo de perder isso tudo, porque é um marco para nossa história, foi algo muito

importante, teve dia de eu chorar, falei para meu professor, eu não aguento eu choro, fico nervosa, fico preocupada, porque assusta.

G – É importante que você tenha chorado mesmo.

S – Foi tão difícil conquistar e agora tá ali a um passo de ver isso cair.

G – Então, eu acho que esse risco é real, ele existe, entendeu, em particular esse governo golpista que a gente vive, ele tá tentando construir esse processo de desmontagem mesmo. Tem conseguido em algumas situações. Por isso 2018 vai ser muito, ele é decisivo para a gente. Você tá falando que... eu queria ter levado minha turma as lágrimas aí semana passada, porque realmente foi um momento de emoção, mas eu percebi que eu consegui deixar pelo menos alguns sensibilizados, porque eu vivi obviamente uma parte da ditadura e dos anos 70, e eu falei exatamente isso na última aula, uma das minhas grandes felicidades nos 25, 26 anos que eu tenho de docência era de poder cada vez mais falar, expressar ali, reforçar, valorizar o momento democrático que a gente estava vivendo, ou seja, e a medida que o tempo avançava período mais longo de restauração democrática e tal. E aí perceber esse simulacro que a nós estamos vivendo de democracia, isso dói muito. Então na verdade, é a volta da ditadura de uma maneira que é ainda muito mais perversa, porque ela não é uma ditadura explícita, entendeu.

S – Ela está implícita e o povo não está percebendo

G – Exatamente, é uma ditadura que está na verdade se capilarizando e por isso que eu disse agora pouco da importância de a gente manter nesses espaços mais capilares, uma capacidade de resistência de garantir a democracia e aí garantir a democracia, parece contraditório isso, mas garantir a democracia é também se opor ao aparelhismo entendeu, é também se opor a perspectiva partidarizada e aparelhada, porque isso não é democracia, entendeu, porque a democracia implica a possibilidade da derrota concreta, porque você está na democracia para ganhar ou perder, não é só para ganhar ou ganhar, entendeu, não é para poder manobrar, expulsar, expelir apenas em favor de um projeto de poder, e isso é dramático, então acho que esse ponto realmente que é muito difícil para um país como o nosso, que tem uma escala, que tem um vulto, que tem uma quantidade de interesses envolvidos, para a gente construir essa trama muito sutil e muito delicada que você vai ter que dar sustentação. Eu não estou totalmente pessimista, eu acho que parte dessa juventude que cresceu na democracia, que nasceu na democracia, né, ou seja, vou estabelecer aí dos anos 80 pra cá, 89 pra cá, é uma parte dessa geração eu acho que vai garantir para a gente um avanço. Ele pode ser mais lento, ele pode ser mais difícil, mais penoso, mas eu não estou totalmente desesperançada não, entendeu.

S – Que bom. Isso conforta um pouco.

G – A luta vai ser muito mais difícil. Muito mais penosa, muito mais sofisticada. Eu acho que fundamentalmente da sofisticação, porque você veja, aqui na universidade, nós tivemos muitos alunos que foram para o Ciências sem Fronteiras e foi uma experiência magnífica.

S – Eles terem cortado isso é uma tristeza tão grande.

G – Então, mas parte dessa geração que, experimentou que, percebeu que, viu que é possível, isso não se remove, então eu acho que a esperança tá ali. Na medida em que você tem aquela ideia de que uma vez que você provou, entendeu, que vê que é possível.

S – Não fica mais sem.

G – Não fica, entendeu e a pressão vai existir, entendeu.

S – Eu lembro o dia que eu li que realmente isso tinha sido cortado. Eu falei gente, isso não é possível e cadê o povo que tá calado, que tá dormindo, que não está vendo o que está acontecendo.

G – Sabe, eu gosto muito de uma construção do Vanderley Guilherme dos Santos, que é Professor lá da, que era do IPEJ, que acabou também, que ele tem lá o conceito que ele formulou da subcidadania regulada, que ele vai dizer o seguinte: o conceito de cidadania no Brasil, na verdade essa ossatura jurídica institucional, ela cria obviamente cidadão de primeira e segunda classe, daí essa ideia da subcidadania que regula no sentido que nunca vai ser plena, e o quê que ele diz, ele diz que esse grupo na verdade tem um cálculo e eu acho correto, um calculo de perdas e de ganhos, porque parte desse pessoal, vou pegar o exemplo aqui de São Paulo, que se desloca para as periferias mais longínquas, que tem que enfrentar trem, transporte, do jeito que a gente conhece. Ele sabe da sua vulnerabilidade, ele sabe que ir para um protesto na Paulista, ser preso, ser espancado, entendeu, perder, perder tudo, perder a liberdade, perder a condição física, porque você vai ser, você pode sair dali com sequelas incorrigíveis. Ele sabe que o cálculo político dele é suficientemente apurado para perceber o seguinte, que não tem um background, uma infraestrutura que vai segurar a onda, mas tem um voto que por vezes é surpreendente, mesmo que vote no Dória. como votou agora, eu acho que vota muito no sentido de fazer uma recusa a um projeto que embora tendo sido importante sobre alguns aspectos, fracassou sobre outros, eu acho que esse calculo político dessa população, ainda é uma esperança para a gente. Eu não acho que a gente vai ter grandes manifestações, eu não acho que a gente ter quebra-quebra generalizado.

S – Eu acho que elas estão bem pacíficas, eu acho que se tivesse que rebelar, já tinha rebelado.

G – Pois é, mas eu acho que essa passividade ainda é digamos uma aposta de curto prazo de que em 2018 tem uma eleição, entendeu. Se essa eleição não vier, porque isso já foi colocado várias vezes, o tal do golpe dentro do golpe, aí eu acho que a coisa se acirra mais ainda entendeu. Mas 2018, é decisivo, são aí 16 meses que a gente tem até as eleições de outubro. 16, 17 meses, 15 meses, o que interessa, um ano e meio, que seja até outubro de 2018, que aí de fato essa arquitetura, esse desenho que vai sendo construído. Porque tem muitas pessoas na sua posição, entendeu, tem muitas pessoas que reconhece a ilegitimidade de um governo Temer, que reconhecem o prejuízo do que foi esse golpe, também não aceita simplesmente comprar um discurso de inocência dessa esquerda que não existe.

S – Eu sou BANCOOP, tenho um apartamento da BANCOOP, então assim, e nem por isso eu vou falar, ah, eu vou ficar contra o PT. Porque lá no prédio se eu falar, a gente o Temer não dá. Não é porque houve isso que eu vou ficar totalmente contra, não é meu apartamento, é meu país, é onde eu crio o meu filho e possivelmente vou criar meus

netos. Então a gente não pode se fechar. Eu tento falar isso para os amigos - não você está defendendo - jamais, jamais, eu sou totalmente contra, eu estive lá brigando com o Vacari frente a frente, porque eu nunca fiquei na minha zona de conforto esperando as coisas acontecerem. Eu dei muitas vezes minha cara à tapa ao ponto de parar na delegacia. Entre aspas eu sou militante, apesar de eu ter ficado 20 anos meio que enclausurada dentro de um ambiente de direita, eu nunca concordei com o que eu via ali, e eu fui mais ou menos criada dentro da corrupção, porque, eu cheguei emitir notas para partidos, assim, nota fria.

G – Mas era empreiteira, você trabalhava com empreiteira?

S – Eu não trabalhava, mas nós prestamos o serviço, como assessoria jurídica. Então assim, vou gostar disso, vou compactuar com isso? Não. Mas também não posso ser totalmente favorável ao PT que também fez tanta coisa errada.

G – Fez, eu acho que o ponto mais deplorável, mais inaceitável dessa história é um partido que de uma forma tão arrebatadora construiu sua trajetória se opondo a essa estrutura carcomida e simplesmente fazer essa adesão, essa aliança da maneira como foi feita é inaceitável.

S – Nesse período eu não conhecia, por exemplo, a história da Federal do ABC, a história das outras universidades, aí de repente me deparo com isso e falo, poxa gente!

G – Foi um ganho, foi um avanço.

S – Porque estragar algo tão lindo, ideais tão perfeitos, com coisas tão pequenas, se for analisar, eles não precisavam disso.

G – O problema é, o seguinte, parte desses militantes vão dizer que tudo isso foi feito para viabilizar esses projetos.

S – Mas não é.

G – Pois é, acho que é assim, não podia.

S – Você rompe com seus ideais, você corrompe um projeto, eu ainda tenho hoje a oportunidade, ainda sou beneficiada com isso de poder conhecer a história, aprofundar a pesquisa e abrir novamente para isso, mas muitas pessoas ficaram incrédulas e deixaram de acreditar, porque não conhece o outro lado, não sabe as coisas boas que vieram, os frutos que saíram, então assim, por isso que eu falo, gente eu não sou contra e não sou a favor. Eu sou contra a corrupção, mas eu não sou contra as lutas, contra as vitórias que eles conquistaram, sou contra não, sou totalmente a favor, então assim, só que por outro lado você vê outro partido, que quer queira quer não, o que eles fizeram de tão bom pra gente, você vê que os dois dão o braço e saem de mãozinha dada e saem caminhando no parque, os dois lados estão iguais, só que uns tiveram vitórias importantes, eu não posso dizer que o outro não teve, porque nunca aprofundei na política e eu particularmente não gosto de política, mas já estou tão inserida, aí eu falo não, agora eu tenho que ler política, eu tenho que viver isso, então é assim - vou em manifestação - vou, porque eu acho que a gente tem que viver isso, você é contra, você é a favor, eu acho que você tem que tá lá, afinal de contas eu sou brasileira e eu tenho meu filho e eu ensino meu filho, olha vá, acompanhe, participe, até para você poder se posicionar um dia e dizer, olha, eu acredito nisso, eu não acredito.

G – Então, veja, eu acredito que é exatamente isso, essa é a nova face do país hoje, porque isso é fundamental, porque você disse, não gosto de politica, mas a sua fala o tempo todo é de alguém que se politizou, é de alguém que se colocou dentro de um espaço publico e reconhecendo que se você não se manifestar, ou seja, que sua atuação ela também é parte desse processo e que sua omissão vai reforçar parte daquilo que você não concorda, que você precisa se posicionar, então acho que é isso que...

S – A gente tem que sair da zona de conforto.

G – Exatamente.

S – Não dá pra ficar ali, a não, tem outras pessoas que vão lutar por mim, não, hoje eu sou professora, eu quero ver isso mudar, eu de fato acredito na educação, acredito que por meio da educação, eu acho que a gente chega em algum lugar, por isso, quando a professora fala essa questão da pesquisa que os próprios alunos já não tem interesse, que eles só querem cair no mercado e ganhar dinheiro.

G – Na verdade sobreviver, não sei assim, não todos evidentemente, tem aquele que gostariam de enriquecer, mas tem alguns que tem um projeto modesto e eu acho que perfeitamente legitimo, de ter uma vida digna, descente, de ter um salário.

S – É legitimo, mas ai tudo acaba ai, né?

G – Pois é, mas ai que eu vejo o seguinte.

S – Nós voltamos ao tecnicismo.

G – Não necessariamente, eu acho que o nosso alunado obviamente que a gente tá falando de uma maneira muito genérica, que tem de tudo, mas você tem uma percepção e uma construção de que uma parte deles, de que esse espaço só foi possível por força de uma mudança politica, seja esse espaço de formação, as oportunidades que eles tiveram, eu te falei do ciências sem fronteiras, eu lembro de uma vez que eu fiz uma longa trajetória com aluno e eu normalmente uso transporte público aqui - o metrô e o trem - e teve um dia que deu uma pane qualquer, chuva, sei lá qual foi o problema, que o trem não funcionava e única forma de sair daqui era pegar um elétrico que ia para São Matheus, que passa aqui do lado, então eu peguei esse elétrico e coincidiu de ter um aluno nosso, que foi meu aluno, foi esse longo projeto e o menino tinha ido para o ciências sem fronteiras, morando lá no fim do mundo, lá em São Matheus, lá em condições precárias e esteve, não lembro mais se foi no EUA ou na Inglaterra, mas assim, teve uma experiência de um ano fora do país, que só foi possível, porque ele estava dentro dessa universidade, dentro de um programa do PT, com essas características e tal, ou seja, aquilo abriu inteiramente a vida dele e em particular esse garoto, ele tinha a capacidade de discernir que não era só o mérito pessoal, tinha o mérito pessoal, mas tinha condições estruturais que permitiram, que se modificaram, que permitiram a ele ter essa oportunidade. Então é assim, eu aposto e eu acredito – pode ser uma ingenuidade - que uma parte significativa desse grupo que teve acesso, vai ser capaz de discernir, quer dizer, não repetir os erros que o PT nos negou, mas perceber que o caminho da politica e de uma politica de esquerda é necessário para você garantir os avanços.

S – Isso não para ai, né?

G – Não, não para.

S – Se não tiver uma visão dessa forma, a coisa...

G – Exatamente, então assim, que é construção, que é projeto, que tem que ser obviamente construído, passo a passo, ombro a ombro...

S – É bom ouvir isso, eu me animo um pouco mais professora, porque olha...

G – Mas assim, é uma expectativa que eu tenho pela convivência, como eu te digo, desse alunado, dentro da universidade, mas isso não tá isento de contradições e isso é um processo de longo curso, de longo prazo, mas assim mudamos, o fundamental é isso, mudamos, provamos de algumas possibilidades, então isso tudo vai deixando uma marca, isso tudo vai deixando, isso tudo é parte do processo.

S – Faz as pessoas pensarem.

G – Faz pensar, então por isso que eu volto na questão do Vanderlei Aguiar aquela questão do cálculo, então eu vou pegar esse exemplo desse aluno, então tudo bem, ele não é um despojuado absoluto, porque ele já teve acesso a um ensino superior, já teve acesso a uma universidade, um plano internacional, ele foi ali, digamos, exposto a outra língua que ele treinou para ter a possibilidade, se não de domínio, mas pelo menos de acesso ao inglês, isso tudo teve uma somatória, esse caso dele se multiplica, se multiplica aqui, nos sertões, nos brotões, aonde as universidades públicas, os institutos federais tecnológicos foram levados, quer dizer, você tem ali um, e esse é um outro ponto que eu acho fundamental de a gente prestar o Brasil, essa escala, esse vulto, então eu imagino que sua experiência com seu professor, com seu orientador, é, eu gosto muito de Portugal, teve uma época que eu fui, o mais feliz que eu pude ir umas 2 vezes, teve ano que fui até 3 vezes a Portugal e é uma experiência muito interessante eu o contraponto de a gente olhar o Brasil puro de Portugal, olhar o Brasil a partir de Portugal e óbvio, olhando Portugal daqui, é muito curioso essa dimensão da escala do vulto, do gigantismo que é esse país, isso ganha, se amplifica, muitas vezes a gente perde isso quando nós estamos aqui, mas como Portugal é muito mais concentrado, é uma espaço em que as questões podem ser, digamos, percebidas e lidas de uma maneira mais compacta, ao contrário do Brasil, porque a realidade do Amazonas é uma realidade distinta de São Paulo, que é distinta da Bahia, que é distinta né, de Mato Grosso e você conseguir entender o que aquilo une tudo isso, é difícil, mas eu acho que ao mesmo tempo que você tá estudando esse sistema, a gente pode entender que esse sistema na verdade, ele introduz no universo das nossas relações a possibilidade de uma experiência concreta, de que assim, de que um outro mundo é possível mesmo, de que uma outra experiência é possível, então por isso que eu acho que não tá tudo perdido não, eu acho que esta experiência, esse provar, acho que esses 13 anos não foram em vão, eles tem uma conta, um acerto a ser feito, que eu não sei se o PT vai conseguir fazer, eu tenho minhas dúvidas, porque é uma, a sua formação, a formação política desse grupo, eles tem uma dificuldade muito grande de fazer auto crítica e sem uma auto crítica profunda, eles não conseguirão, eu entendo, superar, vai ter que fazer essa auto crítica.

S – Às vezes você tem que descer um pouquinho para voltar a subir..

G – No caso vai ter que descer muito e não tá descendo.

S – Tem que ter humildade.

G – Tem, primeiro ponto, então assim, eles tem um acerto de contas a fazer que, precisa ser feito, agora, eu acho também, vou usar aquela expressão que você já deve conhecer, não da pra julgar, a água do banho fora com o bebê, então não da pra dizer que foi uma política inteira arrasada, porque não foi, tem legados, tem ganhos e ai eu aposto e confio que essas novas gerações e parte daqueles que vivenciaram junto com essas novas gerações, sejam capazes, esses grupos sejam capazes de depurar isso no período. Nesse momento eu ainda acho que é de perplexidade, de apreensão, de não querer meter né... Não tem aquela história de que gato escaldado tem medo de água fria, entendeu, então assim, não quer entra numa furada de novo, não vai dar mais cheque em branco.

S – O povo tá bem assim, receoso, tá bem....

G – Tá, tá cauteloso, é importante que essa cautela se estabeleça, porque eu acho que a cautela que precede a tomada de uma posição, que precede a compreensão e uma certa convicção que você vai ter, ela é fundamental, porque quando essa convicção vier, quando essa posição vier, ela vem de uma forma mais sustentada, mais segura, mais forte, mais balizada, então assim....

S – Esperemos, como a professora disse, em 2018....

G – É chave, eu to ai na minha contagem regressiva, porque...

S – Acho que eu comecei agora, a professora tá dando um choque de realidade.

G – Não, mas é verdade, a gente tem que olhar para o lado, olhar pra frente, olhar quais são os elementos todos e liga nosso relógio pra ver essas forças que se movimentam, que se aglutinam, acho que é assim, é um país desafiador, é um país que compete a nós realmente decifrá-lo.

S – É um país fantástico, é um país maravilhoso e desafiador e cabe à gente lutar por ele.

G – E decifrá-lo, porque eu acho o seguinte, ele vai nos colocar esses desafios que a gente não pode abrir mão deles.

S – É verdade, é algo assim que não da pra você fechar os olhos e falar, a não, eu não participo dessa luta, eu não faço parte. Como não?

G – Deixa eu te falar, você tinha mandado umas questões, mais estruturadas, a gente não trabalhou com essas questões, você quer?

S – Eu gostaria professora.

G – Tá, então...

S – Assim, eu vou ser sincera, o papo tá tão gostoso que eu ficaria o dia aqui com a professora.

G – Não, vamos nos concentrar.

S – A professora deve ter outros compromissos.

G – Tenho, mas não é só por isso, mas... Você precisa das suas informações.

S – Então, o meu trabalho professora, inicialmente, meu objeto de pesquisa seria a formação continuada dos professores da UFABC, porém ai analisando o PDI e conversando com alguns professores, que nós já conhecíamos lá na casa, o professor Daniel mesmo, tá o tempo todo conosco lá nas bancas, nós nos demos conta que não existe um modelo de formação continuada. Então foi um momento que eu e meu orientador conversamos e a pesquisa tem que abrir para outros olhares, tem que tomar um novo rumo. A formação continuada continuou como o núcleo da minha pesquisa, porém nós abrimos para inclusão social, interdisciplinaridade, que é algo que eu não tenho como fugir e os modelos pedagógicos e ai surgem as questões, que é o que está inquietando nós. Ai eu gostaria de saber da professora, como insere na prática pedagógica a diversidade cultural e epistemológica?

G – Então, eu vou....

S – Eu sei que muito das perguntas à professora já foi meio que tocando durante o nosso bate papo, agora é mais para direcionar.

G – Então, eu acho que é assim, evidentemente são dois aspectos distintos, acho que é assim, o perfil do nosso... Para responder essa pergunta, eu acho que a gente tem que pensar um pouco no perfil do nosso docente. O docente que ingressou na universidade nas primeiras levas, isso depois foi variando um pouco, mas ele foi um perfil basicamente de um recém doutor, então eram professores com menos de 40 anos em geral ou perto dos 40 anos, que por vezes com uma formação acadêmica sofisticada, mas pouca experiência profissional, em algumas áreas, obviamente teve as exceções, como eu e entre outros, que já tínhamos tido uma experiência docente e no campo profissional maior que ingressamos também, então isso foi um dado, que certa forma estabeleceu um pequeno contraponto, mas não é um contraponto tão expressivo, o grupo de jovens doutores, recém doutores, de pessoas que tinha chegado de um pós doutorado, estavam fazendo pós doutorado, isso foi uma massa, a composição maior do corpo docente da universidade, então acho que esse elemento da pra entender parte da vitalidade da universidade na sua construção, no seu processo de construção, ainda hoje, desde o início e ainda hoje, você vai entrevistar as pessoas que você selecionou e você vai ver que são todos muito mais jovens, tanto a Cristina, Adalberto, são pessoas ai, um com menos de 40, outros com pouco mais, isso traz para a gente é, muita energia, muita vitalidade, então a diversidade, eu não sei se você está pensando diversidade, em que plano você tá pensando diversidade, mas eu posso te dizer que do ponto de vista do corpo docente, a gente tem uma diversidade relativa no sentido de que tem uma composição maior desse ingressante mais jovem como docente, como doutor, a gente ainda tem, fizemos um levantamento recentemente, ainda a gente ainda tem um percentual mais reduzido de mulheres na docência, eu acho que está em torno de 40%, ou seja, o corpo docente ainda é majoritariamente masculino, isso tem levado inclusive a uma discussão dentro do próprio conselho universitário, para estabelecer que essa política de inclusão de mulheres, a questão da diversidade étnico racial que foi recentemente, você já deve ter essa informação, tivemos um concurso específico para que pudesse garantir a entrada de negro, de professores negros, nós já tínhamos alguns professores negros na universidade, mas também um percentual muito menor, isso do ponto de vista do corpo docente. Do ponto de vista do corpo docente, a gente tem uma

variedade maior, a gente tem uma variedade maior na composição étnico racial e esse é um ponto muito positivo, essa é uma universidade que nós vamos encontrar alunos e alunas negras com uma frequência maior que em outras, no nosso programa de pós graduação de ciências humanas sociais, nós implantamos, discutimos e implantamos um percentual de cotas, é o único programa da universidade que tem as cotas para afro descendentes e indígenas, isso tem modificado a composição, tem sido interessante e para além da questão étnico racial, acho que tem um ponto muito positivo dentro da universidade, que a população LGBT também tem alcançado muito espaço, então a gente tem, por exemplo, a gente tem uma aluna muito engajada, que é uma aluna trans que coloca-se de uma forma muito efetiva nessas discussões, os coletivos aqui dentro dos discentes também tem se manifestado, tanto os coletivos LGBT, quanto os coletivos feministas, então eu diria pra você que a gente tem do ponto de vista de um espectro de presença de grupos sociais distintos, a gente tem um bom espectro, a gente tem uma boa formação e sobretudo, não só uma existência efetiva, mas uma existência também política, porque são grupos que tem se organizado, tem se manifestado, que tem atuado, que vão para o consUni, que a gente tem várias, em varias oportunidades, seções em que se manifestaram, em que buscaram, que aprovaram moção, estão agora buscando, a gente tem um observatório LGBT dentro da universidade que tá ganhando mais relevância, densidade, a própria coordenadoria de direitos humanos tem privilegiado essa questão dessa discussão e para além das questões étnico raciais e de gênero, um elemento fundamental da universidade é a população deficiente, então a gente tem essa preocupação, nós temos não só docentes com um grau de deficiência muito efetivo, muito real, com muitos problemas de locomoção, deslocamento, no entanto que ingressaram não porque houvesse cotas, importante que se diga, ingressaram dentro do contexto do concurso.

S – Fora das cotas.

G – Fora de cotas, agente não tem cotas para deficientes, ainda nem ingressantes na pós graduação, até se tentou em determinado momento, a gente teve até a presença desses grupos que são deficientes auditivos e visuais na Proap que é nossa pro reitoria, o pró-reitor anterior ele tinha uma preocupação muito grande, ele faz vários eventos e ele tinha preocupação com a acessibilidade que nesse campus, eu particularmente, isso é real, a gente vê que é muito maior a preocupação com a acessibilidade e em São Bernardo a gente ainda tem alguns problemas, essa semana mesmo eu estava vendo, a gente tem um professor nosso da biomédica, que é uma área de, que desenvolve muitos projetos para tecnologias assistivas e a gente tem um professor lá, que tem uma deficiência muito severa, que ele usa as muletas e a dificuldade dele, porque não se tem rampas em determinados ponto do estacionamento, então ele tinha que subir pela grama que não é acesso, aquilo me deixa muito incomodada e esse outro professor que te falei que até da física, que também tem uma deficiência muito severa, ele tá preso numa cadeira de rodas com pouquíssima mobilidade, lá o campus você tem essa deficiência, aqui não, você tem as rampas, consegue uma mobilidade muito maior, uma acessibilidade muito maior. Então assim, eu acho que do ponto de vista de diversidade, a universidade é muito vitoriosa, acho que assim, essa diversidade existe concretamente de fato e existe politicamente, existe até de uma forma cada vez mais orgânica, mais sistêmica, em que esses grupos têm voz, esses grupos são ouvidos, esses grupos se manifestam, sem nenhum temor, ou seja, não há invisibilidade, então acho que isso é importante. Na questão epistêmica, eu já diria para você que é mais delicada, porque a questão da interdisciplinaridade, até amanhã e depois eu vou tá em um evento lá em limeira, participando de uma mesa que eu acho muito importante, que é um grupo da

UNICAMP, não sei se você conhece a faculdade de lá, que a mesa é interdisciplinaridade: uma questão de método, eu achei muito provocativa essa mesa e aí assim, a defesa que eu vou fazer não é só uma questão de método, mas ela precisa de uma base institucional, então no caso esta universidade que é a UFABC, garante essa base institucional certamente lá também e aí você tem outro desafio que é a construção dessa interdisciplinaridade, porque ela não tá dada a priori, ela não é uma questão de um método em abstrato como supostamente a ciência moderna construiu a sua lógica de justificativa, a sua lógica como método, tendo uma precedência e uma pré-existência e cada vez mais se verifica que o método interdisciplinar, que a interdisciplinaridade é uma construção e que, portanto, para essa construção você tem que ter uma disposição mental, você tem que ter uma disposição epistêmica e não necessariamente isso tá dado, então acho que aqui na universidade apesar de ser um dos pilares, ainda é uma contradição, porque você vai encontrar muito grupos docentes que trabalham no sentido contrário, trabalham no sentido da disciplinarização. Como é que isso se manifesta, por exemplo, em alguns cursos da pós-graduação, a gente tem percebido que há um movimento bastante visível de pós-graduação, até mesmo nas humanidades, que tão buscando campos disciplinares para formar sua pós-graduação, então, por exemplo, a gente já tem...

S – Ele foge da interdisciplinaridade.

G – Foge da interdisciplinaridade, no campo das exatas a gente, a que não é tão expressiva assim, não é tão grande aqui, mas é totalmente disciplinar aqui que foi a engenharia elétrica, por exemplo, disciplinar por excelência, no caso das humanidades a gente recentemente, começou agora esse ano o ingresso, a aprovação do APCN que foi em economia, é um projeto bem quadrado, tem um outro projeto que tá meio parado, mas que a perspectiva é disciplinar que era das relações internacionais, embora as relações internacionais elas tenham na sua origem uma perspectiva de trabalhar com campos distintos de saber, ela é mais multidisciplinar do que propriamente interdisciplinar, então também a gente percebe isso, então do ponto de vista epistêmico, eu posso te dizer que há uma disputa e que essa disputa ainda não está apontando que haja, digamos, um avanço significativo na perspectiva, mesmo, mais propriamente interdisciplinar, eu diria que esses 10 anos futuros, como conversamos anteriormente, eles vão também ser decisivos pra verificarmos se esse projeto interdisciplinar de fato se construirá, se efetivará, se realizará, porque até agora a questão tá muito mais dada pelas intensões, por algumas realizações, algumas tentativas, mas ela não é plena, ela não se instalou na sua plenitude, ainda é muito forte a herança disciplinar. Óbvio que a gente diz entre os professores que a nossa grande aposta serão os alunos que estão se formando, aí sim a gente percebe na parte daquele alunato que entende o projeto, que entende até no sentido de aderir, porque é óbvio que existem recusas, mas aqueles que abraçam mais intensamente, eles são de fato muito mais qualificados epistemicamente inclusive.

S – Mas aí assim, nós direcionamos o olhar para o professor e a prática pedagógica, a professora acredita que esses elementos contribuem para a prática do professor para essa questão da inclusão da diversidade?

G – Você diz os elementos da...

S – Todos esses elementos que a professora citou. Aí o professor enquanto prática.

G – Eu diria que o nosso professor aqui, em graus variados ele já incorporou, ele pode até não aceitar inteiramente, mas ele sabe que é parte da cultura do ambiente no qual ele está inserido, que é esses 3 pilares, excelência, interdisciplinaridade e inclusão são elementos condicionantes das suas práticas. Eu diria pra você que ainda é uma escala muito diferenciada entre aqueles que aderem profundamente, intensamente e aqueles que digamos, só mais formalmente, ou até aqueles que nem formalmente, eu diria que são níveis distintos, acho que tem uma boa parte que sim, que se dedica a tentar construir nessa perspectiva e alguns são mais formais apenas e em uma parcela reduzida que vai recusar, que vai desqualificar o projeto. Não sei se isso ti responde sua pergunta.

S – A professora comentou que hoje a professora é coordenadora da pós, a professora tem turmas assim de aula também ou fica na coordenadoria?

G – Sim, sim, eu leciono. Graduação e pós.

S – Que legal.

G – É que pesado.

S – Eu falei o sentido de NOSSA! Porque eu vejo a luta dos professores lá, não é fácil conciliar as duas coisas.

S – E aí professora, enquanto professora, de que forma a professora insere?

G – As questões interdisciplinares.

S – É, essa questão da inclusão mesmo.

G – Olha, eu insiro formalmente pelo debate, por exemplo, dependendo da disciplina, obviamente, mas eu vou te dar um exemplo: na graduação no ano passado, eu estava com uma disciplina que chamava, foi até uma ementa que eu propus, trajetória de ciências de tecnologia e inovação no Brasil e tem outras ementas que eu propus, então por exemplo, nesse caso dessa disciplina, eu dediquei um espaço a pensar na chamada tecnologia social, ou seja, que é todo um campo de discussão dentro da política científica tecnológica, de como você trabalha em um perspectiva de aproximar ciência de tecnologia das necessidades, das carências e das vulnerabilidades da nossa sociedade. Então assim, isso é um campo de conhecimento, com muitos pesquisadores, com processos, então na minha perspectiva, sempre que possível - e aí eu tento fazer com que isso seja sempre possível - eu insiro esses conteúdos, essa última disciplina da graduação desse quadrimestre foi identidade e cultura, então dentro da disciplina identidade e cultura você vai trabalhar com formação social do Brasil, então você vai fazer uma discussão sobre as questões da desigualdade, das estruturais, sobre diferentes aspectos historicamente como que isso se construiu. Na pós-graduação, da mesma forma, até porque trabalho com disciplinas que vão discutir desde aspectos da interdisciplinaridade, até os projetos, a construção dos projetos, então essa ainda como uma preocupação pessoal, isso é sempre um elemento, seja pelos autores, pelas temáticas, isso está presente, como um compromisso pessoal mesmo de trazer essa discussão. Sei que muitos colegas tem essa perspectiva, mas isso também não está aferido, não está quantificado dentro na universidade.

S – É algo que realmente está fora do..é o perfil do profissional, mesmo né?

G – Exatamente, é parte do projeto, mas isso até a gente tem as pesquisas de avaliação, da CPA, da comissão própria de avaliação, mas não tá suficientemente quantificado não.

S – E quais os obstáculos à inclusão da diversidade cultural e epistemológica na prática pedagógica da professora?

G – Ai você tá falando mais da minha perspectiva pessoal né?

S – Isso.

G – Olha, eu acho que é assim, nós temos uma questão, que eu não vou nem dizer que seja um obstáculo, mas uma forma de tentar aprender a lidar com o quadrimestre, o quadrimestre é um modelo que não tá suficientemente modelado, embora sendo ai repetitivo, porque veja, um quadrimestre não é semestre compactado, não é um semestre que você empurra dentro do quadrimestre. A perspectiva que eu vejo do quadrimestre que eu tenho procurado trabalhar com os alunos, ele vai muito no sentido de você despertar os interesses, de você fomentar a curiosidade, de você buscar por vezes uma fala, preposição, uma junção que você faz ali, uma com a correlação que você estabelece, que seja disparadora, que seja capaz de provocar o nexos, capaz de provocar com relação mesmo no processo de aprendizagem do aluno, da aluna, ou seja, resumindo, o quadrimestre é um desafio que não seja a ser um obstáculo, sua pergunta é sobre obstáculo, eu recolocaria, eu digo assim, não é um obstáculo, é um desafio, porque o desafio de você ter a questão da profundidade, que o quadrimestre não permite na sala de aula, ou seja, a profundidade, a densidade disso vai ter que ser buscada pelo alunado e ao mesmo tempo saber dosar, saber calibrar a quantidade de informações, de textos que vão ser introduzidos, então eu acho que esse é um dos desafios. Ai assim, fazer uma discussão teórica sobre a diversidade, como eu te falei, eventualmente pode ser feita dentro de uma disciplina como essa de identidade e cultura, agora, reconhecer a diversidade dentro da universidade, acho que isso tem sido possível até pelo próprio modelo que a universidade tem, então acho que dessa forma tem conseguido.

S – Fora o fator quadrimestre, a professora acredita que tenha algum outro, vou manter o termo, algum outro obstáculo que venha prejudicar?

G – Eu acho que obstáculo é por vezes que a gente vai encontrar na prática pedagógica são, como nós temos um alunado diversificado e já houve situações de recusa de grupos dentro da própria turma para determinados temas, por exemplo, quando você vai tratar de questões ai, de novo questões de cota, étnico raciais, isso a gente vai encontrar resistência, elas não são tão frequentes, mas elas já existiram de determinados grupos, em geral, grupos mais bem situados economicamente, socialmente, que vão recusar, uma certa abordagem, por exemplo, essa questão que a gente falou agora a pouca da questão da esquerda dentro da universidade, de uma esquerda mais partidária, eu já desisti, eu não vou mais para internet, para facebook, mas assim, isso já foi objeto de muitas polemicas e muitas controversas no mundo virtual, no mundo da internet, de alunos recusando esse viés mais esquerdista, mais politizado, ai colocando isso tudo, a universidade, os professores, esse digamos, de novo, eu vou dizer assim, não digo que vou trabalhar literalmente com a perspectiva de obstáculo, embora esteja na questão, mas também é um outro desafio, ou seja, a gente vai encontrar resistências de alguns grupos dentro da universidade de alunados perante um viés mais politizado de alguns

professores. Eu particularmente não tive tantas dificuldades, porque como eu tenho uma perspectiva digamos, menos, menos não, não tenho a perspectiva partidarizada, eu tenho uma perspectiva que é politizada, mas não partidarizada, eu nunca tive assim, grandes dificuldades, embora eu já tenha tido as manifestações, que eu acolho, que eu reconheço como relevantes ali no debate, mas a gente tem relatos de caso, assim de problemas de professores que saíram de sala de aula por conta desse embate, por conta dessas dificuldades de serem questionados nas suas posições e você tem casos de outros professores que, como eu falei, não são só os professores da esquerda, mas em menor grau os professores mais identificados com a direita que também já tiveram problemas no outro lado, no oposto, ou seja, por manifestar suas posições mais de direita, a direita é que foram também hostilizados por alunos, então essa diversidade do ponto de vista da política, houve fricções. Do ponto de vista da, digamos assim, nós temos muitos relatos, que ai eu não sei se isso atende sua pergunta, relatos de alunas que relatam assédio moral, assédio, com conotação sexual, de professores, mais frequentemente nessa área da engenharias e particularmente no campo da gestão, a gente tem o curso de engenharia de gestão, em que relatos são muitos frequentes, em que os professores fazem piadinhas de mau gosto, teve um relato agora recentemente. A gente na semana das mulheres em março, essa coordenação de direitos humanos que eu ti falei, eles fizeram uma - achei muito interessante - uma exposição que é o machismo de todo dia, eles buscaram relatos que não precisavam ser identificados, de experiências de machismo. E ai você tinha vários, inclusive de alunas dizendo que foi pedir revisão de prova e o professor ficava convidando para sair e associando a questão da revisão da prova, enfim, coisas do gênero. Então assim, isso existe, obviamente que isso é mais abafado, porque principalmente as moças que são assediadas, elas se sentem muito vulneráveis de expor isto de uma forma mais efetiva, mas enfim, existe esses conflitos por força, digamos, eu acho, porque a relação não é tão homogênea, que existe uma diversidade maior.

S – E a professora considera-se ser uma professora tradicional, monocultural ou pelo contrário promove nas suas aulas a diversidade de saberes e a interculturalidade?

G – É, com certeza o segundo ponto, eu procuro de fato essa, eu procuro fomentar o debate, procura valorizar a diferença.

S – Até pelo fato da professora acolher essa questão da política.

G – Exatamente, e assim, sempre reconhecendo de uma forma muito sincera o direito das pessoas de serem de direita, eu já disse, não é minha preferencia, mas eu acho que as escolhas são as escolhas, eu acho um equívoco, mas reconheço o direito das pessoas de serem conservadoras. Eu só não aceito, obviamente, em classes, qualquer tipo de manifestação racista, homofóbica, machista ou coisa do gênero, ai realmente eu não vou aceitar, mas do ponto de vista do plano das ideias, de eu dizer que é contra o estado, é pelo estado mínimo, enfim, é a favor do golpe, isso não chegou a acontecer, mas se porventura acontecer, eu levo a discussão até certo ponto, e, havendo como haverá um certo impasse, eu falo, olha, é um direito das pessoas terem suas posições e a gente, vamos adiante.

S – É vida que segue

G – Exatamente, eu não concordo, mas vamos em frente.

S – Tendo presentes os princípios do PDI, novo modelo pedagógico, inclusão social e interdisciplinaridade, como a professora operacionaliza esses princípios na prática pedagógica? Eu sei que parece um pouco repetitivo com a questão anterior, porém é mais focando cada um a um, o modelo pedagógico, a inclusão e a interdisciplinaridade.

G – A questão interdisciplinar ela é uma preocupação, bom a inclusão, é assim, de certo modo, eu particularmente nas minhas práticas eu valorizo, procuro valorizar dentro, sempre que as oportunidades se colocam, valorizar a importância de ter no projeto essa perspectiva de inserir, de ter um modelo que tenha ali um percentual previamente determinado, definido, para trazer esses outros grupos sociais, então esse é um ponto. A questão da interdisciplinaridade, ela de fato é mais difícil, como eu lido com isso, eu procuro sempre nas minhas disciplinas trazer autores e contribuições, de escolas teóricas distintas, mas também de disciplinas distintas, então, por exemplo, e sempre demarcando nos conteúdos, olha aqui nós temos uma visão da sociologia ou do sociólogo, vou pegar o exemplo de identidade cultural, que foi a última disciplina ministrada, eu trabalhei com textos de antropólogos, sociólogos, historiadores, não vou dizer que seja exatamente dos economistas, mas que tinha ali um viés da economia, informações base, estatísticas, então em cada desses conteúdos, eu tô dizendo, olha, a gente tá analisando um mesmo objeto, problema, sobe ângulos diferentes e sobe aportes disciplinares diferentes, então você veja, de que maneira a antropologia, esse antropólogo em especial, está debruçando, está discutindo, está refletindo sobre esse problema. Então a gente trabalha o texto, agora a gente vai ter uma abordagem da sociologia, então vamos perceber quais são as ênfases, quais são as particularidades, aspectos valorizados. Então eu procuro trabalhar a interdisciplinaridade, depende obviamente da disciplina, mas sempre trazendo aportes distintos e distinguindo e discernindo em sala de aula o que são as contribuições, desses autores, e dessas disciplinas pra aquele objeto e qual é a variação, qual é distinção de angulação que cada um traz na abordagem do tema. Dessa maneira que eu tenho buscado trabalhar, acho que existem outros desafios que a gente ainda não conseguiu levar adiante, que são desafios mais, de trabalhar com as áreas, que são obviamente muito mais distantes, por exemplo, das humanidades com as áreas da biologia ou da física. Em algumas disciplinas, por exemplo, bases epistemológicas, até porque eu não me né, o caráter da disciplina me permitia, eu procurava fazer isso mais de perto. A gente tem uma disciplina obrigatória, básica que é essa base epistemológica da ciência moderna, então essa perspectiva epistêmica na direção da interdisciplinaridade, tinha mais espaço para ser trabalhado. Então o que eu posso dizer pra você é o seguinte, de certo modo se apropriar da disciplina, das possibilidades e construir essa perspectiva interdisciplinar no processo mesmo de mostrar como os conhecimentos são diversos, mas por vezes trabalham o mesmo objeto, mas a diversidade no caso dessa perspectiva interdisciplinar ela se manifesta pelas angulações, pelas ênfases, pelas verificações, então por exemplo, eu falei do viés da economia ali associado com sociologia, então uma base quantitativa maior com muitas pesquisas, levantamentos, estatísticas, então isso é uma ferramenta, um instrumento que a economia traz de uma forma bastante efetiva e que a sociologia, por vezes, se vale dela, ou seja, essa polaridade entre quantitativo e qualitativo. Então eu sempre procuro obviamente de novo, dependendo da disciplina e do conteúdo, apontar essas contribuições distintas que são mais particulares ou mais específicas daquelas áreas de saber, para que eles possam ir, na verdade, calibrando um pouco esse olhar, essa perspectiva de perceber que os conhecimentos, que os conteúdos, eles tem características que lhe são mais próprias e mais particulares e como é que isso converge em relação a um determinado tema, a um determinado objeto.

S – E aí considerando a inclusão, a professora acredita que os alunos eles acabam acompanhando?

G – Então você sabe que as pesquisas tem mostrado, inclusive daqui, que assim, e aí até por força de experiência em outras universidades, o aluno mais desfavorecido financeiramente, materialmente ele por vezes tem uma vontade, uma determinação que, e aí os indicadores mostram isso, que fala essa aderência, essa determinação, faz com que eles vençam no curso, ao longo do curso as defasagens. Então o ingressante, há uma diferença muito grande entre o ingressante determinado, que busca, e que absorve, é muito visível quando ele sai o egresso, ele sai de fato fortalecido.

S – E na ausência de um modelo de formação continuada para os professores da educação superior, quais são do ponto de vista da professora as atividades que poderão ajustar-se a uma formação continuada dos professores, da educação superior, mais especificamente nessa universidade?

G – Então, a gente não tem uma política, você já percebeu, não tem uma política.

S – Não existe política, e não existe modelo?

G – Não, não existe uma política e não existe um modelo. Acho que assim e também não existe uma demanda. Acho que é importante isso, não existe demanda dos professores da universidade, porque? Como são todos doutores, eu acho que existe um grau de autonomia intelectual e até digamos, uma perspectiva que se coloca do ponto de vista dos próprios docentes, de que essa formação continuada vai se dar muito no campo da sua própria pesquisa, ou seja, a pesquisa é uma ênfase muito grande e portanto a atualização, a formação, ela tá inserida nos seus grupos, tá inserida na sua atualização, então por exemplo, a gente tem um frequente, a nossa participação nos congressos internacionais, nas sociedades científicas nacionais e internacionais, isso vai dando aquele, digamos, aquele diferencial mesmo de uma atualização permanente, então por isso enquanto formação continuada não tem, a gente não tem o político, não tem o modelo e não tem uma demanda, porque isso é suprido, é resolvido pela pesquisa, pelos grupos, por essa perspectiva mesmo de tá produzindo, publicando, se atualizando, se renovando.

S – Aqui essa pergunta, a professora acabou de responder, já dizendo a contribuição da pesquisa, eu só vou falar mesmo para deixar claro, se professora tiver mais alguma contribuição a respeito. Em que medida os projetos de pesquisa em que a professora participa contribui para sua formação continuada e para prática pedagógica?

G – Então, eu acho que é assim, tem uma questão que eu até sempre coloco em discussão sempre que possível, existe uma expectativa, uma demanda e uma perspectiva sobre tudo dos docentes da universidade, não vou dizer que seja totalidade - que obviamente isso não existe - mas de um bom número, que é aquela perspectiva mesmo Humboldtiana, de que você é docente porque pesquisa, você dá aula porque pesquisa, ou seja, que sua atividade, sua prática docente esteja na verdade, seja derivada, seja uma decorrência da pesquisa, então isso é um ímpetus, um ânimo muito grande dos docentes de que aquelas descobertas, aquela produção derivada, seja do laboratório, seja do grupo e das análises que são feitas, que isso seja, esteja presente na sala de aula de uma forma muito efetiva, eu diria que é assim, dentro da universidade, como eu disse, não é que você vai encontrar isso na totalidade, mas isso, uma boa parte dos docentes,

eles carregam essa perspectiva, eles trazem esse ânimos operante, operam e atuam nessa perspectiva, assim, de que a pesquisa tem um lugar decisivo na sua atuação, dentro da sua vida aqui, da sua experiência universitária e a sala de aula e as suas qualificações são decorrentes, ou seja, a pesquisa como uma dimensão matricial mesmo dessa atuação e dessa... Enfim, basicamente disso, dessa atuação, da produção, você já atrela de fato a sua experiência a pesquisa, como eu disse, isso é parte obviamente daquilo que a universidade, desta em especial, a universidade espera do docente, isso foi incorporado por uma boa parte dos docentes, embora ele não seja totalidade, é importante que se diga e acho que isso é um dos elementos vitais da nossa dinâmica. É uma universidade dinâmica, é uma universidade com vitalidade, é uma universidade que tem um apego aos rankings, gosta de, valoriza os rankings e gosta de estar bem situada, bem posicionada nesses rankings, e portanto, a pesquisa é parte desse processo, uma parte relevante desse processo.

S – A professora comentou ainda a pouco que vai estar ministrando uma palestrando sobre interdisciplinaridade.

G – É, vou participar de uma mesa redonda em limeira.

S – Sim, isso é de certo modo um meio de formação continuada, pelo menos é o que eu tenho pesquisado até aqui, agora considerando um modo geral do que a professora pesquisa, pública, dos congressos que participa, eles estão de certo modo ligado as disciplinas que a professora ministra?

G – Sim, eles estão principalmente, assim, eles estão tanto na graduação quanto na pós, principalmente quando, por exemplo, no caso da pós-graduação, eu trabalho com as disciplinas envolvidas a produção mesmo do conhecimento, a discussão dos projetos, por vezes os seminários avançados, parte, eu não vou dizer que seja majoritária, mas uma parte razoável ou pelo menos com alguma significação daquilo que é buscado, daquilo que é trazido, daquilo que é aprendido nos congressos, isso é carregado pra sala de aula, isso é trazido pra sala de aula, é uma forma sim de atualizar, não só o ambiente docente, mas o próprio alunado, o alunado, e ai não só pela minha experiência, mas pela experiência de muitos outros, inclusive das facssais eu diria que uma parte dessa atualização, até mesmo internacional, porque esse trânsito internacional, agora eu acho até que diminui um pouco, mas a gente teve um momento de muita circulação dos nossos docentes pros congressos, pros pós-docs, então isso tudo sim, impacta é na sala de aula, isso sim chega na sala de aula, tanto graduação quanto pós-graduação.

S – Como a UFABC e o professor como docente da universidade, no caso a professora, concilia a questão da necessidade de produção acadêmica e a cultura dos rankings, qualidade e excelência, com os princípios institucionais da inclusão social? Porque tá bem claro, dentro do PDI, que a missão da universidade é questão da inclusão da diversidade cultural, ai a gente se depara com essa questão de qualidade e excelência, a universidade chegou em um patamar e ela não quer perder isso, muito pelo contrário, ao que aparenta ela quer continuar avançando e ai eu queria saber a opinião da professora.

G – Então é assim, eu acho que é essa questão de novo, tá naquele horizonte dos próximos 10 anos, que eu acho que são questões que não estão suficientemente resolvidas dentro da universidade, eu acho que os três pilares estão dados, eles já são reconhecidos como sim, de fato, agora, como isso é trabalhado, como isso é incorporado e apropriado pelos docentes. Então assim, você tem grupos de docentes que nem

colocam em discussão a excelência, mas colocam em discussão a inclusão, entendeu, ou seja, não é tão direto, mas eu vou fazer essa redução aqui só pra gente ter um pouco parâmetro, você tem grupos de docentes que são altamente produtivos, que estão dentro daquilo que a gente chama dos meritocráticos, algumas piadas aqui que dizem que são capaz de “nature”, que é a revistas científica de uma das maiores projeções que é a “nature”, então o pessoal que fica ali muito vinculado aos rankings, muito vinculado a essa produção, por vezes a inclusão não faz tanto sentido no discurso e na prática deles, embora reconheçam o que é parte do processo, mas não necessariamente aquilo é uma preocupação, então acho que isso existe, como existe também aqueles que são meritocráticos e tem essa preocupação, entendeu, então ai tem uma preocupação mais como um todo no sentido de como vai trazer esse aluno que chega com alguma deficiência, que chega pra poder fazer, enfim, equacionar isso de uma forma, tornar isso tudo equalizado, ou seja, no mesmo plano, e ai a gente tem professores por outro lado, alguns professores que são, eu não vou dizer que eles sejam a minoria, mas eles tem um número mais reduzido, que até associam a perspectiva meritocrática, a uma visão elitista e portanto desconectada da perspectiva da inclusão, então você tem grupos de professores que questionam muito intensamente essa perspectiva né, tudo bem, sabem que é parte do pilar da universidade, mas querem entrar no mérito do que é então essa excelência e se a excelência é simplesmente ficar preso aos rankings. Mas veja são vozes que ainda não estão suficientemente articuladas para que a gente promova um debate mais efetivo e mais consistente, com a universidade acerca dos limites e dos desafios de cada uma dessas direções. Então por exemplo, a própria interdisciplinaridade também por vezes é questionada por alguns grupos de professores, que acham que a interdisciplinaridade é usada assim como um instrumento por vezes de interdição de certos projetos, digamos, não vou dizer que seja de certos projetos pessoais, mas de determinados projetos acadêmicos que são recusados ou que são tidos e considerados como não interdisciplinares. Então veja, esses elementos também geram tensão, mas eles são apropriados de uma forma distinta, mas a gente ainda não tem, eu vejo dessa forma, a gente ainda não conseguiu uma maturidade suficiente dentro do grupo da universidade, para que esse debate aflore de uma maneira mais consequente, mais persistente, mais permanente, são focos, são focos de tensão, são focos assim, reconhecemos em geral, todo mundo reconhece que esses pilares estão dados, são apropriados de maneiras distintas e existem tensões em relação a quanto isso organiza as próprias práticas.

S – A professora acredita nesse caso, que excelência e a inclusão caminham ou podem vir a caminhar juntas?

G – Então, eu defendo que elas têm que caminhar juntas, então eu digo que é assim, uma sem a outra não vai nos levar a lugar nenhum, porque assim, a excelência pela excelência vai cair muito naqueles nichos encantados e descolados, desarticulados da sociedade. A inclusão pela inclusão, ela não pode desvincular-se também de algo que vai mudar de patamar, não basta simplesmente você abrir as portas para um alunado mais desfavorecido e dar para ele alguma coisa que vai simplesmente reproduzir uma formação que seja a quem do desejável. Então não basta simplesmente colocar milhares de alunos aqui, se você não conseguir trazer para esse aluno o algo mais, a capacidade de olhar e ler o mundo de uma forma diferenciada e diferenciada a ponto de que ele se sinta suficientemente fortalecido para intervir nessa realidade e que isso possa mudar de uma forma sustentável e qualificado, então veja, eu acho que o nosso desafio é exatamente esse, como é que a gente vai fazer a inclusão com excelência, eu discuti muito no PDI, na época que foi montado, eu era parte do grupo do PDI.

S – Ai que maravilha!

G – E ali eu insisti muito nessa dimensão, dizendo que a gente não pode, primeiro, que a gente não pode criar o falso dilema de que um exclui o outro, entendeu, o desafio é exatamente esse, como a gente vai fazer excelência com inclusão e inclusão com excelência, entendeu, acho que em alguns momentos a gente consegue, por exemplo, aqueles exemplos que eu te falei do ciências sem fronteiras, ou seja, o fato de a gente ter tido tantos alunos que se qualificaram pro ciências sem fronteiras, que voltaram, que voltaram tendo resultado e a experiência de fato e uma transformação acadêmica, pessoal e profissional, eu acho que é um indicador de sucesso, mas ai de novo, nós ainda não temos nenhum mecanismo de aferição disso, de verificação disso, então assim, tem experiências que acontecem, tem experiências que são bem sucedidas, tem as que são mau sucedidas também, mas a gente não consegue ter, como eu disse, instrumentos que vão nos dar mais clareza sobre essas trajetórias. Agora, é isso, é processo de construção, processo de amadurecimento, é um processo de até mesmo de reconhecimento no caso da universidade de limitações, porque nesses 10 anos iniciais, tudo teve que ser feito - tudo ao mesmo tempo - implantar, construir a universidade, instalar uma institucionalidade, então isso tudo, formar os alunos, acho que tanto que uma das questões que os conselhos têm de certa forma já firmado um consenso, de que a expansão da universidade, se não chegou no teto, pelo menos reduziu bastante o ritmo, isso obviamente por condições externas, mas também pelas condições internas de que a gente não podia expandir indefinidamente, que é preciso agora um pouco, fazer uma análise mais criteriosa do ponto de que nós estamos, de que chegamos.

S – Bom, professora, para finalizar, em linhas gerais, como a professora caracteriza o modelo UFABC face aos modelos tradicionais de educação superior?

G – Então, eu acho que é assim, ao mesmo tempo que, quando eu ingressei na universidade, eu tinha uma visão muito esperançosa da universidade no sentido de dizer o seguinte, se essa universidade der certo, esse país vai dar certo, era um pouco ousado, eu continuo de certa forma achando isso mesmo, porque eu acho que é exatamente quando a gente trabalha nesses dois polos, na verdade são três, porque interdisciplinaridade é uma dimensão epistêmica relevante de ponta na discussão do conhecimento, na produção do conhecimento, mas eu vou deixar essa dimensão epistêmica um pouco aqui na lateral, nós somos um país com excelentes, produções, contribuições em diferentes campos e com essa dívida social brutal, se a gente conseguir a ponte que vai fazer o resgate dessa dívida social, ou seja, de olhar de fato e produzir resultados, de que essa dívida reduza e que não se reproduza os mecanismo que geram essa dívida e ao mesmo tempo fazendo isso, em uma dimensão que seja, da busca da excelência, da qualidade, da produção, ai eu acho que o país vai dar certo, então eu não aposto muito nisso, aposto e procuro contribuir para que essa universidade dê certo, porque eu acho que é parte dos microcosmos, assim, é como se fosse uma amostragem, depois a gente vai ali e pinça, de um território maior a gente pinça uma amostra e vamos trabalhar com essa amostra.

S – Perfeito, maravilha. Professora, eu gostaria de agradecer muito, a entrevista foi extremamente valiosa para mim, eu aprendi muito hoje, eu estou extremamente satisfeita.

G – Eu agradeço também, é muito bom ouvir isso.

S – Desculpa tomar seu tempo.

G – Imagina, menina.

S – Nossa, mas foi fantástico.

G – Que bom. E olha mantenha o contato, o que você precisar, tá.

S – Se a professora puder mandar o material que a professora falou, eu agradeço.

G – Deixa que eu já te mando agora.

4. ENTREVISTA COM PROFESSOR ADALBERTO

Adalberto – Quantas entrevistas têm?

Sandra – Inicialmente o professor tinha me dito entre 6 e 8. Eu tenho 9 entrevistas agendadas, porem não sei se todas... Às vezes o professor acaba não conseguindo atender.

A – No total quantas?

S – Ele falou entre 6 e 8. Agora eu tenho nove. Por cautela agendamos uma ou outra a mais. Como a universidade tem essa questão de ser quadrimestral e no mês que vê está em férias. Porém, quando nós iniciamos as entrevistas eu só estou entrevistando o pessoal do BCH e ninguém das tecnológicas. E isso eu acho que pode ser um pouco ruim para minha pesquisa e conversando com meu orientador, talvez eu volte em agosto.

A – Diversificar a amostra – Não é obrigatório mas é bom

S – O meu objeto de pesquisa, ele iniciou com a formação continuada dos professores da UFABC, mas ai analisando PDI, o PPI e até algumas conversas com o professor Daniel, o próprio Professor Manuel também conversou bastante com ele a respeito, viu-se que não existe um modelo de formação continuada aqui na UFABC.

A – Dos professores?

S – Isso. E nesse momento a gente deu uma parada, para analisar a pesquisa de fato, porque eu iria iniciar e em um certo ponto a pesquisa iria morrer, porque conclui-se que não existe e para que caminho você vai? Ai analisando mais ainda o PDI, nós concluimos que a formação continuada ela mantem-se como núcleo, mas ela abre para os modelos pedagógicos, para a inclusão social e para interdisciplinaridade, que á algo que também é um marco dentro da universidade. E a partir da ai, eu gostaria de saber do professor, como o professor insere na sua prática pedagógica, essa questão da diversidade cultural e epistemológica?

A – Você diz do ponto de vista da inclusão e da....

S – O professor né, com relação aos alunos, sala de aula, a sua prática, que forma o professor insere essa questão da diversidade cultural e epistemológica.

A – Na verdade, eu acho que a gente tá falando de ensino em geral, então eu acho que o ensino também transcende a sala de aula, as nossas atividades, então a gente desenvolve atividades em cima, tanto em orientações, de IC de mestrado, em projetos que a gente coordena, projetos de extensão e pesquisa - no meu caso mais projetos de extensão, o outro já tem orientações e sala de aula. Eu acho que a gente tem essas 3 dimensões. O que eu tenho tentado fazer é fazer convergir os problemas que eu trato, os projetos que eu coordeno com essas atividades de ensino. E a pergunta, desculpa.

S – Como que insere a prática pedagógica, a diversidade cultural e epistemológica?

A – Mais específico então falando da sala de aula, né?

S – Tanto pode ser com relação às orientações, tanto de IC, quanto de mestrado, de um modo geral.

A – Com relação às orientações, em geral eu trabalho em um projeto, então eu tento ter uma prática de – lógico que a gente tem um tempo limitado de orientação - mas de construir os projetos junto com os alunos, então saber mais ou menos o que interessa para eles, o projeto de extensão, isso é muito, em todos os 3 anos em que coordeno, isso é muito comum, os alunos são de vários cursos, e eu tento focado em um problema, encaixar alguma dimensão que seja de interesse desses alunos para estudar o problema e para resolver esse problema, então eu sou muito aberto para sugestões, claro que a gente tem um projeto, mas eu tenho uma convicção que projeto a gente muda, não sou inflexível com projetos. Às vezes o projeto está totalmente inadequado e não vai dar resultado, então com relação com orientações é isso. Em sala de aula, eu tento primeiro diversifica os assuntos teóricos que eu estou falando - então eu - uma disciplina que eu sempre dou é ciências, tecnologia e sociedade - isso pensa mais nos BI's, né - que é mais o foco. Não sei se os cursos pós BI's, que ai já tem um foco mais específico, porque é só alunos de políticas públicas, de humanidades, mas essas disciplinas dos BI's, a gente da pra vários interesses diferentes, então tem alunos interessados em informática, outro em aeronáutica, outro em biologia, química, filosofia, tudo se mistura. E nessa disciplina eu procuro ilustrar esses assuntos teóricos que eu acho que são importantes em sociologia da ciência, política pública de ciências tecnológica, que é mais minha área, mas eu procuro ilustrar isso com uma diversidade de exemplos e linguagens que aproximem isso do interesse do aluno. Então eu uso muito, por exemplo, leitura de notícia de jornal em sala, editoriais, então nessa disciplina especificamente sobre ciência. Então que saia ali no jornal da ciência sobre vários temas, em geral temas recentes de ciência e tecnologia e procuro inserir isso no conteúdo das aulas, apoiar, disposição teórica que as vezes é muito penoso para o aluno que vem para a universidade esperando fazer um curso de exatas. Vem aqui, às vezes desde o ensino médio ele tem uma propensão em gostar de exatas e não gostar de humanidades e ao contrário também, eu sei que o contrário porque é o meu caso, eu sempre gostei muito de humanas e de exatas eu sempre corri, sempre procurei...

S – É o que é mais comum, né, geralmente o oposto realmente é bem mais difícil.

A – E aí eu adoto essas estratégias, para pensar na diversidade de interesses. Por exemplo, quando eu consigo em turmas dar um trabalho final, eu faço uma lista de assuntos e textos em vários campos de ciência e aí eles escolhem.

S – Então eles têm abertura para escolha?

A – Isso, exato. É uma outra coisa que eu tento é inserir discussões sobre assuntos regionais, problemas da região, porque a maior parte deles é daqui. Então, eu acho que aí tem uma proximidade maior. Então a, tem o problema da construção da usina de incineração de lixo aqui em São Bernardo do Campo, que são lugares que eles conhecem, ouvem desde pequenos - o lixão do Alvarenga - e aí eu puxo uma discussão sobre agenda, política e tecnologia - como que se decidem grandes projetos tecnológicos - e se eu fizer isso com exemplos no acelerador de partículas na Suíça, eu acho que não vai ser tão próximo do que interessa também, aí eu procuro adotar essas estratégias.

S – Muito bom, respeitando bem a cultura social de cada um.

A – É, o que dificulta isso muitas vezes, são as turmas muito grandes, só que aí normalmente não é o ideal, às vezes pode ser uma falha minha, mas a gente sempre tem um grupo de alunos mais atentos, mais assíduos, inclusive presencialmente, que participam mais, e em geral esses alunos eles acabam pautando até algumas aulas. Em turmas menores eu já cheguei a alterar o programa e preparar uma aula em demanda dos alunos, só que era uma sala de 10 alunos. Então mais e aí, o que a gente pode incluir...eles queriam uma aula sobre China, de política e de desenvolvimento, eu falei tá bom, então, vamos fazer. Eu fui lá, pesquisei, estudei um pouco, entendi, que para mim foi bom também, busquei umas referências, e teve uma aula ali, uma discussão. Nesse caso não é o ideal, eu não fui lá como um pesquisador, conhecedor profundo do assunto e fui mais como animador, eu baixei ali um material que eu achei de qualidade e animei uma discussão de um assunto que interessava e que eles têm oportunidade de aprofundar. Têm professor contratado aí para esse assunto, por exemplo, mas eu me aventurei aí um pouquinho a demanda deles.

S – É um exemplo muito bom, eu particularmente gostei muito.

S – No caso, quais os obstáculos que o professor encontra em inclusão da diversidade cultural e epistemológica na sua prática pedagógica?

A – Primeiro que eu te falei, o tamanho das salas.

S – O professor mencionou turma grande e turma pequena, uma turma pequena mencionou 10 alunos. E o que seria uma turma grande?

A – Eu acho que mais de 50 alunos, já fica difícil de..., eu já cheguei a ter 80, aí fica difícil tudo né, acompanhar. Então acho que a avaliação também depende do acompanhamento e a gente vê, a gente sente isso às vezes com orientandos. Como evolui a qualidade do texto, mas depois de 2, 3, 4 feedbacks, agora como é que eu passo uma prova ou trabalho, para um aluno que eu nunca dei um retorno sobre o que eu espero de uma prova ou trabalho e avalio a prova com base nisso que eu espero que ele não sabe, então para ele é muito arriscado, ele não sabe o que eu estou querendo, como

eu trabalho. Então acho que isso é um problema, tanto para conhecer os interesses dos alunos, como para avaliar os alunos.

S – Fora isso o professor tem mais algum obstáculo que acredita que possa prejudicar essa questão da inclusão da diversidade?

A – Eu acho que talvez um obstáculo meu e que eu tenho superado, é usar mais tecnologia de informação. Porque a gente é formado em uma tradição de aula oral e tenho certeza que esse não é o único meio de passar o conteúdo, então tenho usado bastante o sistema TIDIA da universidade, que é um sistema acadêmico, eu consigo gerenciar turmas lá, mas também é uma ferramenta de comunicação. Não sei, um sou um pouco resistente com isso, porque eu não acho democrático, mas eu acho que facebook pode ser uma boa ferramenta, que os alunos usam muito, só que o problema disso é que a gente não parte do pressuposto de que todos usam, e é obrigado a usar uma ferramenta comercial, então tem uma dificuldade de princípio com isso, mas pensando pragmaticamente, funciona.

S – O professor considera a questão da universidade ser quadrimestral, um problema para essa inclusão da diversidade, um obstáculo?

A – Eu acho que para a gente dificulta, entende. Tem que correr, o tempo de amadurecimento é mais curto, mas para os alunos tem uma grande vantagem, que eles têm mais oportunidades de fazer cursos diferentes. Eles tem três, eles podem estudar uma grade de assuntos diferentes, 3 vezes por ano e não 2 vezes por ano. Assuntos, professores diferentes, métodos diferentes. Mas para a gente acaba sendo corrido, mas por outro lado a gente tem bastante tempo para preparar os cursos e a gente tem recessos, quadrimestres e a gente acaba cumprindo a carga horária.

S – Então são ganhos e perdas, né?

A – É, e tem um problema grande que o quadrimestre menor, por ser menor ele é mais vulnerável, como situações, a tem greve de ônibus e a gente cancela a aula, então são poucos encontros, feriados, às vezes compromete a carga horária e aí compromete toda essa integração.

S – E o professor considera-se um professor tradicional, monocultural ou, pelo contrário, promove em suas aulas a diversidade de saberes e a interculturalidade? Eu sei que o professor meio que respondeu isso lá atrás, mas aí eu gostaria de algo mais focado.

A – Eu acho que eu sou um pouco tradicional, eu espero leitura de textos, tenho dificuldade em visualizar alternativas, mas também eu procuro explicar aquilo por outras linguagens, que não sei se são as mais adequadas. Eu posso passar um vídeo que eu acho superinteressante e eles podem achar um “porre”, acharem chato. Eu acho que eu acabo me referenciando muito em coisas que eu me interessam e também hábitos que eu tenho, como hábito de ler jornais - Eu leio jornal e lendo nas entre linhas, isso é uma coisa que tento fazer eles aprenderem. A uma notícia, às vezes, primeira aula de CTS eu passo ali uma propaganda do “mister músculo”, eles não entendem porque tá passando a propaganda de TV aqui, mas eu quero que eles leiam qual concepção de ciência que está ali, sabe que é uma, que eu acho que, as mídias, principalmente a propaganda, elas dizem muito sobre o que a gente pensa, sobre várias instituições sociais, sobre governo, sobre

política, sobre ciência, sobre capitalismo, tá tudo ali na entre linhas, acho que as mensagens são indiretas. Quando a gente vê um filme de ficção, quando a gente vê o filme do “HULK”, tá ali a imagem de ciências, de cientista, uma imagem do exército, dos capitalistas, da livre iniciativa. Eu sempre falo - filme americano tem muito exaltador da capacidade individual de se livrar da praga que é o estado ou a sociedade, essa é uma mensagem liberal.

S – E essa questão da interpretação é tudo né?

A – É, então, eu acho que o curso, não tem que passar os conceitos para eles decorarem, eu acho que os conceitos são para eles entenderem o mundo, para ler o mundo, para entender o quê que tá ali no jornal, o quê que tá passando na tv, vai além da mensagem direta e é isso que eu acho importante, e é que eu tento fazer para variar meu repertório.

S – O professor ainda assim se considera um professor tradicional.

A – É que eu acabo me prendendo, eu espero que eles tenham entendido o que tá no texto e eu percebo que isso hoje em dia é cada vez mais irreal.

S – Eu acho que até às vezes por conta da ausência de leitura, é uma era muito tecnológica, eles tem tudo muito pronto, muito fácil. Eu acho que cada vez que eles se distanciam dos livros e da leitura, eles se distanciam também da realidade.

A – Eu tenho um sobrinho que tem 7 anos e quando ele quer saber alguma coisa, ele não vai ler, ele vai procurar vídeo, é uma outra forma de se informar que a gente acha que não é, porque a gente é formado na outra né.

S – São os atalhos que eles pegam.

A – Pode não ser um atalho, simplesmente é diferente, não quer dizer que é mais fácil, é pior. É, então, é difícil a gente se livrar. As pessoas hoje em dia – eu vou fazer uma comida - então pega o vídeo da receita, eu prefiro pegar a receita e ler, acho muito melhor.

S – Eu também. Eu por exemplo, tenho dificuldade de ler livros pela internet, tem aqueles EBOOKs, eu tenho muita dificuldade, eu gosto de pegar o livro, cheirar o livro, eu acho que é tudo... eu falo que sou meio antiga. Baixar um PDF, um artigo pode ser, um livro não. Eu não consigo, eu vou para o sebo.

A – Eu tenho lido muito no Ipad. Eu acho que é muito prático.

S – É prático, mas eu ainda prefiro o livro. Eu gosto do livro.

A – Tem situações que para não carregar os livros, você vai e carrega o Ipad.

S – Verdade, mas eu falo que meu carro virou um depósito de livros, porque como eu passo muito tempo na universidade eu carrego um monte de livros. Eu ainda não tenho esse desapego.

A – É, eu tô me habituando.

S – É, eu preciso ainda.

S – Agora é mais uma curiosidade. Pelo perfil da universidade, pelo perfil dos discentes, o que o professor considera ideal, ideal não né, o que seria assim... o que mais aproxima - o professor intercultural ou o professor monocultural?

S – O tradicional monocultural ou o intermulticultural, que está ali.

A – Eu acho que talvez seria interessante, as vezes, eu gosto de dar matéria com um outro professor, as vezes unir dois perfis, que eu sinto que as vezes que um professor quando é muito inovador, o aluno não tá esperando aquilo lá, as vezes ele sai ou se desmotiva, ou não leva a sério e ele acha que é brincadeira, então vou estudar pro cara que cobra, porque tem muito isso, as vezes a gente não tem uma ideia e não tem como ter do que eles tão fazendo em paralelo, então eles tendem a dedicar mais tempo para aquilo que eles acham mais arriscado. Há, esse cara reprova - eles tem lista no facebook – UFABC Help - então eles já criaram uma tipologia de professores, que vai do mais fácil, ao mais difícil e eles trocam essas informações na hora de matricula. Então aí eles gerenciam isso – bom, tenho que fazer tal disciplina com tal cara que tem fama de pegar no pé, vou transferir minha matricula, porque ai eu consigo coordenar isso.

S – Tendo presentes os princípios do PDI, o novo modelo pedagógico, a inclusão social e a interdisciplinaridade. Como que o professor operacionaliza esses princípios na sua prática pedagógica?

A – A interdisciplinaridade eu tento ser um ensino como um todo e isso tem a ver com o novo modelo pedagógico também, passar a teoria, mas sempre conectada com um problema mais concreto, de preferencia, algo que seja do interesse dos alunos e que seja atual, algo que motive. Às vezes são coisas que a gente houve falar, nos interessamos, mas não temos tempo para se aprofundar e as vezes na aula, pode ser um espaço para essa oportunidade. E em termos de inclusão social, tenho um cuidado muito grande com a linguagem, então questão de gênero, me policio bastante e espero passar isso para eles, de respeito as diferenças, eu sei que a gente tem um vocabulário que ele é masculino, então eu tento me policiar e não reproduzir um vocabulário que acaba sendo excludente nas minhas aulas, com meus orientandos, mesmo comentadas, as vezes ouvimos comentários de professores mesmo, que são muito machistas ou que refletem outros preconceitos, ou são elitistas e não é por mal, é uma coisa cultural que a gente foi infelizmente criado nesse meio, a gente que é de outra geração, mas que a gente tem que, para a gente, a única saída é se fiscalizar, para que isso no futuro seja natural. Muitas coisas inadmissíveis em minha geração eram naturais para meu pai e avô e a gente vai desnaturalizando essas coisas. Então acho a linguagem muito importante e também em termos de avaliação eu procuro sempre dar uma chance para o aluno argumentar, eu faço conceito final, então posso dar uma prova, um trabalho, mas eu faço uma seção de vista de notas, que todos os alunos podem ir lá e conversar sobre, o conceito - porque que isso é bom - porque às vezes um aluno tem dificuldade, eu não vou reconhecer ele na prova, mas eu vou reconhecer ele na vista de prova, a, ele é aquele aluno que participa, faz perguntas, eu acho muito mais importante isso do que comportamento ao avaliar, comportamento ao longo do curso, interesse, presença, do que avaliar simplesmente uma prova. A tendência é que aquele que tem mais bagagem daquilo que a gente espera que ele apresente – então à, uma redação coerente, a gente acaba privilegiando aqueles alunos que tiveram mais oportunidades, teve um ambiente familiar com mais aprendizado, teve oportunidade de viajar, fez cursos, estudou na escola melhor e se a gente vai só pela prova à gente vai ser aquela reprodução e a escola perde a função transformadora, o ensino perde e ai simplesmente reproduz, que é a

crítica do Bourdieu, do sistema francês, que é um sistema que na teoria é aberto a todos, mas ele é meritocrático e com uma concepção de mérito muito restrita e que acaba sendo na verdade um reproduzidor da sociedade, da desigualdade que tem,

S – E a inclusão de fato acaba não acontecendo, né?

A - Então tem que tomar muito cuidado, mesmo que a gente já tenha um sistema de ingresso que procura ser includente, mas o ingresso é uma coisa, a permanência é outra, então não tem esse número, mas seria interessante a gente saber da invasão, quem que sai e por que. Eu acho que temos que ter esses cuidados, manutenção, que não adianta ter acesso, porque acaba sendo pior, acaba sendo frustrante, sai e fala, olha: não é para mim mesmo e eu vou partir para outra, fazer outra coisa, não é para mim estudar e me formar. Eu acho que talvez seria o caso da PROGRADE e da própria PROAP, que da as bolsas permanência procurar medir isso.

S – Mas agora com essa questão da bolsa permanência estar sendo cada vez mais limitada, fica um pouco mais difícil né. Eu acho que a dificuldade que esses alunos vão enfrentar daqui pra frente vai ser maior, essas bolsas ajudam muito.

A – Eu acho que a orientação da política de educação, não é mais a inclusão.

S – Sim, e isso está bem preocupante, estava tudo tão bom, acaba preocupando muito. Vamos ver como vai ficar, 2018 aí, se o cenário muda ou se piora. Enfim, na ausência de um modelo de formação continuada para os professores da educação superior – no caso aqui da UFABC - quais são, do ponto de vista do professor, as atividades que poderão ajustar-se a uma formação continuada dos professores da educação superior?

A – Eu acho que algum jeito de compartilhar práticas pedagógicas, principalmente os mais novos com os mais antigos, por exemplo, quando eu entrei aqui eu tinha uma ideia de que as coordenações de disciplinas, que as disciplinas maiores têm coordenações, elas tem que receber os programas, os docentes, então no mínimo, no mínimo, ter um banco de programas e estratégias que a gente documenta no plano de ensino, para consulta, porque isso não tem porque ser, ninguém vai patentear o plano de ensino da disciplina, só que o que acontece é que não se compartilha, então acho que uma ferramenta e as coordenações das disciplinas poderiam fazer. Era ter um repositório de planos de ensino, com as práticas pedagógicas e as práticas de avaliação e mesmo conteúdos mesmo, os próprios diários de classe poderiam ser compartilhados. Até porque aquele professor que quer renovar o curso ir lá e dar uma olhada para ter ideias e outra seria ter mais encontros dos professores da disciplina e discutir, que acaba sendo muito, a disciplina do professor que tem autonomia, ele acaba tendo, me dá à impressão que ele tem um certo receio de expor como ele pratica, a gente senti, porque é muito fácil criticar qualquer coisa que a gente faça, só que eu acho que tem que ter um espírito de crítica construtiva, de ganho a ganho. Então eu acho que ter encontros, discussões sobre conteúdos, sobre práticas, seria muito saudável.

S – O professor acredita que os professores aqui da UFABC, de um modo geral são muito individualistas?

A – Pelo menos no ensino de graduação - mas aí a minha experiência - eu não senti muito diálogo, ainda pensando disciplinas que tem muitas turmas e tem coordenação de disciplina.

S – E a coordenação não propõe essa reflexão coletiva?

A – Não, parece que a coordenação ela é não estabelecida burocraticamente, tem que ter, mais na prática, por exemplo, é um problema, não tem autoridade nenhuma - então eu quero ter o plano de ensino - se eu não te mandar, o que vai acontecer?

S – Eu entendi. Fica difícil né?

A – É, o que acontece é que isso acaba sendo pouco discutido. A questão pedagógica, então se discuti muito a divisão de espaço, infraestrutura de pesquisa, normas, enfim, da carreira, assuntos que tocam mais diretamente. Mesmo questão de projeto pedagógico, só que projeto pedagógico é muito distante do que acontece na prática. E o que acontece na prática a gente conseguiria compartilhar nesses fóruns, mais micro sabe, na prática da disciplina, o projeto pedagógico tá lá em cima, lá longe e é o que é mais discutido.

S – Eu tenho observado que a maioria dos professores não tem formação pedagógica, principalmente das outras áreas, principalmente das outras áreas, diferentes das humanidades. O professor acredita que essa ausência da formação pedagógica seja um problema, principalmente na questão desse ostracismo, que a gente pode chamar, dessa falta de reflexão coletiva?

A – Sim, porque eu acho que a pessoa fica insegura para expor o que ela faz e a gente acaba contratando muito, se a gente for ver os próprios critérios dos concursos, o pesquisador do que o professor a professora. Então eu acho que o controle sobre o produto da pesquisa, ele é muito mais objetivo, mais mensurável do que o produto do ensino, que seria o retorno dos alunos sobre o ensino. Não tem um número, não tem um indicador, como tem para a pesquisa. O produto é da prática pedagógica e a formação do aluno, como a gente mede a formação do aluno, que a gente tem os conceitos de avaliação nacional de cursos e isso é um indicador, mas é um indicador agregado, não é um indicador do curso como um todo, não é um indicador da prática individual, da prática individual a gente não tem. O que tem no Lattes, disciplinas no mestrado e só.

S – Na opinião do professor, o professor da UFABC, ele é contratado como pesquisador ou professor?

A – Pela estrutura dos concursos, nas provas para as duas coisas, então só que o que é avaliado, é o currículo e o currículo em geral é o que conta isso é o produto de pesquisa e é um projeto de pesquisa e uma aula, então acaba a aula tendo um peso menor, se for ver, é o peso de um terço na prática, e outra a extensão, a prática extensionista que a gente acha que é importante pra melhorar o ensino, que a gente inclui alunos nos projetos de extensão e eles vão ter uma experiência mais com o público externo, vão ter vários aprendizados disso, tanto de aplicar a teoria do conhecimento, como o conhecimento relacional, interpessoal, de conhecer pessoas, situações novas, aprendizado de cidadão, de respeitar, que muitas vezes essa coisa do conhecimento de cidadania, tem curso aí que é um desaprendizado, então se a gente pegar, sem querer ser preconceituoso, mas tem algumas carreiras que ensina o cara a ser não cidadão. A maioria dos cursos de medicina deforma a civilidade da pessoa, porque é todo fundado naquela tradição da autoridade médica, sabe, de uma distinção, então você está aqui, você entrou em uma comunidade de pessoas especiais e você não precisa mais respeitar ninguém, muitas vezes a mensagem que passa é essa. Então mesmo quando ele tem contato com o professor que é extremamente autoritário e muitas vezes

desrespeitoso, baseado na autoridade intelectual, profissional e ele vai aprender que aquilo é o que vale e vai falar: espera chegar minha vez que eu vou fazer igualzinho o que esse cara está fazendo e são modelos de comportamentos que ficam e isso é perigoso

S – Em que medidas, os projeto de pesquisa em que o professor participa, contribuem para sua formação continuada e para sua prática pedagógica?

A – O projeto de pesquisa em geral, tem contato com professores mais seniores, que a gente sempre aprende muito com eles, a gente acaba participando de algum tipo de, às vezes tem integrada no projeto de ensino e a gente tem que expor os produtos de pesquisa e eu acho que isso ajuda em toda a prática de exposição discente. Mas ai eu acho que projetos de extensão são bem importantes, principalmente para os aspectos da interculturalidade. Às vezes a gente em um projeto de extensão vai lidar com o publico, porque nós temos que pensar muito bem como que a gente vai se comunicar com eles. Se não a gente não vai se comunicar. Então é muito diferente dar aula na universidade, que a gente sabe que.. Bom, esse aluno tem uma bagagem mínima para absorver o que vou falar. Bem diferente de quando você tá passando para uma comunidade externa, para um público externo. A gente tem que fazer um processo de interessamento. A pessoa tem que se interessar no que eu estou falando, aqui, ou com meu projeto, com o que eu estou oferecendo, diferente da sala de aula na universidade, que o professor trabalha com esse pressuposto - se ele tá aqui, é porque ele está interessado – ele tem que se interessar porque isso faz parte do componente curricular do curso, que na verdade ele concordou em seguir, então acho que projeto de extensão é muito importante para isso.

S – E dos projetos, no projeto no caso do professor, ele propõe algum diálogo direto com alguma, uma, ou alguma das disciplinas que o professor ministra, ele diz respeito necessariamente a alguma disciplina ou não?

A – Principalmente na área de políticas públicas. Então eu sempre tento puxar para análise de políticas públicas, porque tanto a pesquisa quanto a extensão, meu objeto é sempre é uma politica pública, então a politica de ensino superior ou politica gerenciamento de resíduos sólidos, então eu procuro conectar essa exploração do mundo empírico com as teorias de disciplinares do meu campo.

S - Como a UFABC e o professor como docente da universidade, concilia a questão da necessidade de produção acadêmica e a cultura dos rankings, qualidade e excelência com os princípios institucionais da inclusão social. Aqui considerando que a universidade ela já tá em um patamar de excelência e ela não quer perder isso, o próprio PDI diz lá que a ideia é aumentar cada vez mais isso e como o professor vê essa questão desses rankings, dessa qualidade, dessa excelência e a questão da inclusão social.

A – Tem um complicador, que não é só interna, a gente não tem governança interna, que a partir do momento que a gente é filiado, credenciado em um programa de pós, a gente tem que satisfazer a CAPS, que tem os critérios totalmente acadêmicos de avaliação e isso as vezes é difícil para nossa área, ter uma produção ali constante e eu penso em inclusão social, eu penso por exemplo em, pensar problemas mais próximos da realidade e isso para minha área não é tão difícil, porque eu posso pensar em políticas públicas e pensar em problemas locais de políticas públicas e inserir isso na minha produção acadêmica, mas eu penso que em física, como é que ele faz isso,

porque não vai achar aqui na vizinhança problemas de física, que gera uma produção periódico internacional. Normalmente é pesquisa pautada, que esta sendo feito fora do Brasil e isso é um problema, porque é muito desconectado da nossa realidade, isso inclusive para ensino e a gente acaba fazendo aquilo que o autor chama de pesquisa alienada e ensino alienante, ensinam coisas para os alunos que tão muito longe da realidade dele e muitas vezes é extremamente difícil para eles, mas é aquilo que é nosso referencial justamente porque é o que a gente faz de produção de pesquisa e a gente acaba tentando fazer com que..., só que eu acho que ai a maioria faz convergir pautando com a produção acadêmica, nunca pautando pelo ensino e nem pela extensão.

S – Mas ai considerando a questão do discente, a gente tem que levar em consideração que tem ai um grande número que é oriundo de classe popular e ele traz com sigo uma dificuldade maior. Ele acompanha essa questão da qualidade e excelência? Isso tá próximo dele ou acaba distante o papel do professor?

A – Eu acho que só excepcionalmente, são mundos muito distantes, então o mundo da excelência acadêmica e o repertório, a bagagem que maior parte dos alunos traz.

S – Então olhando por esse prisma não existe inclusão?

A – É, eu acho que isso tende a gerar exclusão.

S – O professor acredita que excelência e inclusão podem caminhar ou podem vir a caminhar juntos?

A – Eu acho que isso exige uma reorientação, de onde que a gente pauta o ensino, pensar mais no aluno e menos na pesquisa. Eu quero ensinar o que é estado da arte, nem sempre é o caso e nem sempre vai dar certo. Então eu acho que a agenda do ensino tem que ser um pouco mais voltada para o aluno, talvez de alguma forma mais participativa, aí o aluno vai colocar o que interessa para ele na mesa.

S – É, a minha preocupação ai é exatamente o discurso do PDI, porque ali existem dois discursos, o primeiro é a questão da inclusão da diversidade cultural e o segundo que é um discurso meio neoliberal, a questão de manter o ranking, qualidade e excelência.

A – Parece coisas excludentes, que a excelência não é diversa, ela é monocultural, uma coisa, é cultura acadêmica, cultura acadêmica do norte global, então a gente tem, por exemplo, coisas como, nossas teses, dissertações da pós-graduação, a gente pode escrever em português e inglês, apesar de a gente receber alunos bolsistas da organização dos Estados Americanos que são falantes de espanhol, então eles vão ter que ter um trabalho adicional de traduzir as teses para português ou para inglês, o que eles sentirem melhor e isso é uma perda de tempo para eles, eles podiam escrever na língua nativa deles, seria muito mais rico, mas porque, porque a língua da ciência é o inglês, como se isso fosse algo natural, desde que o mundo é mundo é assim, não, porque a ciência é pautada em num norte global, simplesmente por isso, onde as pessoas falam inglês. Então a gente pauta que o ensino na pós-graduação é por aí também.

S – Em linhas gerais, como o professor caracteriza o modelo UFABC, face aos modelos tradicionais de educação superior?

A – Eu acho que têm o que é muito valida essa tentativa de sair das fronteiras disciplinares e ai a própria organização da universidade tenta conduzir a isso. Só que ai

vem aquele, que é uma velha questão de estrutura contra agencia. Então mais tem uma estrutura, mas o individuo ele é formado disciplinarmente, então acho que isso é um processo de modificação da cultura dos próprios docentes e não dos discentes - Ah, eu quero fazer esse curso - não, você vai ter uma formação geral, interdisciplinar que você vai carregar para teu pós BI, mas isso é um bacharelado que você vai ter, é uma formação interdisciplinar, que vai ser base ou não, da tua atuação, porque o BI ele é um curso completo, ele é um bacharelado. Então acho que isso, em termos de estrutura, a UFABC ela é muito inovadora, mas a gente sabe que a estrutura, a instituição, a norma, a regra, ela não muda a cultura individual, não é tão fácil assim. Então acho que esse é o desafio do modelo da UFABC, eu acho que o modelo é muito interessante, pelo menos tem sido em termos de estruturas de inclusão que vai esbarrar mesmo no modelo, que.. Então você vai criar uma estrutura que reconhece diferenças, que reconhece que as oportunidades não são iguais para todos, mas você vai preencher essa estrutura com um exército de meritocratas, então vai ter um conflito das regras, da instituição com o individuo. Isso é uma regra para qualquer instituição, mas também o processo de mudança cultural.

S – Tirando essa questão estrutural, o professor acredita que ela é uma instituição elitista, hegemônica ou não?

A – Eu acho que não, porque inclusive ela acabou sendo um modelo para outras instituições, e, aí eu não vou me arriscar dizer porque, que consegue avançar mais rápido que a gente, algumas dessas questões, em tomar decisões talvez menos conservadoras e eu não sei porque que isso acontece, não sei se por exemplo, o fato de a gente tá num centro dessa sua excelência tradicional, isso acaba nos deixando a gente menos livre para inovar, porque a gente tá mais amarrado nos modelos de excelência e também nas instituições que exigem esse padrão, então a gente tem que manter o conceito do curso de pós-graduação nota 7, isso não é gratuito, isso não veio sem custos, isso cobra um preço que não é só, não são só coisas boas que saem disso. Então se a gente tem uma nota 7 é um sinal de que a gente tá indo bem - em alguns aspectos - mas é um sinal que tá se descuidando de outros. Talvez isso seja uma limitação nossa, o fato também de muitos professores nossos virem das tradicionais.

S – O professor acha que isso contribui muito para amarrar a situação?

A – Tem aqueles modelos disciplinares, por exemplo, é muito comum aqui, ter o problema de professor novo, continua fazendo pesquisa na que era vinculado e vem aqui para dar aula. Eu entendo que, não é uma universidade dormitório, o cara tá aqui, né, tá fazendo tudo aqui né, mas isso é uma coisa também de professores novos, muitas vezes tem um laço com antigo orientador, o grupo de pesquisa, projetos de pesquisa que tá fora daqui e que é tradicional, então ele acaba trazendo isso para cá e aí bate com a estrutura.

S – Finalizamos professor. Foi muita boa, estou extremamente satisfeita.

5. ENTREVISTA COM PROFESSOR KNOUCHE

Sandra – Professor, eu tenho um terminho que a universidade pede para assinar.

Knouche – Precisa colocar o nome ou assinatura?

S – Pode ser assinatura.

S – O meu objeto de pesquisa, ele iniciou com a formação continuada dos professores da Universidade Federal do ABC, porém ao analisar o PDI e outros documentos institucionais, o PPI e em até conversas com o professor Daniel, nós vimos que não existe um modelo de formação continuada aqui na Universidade, então a formação continuada, continua sendo o eixo central do meu trabalho, porém ela abriu para diversidade cultural, para interdisciplinaridade e para inclusão. E é daí que vêm essas questões. Inicialmente eu gostaria de saber do professor, como o professor insere em sua prática pedagógica a diversidade cultural e epistemológica?

K – Sim, bom, eu tento incluir essa diversidade cultural e epistemológica, respeitando um pouco o campo da filosofia. Eu costumo dizer que a filosofia, ela é anterior as disciplinas, foi as disciplinas que se destacaram dela, então de alguma maneira, não existe filosofia que não seja interdisciplinar, talvez ela seja pré-disciplinar. Então dessa maneira eu tento incluir em minhas aulas de epistemologia, essa visão de que se a filosofia não dialogar com outros campos do saber, então você na verdade não está fazendo filosofia. Ela é necessariamente interdisciplinar. Não tem como escapar, pelo menos a minha visão é de que ela é necessariamente interdisciplinar.

S – Quais os obstáculos à inclusão da diversidade cultural e epistemológica em sua prática pedagógica?

K – Eu acho que maior obstáculo nosso da UFABC e que as pessoas não falam com muita frequência é o tempo, porque nós tínhamos um calendário quadrimestral, que são apenas 12 semanas de aula, contando que duas semanas para avaliação, duas provas e mais a primeira semana de apresentação do curso, sobram apenas 9 semanas, então a gente tenta incluir, mas não é um curso semestral, que possibilite ter folga na ementa para dedicar mais tempo a isso. Acho que é uma questão mais do nosso calendário que é apertado.

S – Fora essa questão do calendário, acredita que dentro da universidade teria algum outro problema, que prejudicaria essa questão da diversidade?

K – Não, eu acho que não, faz parte do etos da UFABC particularmente essa inclusão da diversidade, e outros aspectos acho que não e o que restringe um pouco eu acho que é realmente o tempo. Na verdade, somos até incentivados a incluir as questões da diversidade cultura.

S – O professor se considera um professor tradicional, monocultural ou Intermulticultural?

K – Pergunta difícil. Bom, os meus interesses são multiculturais. Então, por exemplo, me interessa muito o nascimento da filosofia fora da Grécia, na Índia, por exemplo, na Pérsia, então esse é um interesse particular. Como filósofo eu me interesso bastante, ocorre que nós temos que seguir a ementa e a ementa normalmente são um pouco mais

focadas na filosofia ocidental, de tal maneira nós temos que enfrentar um equilíbrio nesses assuntos, digamos assim, um pouco ortodoxos, mas que tem que ser abordados, dentro de uma ementa que é um pouco mais ortodoxa, então é uma espécie de balança, eu uso mais como exemplos, comparando a filosofia ocidental com a filosofia indiana, ou a filosofia de outras matrizes.

S – Então para seguir o modelo que é meio que imposto, o professor é meio que obrigado a ficar dentro do tradicionalismo?

K – Não sou obrigado, mas acho que é justo cumprir a ementa, a inclusão desses assuntos é importante, mas não pode se sobrepor a ementa total, um exemplo é que nós tratamos de uns temas de pesquisas, de investigação última disciplina em da epistemologia, o tema da epistemologia feminista, então ela foi incluída, dentro desse, um assunto diferente, foi incluída e trata-se da diversidade, mas eu não acharia correto só tratar de epistemologias desse cunho, então fazer um curso inteiro só com epistemologia feminista, epistemologia africana, epistemologia do sul, nesse aspecto achei que não seria muito justo com os alunos, se a ementa diz uma coisa e depois o curso se transforma em outra.

S – Mas dentro da prática do professor, a forma como o professor aborda essas disciplinas que o professor trabalha. O professor acredita que rompe com o esse tradicionalismo?

K – Não, eu acho que eu trabalho no que o Vygotsky chamaria de zona de desenvolvimento proximal, eu não tenho essa tendência ao rompimento com a estrutura, mas de, digamos, desenvolver naquelas franjas onde me permite essa inclusão desses assuntos.

S – Tendo presentes no princípio do PDI, novo modelo pedagógico, inclusão social e interdisciplinaridade, como o professor operacionaliza esses princípios na sua prática pedagógica?

K – De inclusão e interdisciplinaridade?

S – O modelo pedagógico, a inclusão e a interdisciplinaridade.

K - No que diz respeito à inclusão social, a política, é uma política que já vem, digamos na universidade como um todo. Então aqui as questões envolvendo cotas e também o respeito à diversidade é uma luta constante e há vários atores que se dedicam a isso com mais afinco e até com mais resultados do que eu faço. Particularmente na interdisciplinaridade é o que eu disse para você, me parece que a filosofia é interdisciplinar por si só, então, por exemplo, eu dou aula de epistemologia e filosofia da ciência, evidentemente os conteúdos de filosofia da ciência acabam tendo que ser incluídos dentro da filosofia, então nesse aspecto mais dessa interdisciplinaridade mais convencional, digamos assim, a gente pratica com alguma naturalidade por causa da própria disciplina, a própria disciplina exige isso, mas, digamos, eu não sou o professor mais dedicado a esse tipo de atuação.

S – Na ausência de um modelo de formação continuada para os professores da educação superior, quais são no ponto de vista do professor as atividades que poderão ajustar a

formação continuada dos professores da educação superior? Especificamente aqui na UFABC.

K – Os alunos reclamam muito da didática, que a gente é contratado como pesquisador e há algum tipo de reclamação que vários professores tem pouca didática, então imagino que algum treinamento a respeito disso é importante e nós não tivemos, seria realmente importante um treinamento mais no ponto de vista pedagógico da relação com os alunos, com a sala de aula,

S - Seria a formação pedagógica?

K – É a formação pedagógica. Isso realmente nós não temos, nós temos bacharéis

S – Eu acredito que não é um problema só da UFABC, é geral!

K – É, é geral. O pessoal mais ligado licenciatura já teve mais treinamento a respeito disso, embora, como psicólogo, não significa que ela teve mais treinamento, que ela consegue aplicar melhor, tem isso também, às vezes, às diretrizes são mais teóricas do que realmente práticas, mas certamente se houvesse um programa onde houvesse maior sensibilidade para as questões pedagógicas, acho que valeria a pena.

S – O professor acha que seria uma boa oportunidade de formação continuada para isso?

K – Sim, sim.

S – Em que medidas os projetos de pesquisa em que participa contribuem para sua formação continuada e para sua prática pedagógica? Porque o professor mesmo acabou de dizer para mim que o professor é contratado como pesquisador e eu gostaria de saber se no que dentro das disciplinas que o professor ministra aqui, eles contribuem tanto na disciplina, na formação continuada, quanto na prática?

K – É, a minha formação inicial era como psicólogo, então algumas técnicas a respeito de desenvolvimento e aprendizagem eu tive, só que eu não pesquisei mais exatamente nisso, então atualmente eu uso minha pesquisa como exemplos, ou como uma maneira de estimular os alunos, mas não há um resultado da minha pesquisa que seja dedicado a área educação.

S – Então ela tem um dialogo direto...

K – Não, dialogo imediato, com a educação não tem. Talvez um diálogo mediado, de uma maneira de estimular os alunos à pesquisa, mas especificamente com atuar em sala de aula, acaba não influenciando.

S – Então o professor poderia dizer para mim, por exemplo, que ela não serviria no caso como uma formação continuada para a suas práticas para esses alunos.

K – Isso, exatamente, a pesquisa não funciona, pelo menos por enquanto não está funcionando para isso.

S – Como a UFABC e o professor como docente da universidade, concilia a questão da necessidade de produção acadêmica e a cultura dos rankings, qualidade e excelência, com os princípios institucionais na inclusão social, porque nós vemos dentro do PDI,

que a universidade já atingiu um patamar importante, nessa questão dos rankings mesmo e ali mesmo eles declaram que eles não querem perder isso, ao contrário eles querem estar superando, ai como o professor vê essa questão da inclusão?

K – É, eu acho que esse é o grande desafio da nossa universidade, eu entrei logo no começo e lembro bastante a respeito disso, digamos assim, o momento político é de expansão das universidades e de inclusão do número maior de alunos, principalmente aqueles vindo de camadas mais desfavorecidas, então realmente isso, o momento político da formação da universidade lá em 2005, 2004 e também a questão de que ela está instalada na região. Mas, o projeto, digamos, veio da academia brasileira de ciências e era a respeito do que a gente chama de uma universidade de pesquisa, então sempre houve um pouco essa tensão entre o que o antigo diretor, meu primeiro chefe, dizia entre um grande *college*, aquela escola de americanos, que era só para formação e a universidade de pesquisa, havia sempre, não uma disputa, mas uma certa tensão entre esses dois fins visados. Eu acho que do ponto de vista da universidade no sentido, digamos mais cultural do que ela significa, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, ela tem que procurar excelência. A pesquisa, ela tem, ela é uma instituição que visa isso, agora nós temos que também nos pautar por questões relativas ao ensino e a questão da inclusão. Na minha opinião o que acontece com alguma frequência, é que, no que diz respeito, por exemplo, as cotas, os cotistas, eles mesmo, dentro dos cotistas há uma espécie de elite de cotistas e há cotistas que lamentavelmente vão ter dificuldades, então as cotas de alguma maneira, certamente ajudam a deixar universidade mais democrática e com um perfil diferenciado, mais popular, mas dentro das cotas existe uma pequena elite, pequena não, porque a cota ela cria uma espécie de linha de base, mas que o cara da cota para passar ele também tem que ser bom, ela não facilita, na verdade ela seleciona dentro da cota, então há alunos cotistas de alto desempenho - a aluna que estava comigo aqui, ela é cotista - ela tem o que eles chamam de CR 3,7; que seria a média de mais ou menos 9,1 e ela é cotista, eu tenho a impressão que esse tipo de aluna é altamente recomendável, é esse aluno que a gente busca, mas também, lamentavelmente sendo bastante sincero, a atividade acadêmica não é fácil, estudar, então também já peguei alunos que de alguma forma tem muita dificuldade e acabam encontrando na desigualdade social uma espécie de razão para seu baixo desempenho. Essa razão existe, mas vai ser difícil de suplantá-la, porque para, por exemplo: os cursos de engenharia, o sujeito que não teve uma formação de matemática de base no segundo grau, ele vai sofrer mesmo, um pouco mais que os outros, é um pouco injusto, mas vem do segundo grau. Ocorre que entre os cotistas, que tem algum tipo de vulnerabilidade econômica, mas que tiveram a sorte de ou estudar em uma escola pública boa ou terem pais que estimulavam, esses são incluídos e são incluídos dentro da excelência, eles acompanham, então existe uma quantidade razoável de cotistas que acompanham e são muito dedicados e que alcançam a excelência, alguns outros não, dos não cotistas é a mesma coisa, alguns alcançam excelência e outros não.

S – Os que geralmente não acompanham, eles evadem?

K – É, acho que evadem, a universidade ela é difícil, começa a virar uma bola de neve, porque ai já bomba em uma disciplina, já atrapalha em uma outra, já começa dar conflitos de horário, então nesse aspecto os que tem mais dificuldade de acompanhar vão acabar ficando um pouco para atrás mesmo.

S – E com relação aos professores, com esses alunos que tem mais dificuldades, o professor percebe que existe assim um estímulo para eles tentarem um estímulo maior durante um determinado período ou isso fica por conta do aluno?

K – A faculdade tenta de alguma maneira remediar, têm aulas de reforço, eles mesmos tentem remediar através de aulas públicas entre eles. Agora vou colocar um dado fora do nosso ambiente aqui e isso já conversei com os meus professores e outros professores mais velhos, tá havendo um problema sério na leitura, os milênios tem uma certa dificuldade, são muito ansiosos e aprofundam pouco, então eu tenho a impressão que lamentavelmente nós estamos numa espécie de conflito Inter geracional!

S – Porque essa era tecnológica acaba não estimulando tanto muito.

K – Eu acho que tudo essa, digamos propaganda envolta do uso de novas tecnologias e de que as pessoas podem ser multitarefas e que pode pegar conhecimento pela internet, criou uma mentalidade que realmente atrapalha um pouco na hora de que você tem que sentar a bunda na cadeira com paciência e o esforço ser necessário, então, não são todos os alunos, mas, por exemplo, eu tenho percebido que alunos, por exemplo que os pais são professores e tem livro em casa a diferença de desempenho é perceptível. Porque desde criança foi estimulado à leitura e ao tempo de estudo, agora dos alunos que não tiveram este tipo de estimulação, e que, praticamente eles não conseguem ler um livro inteiro, a gente fica em um dilema, porque já são adultos, você até ajuda, mas tem um limite também.

S – Então o professor acredita que seja um dos problemas que contribuem.

K – Eu acho que o problema não é só nosso, eu tenho impressão que se você fizer isso em outras universidades e pegar professores mais antigos que estão se aposentando, eles vão dizer - eu já ouvi de três, isso - que está ficando cada vez mais difícil ter contato com os alunos.

S – Eu acho que mesmo dentro da academia, acho que essa era tecnológica acaba prejudicando um pouco, porque você vê assim amigos o tempo todo querendo, vai mais pra internet, pesquisa um artigo ou outro, fica mais superficial e não aprofunda em livros.

K – É não aprofunda em livros, não tem paciência com as coisas, só busca o resultado e é uma atividade difícil, exige dedicação. Principalmente no que diz respeito a pós graduação, eu não sou a favor de cotas, eu acho que realmente depende do talento da pessoa. E a pessoa pode fazer outra coisa fora da pesquisa, ela tem que se encontrar.

S – Eu tenho um orientador, ele não é brasileiro, ele é europeu e eu sempre falo que eu sou de uma instituição privada, ganhei bolsa e depois de um processo seletivo exaustivo e o ruim lá é que são só dois anos para concluir o mestrado e eu acho que isso é um tempo muito limitado para leitura, a gente tem assim uma ansiedade, uma necessidade de continuar lendo e eu acho isso um tempo tão curto, tão pequeno e não responde as inquietações. E para mim a era tecnológica ajuda, mas atrapalha muito.

K – A tecnologia contribui depois que você já é um adulto formado, agora, você pegar uma criança e botar um tablete, não, lamentavelmente criança tem que decorar a tabuada. A mais isso é uma coisa muito antiga, nós estamos no construtivismo. Tá, mas

não esta funcionando, os índices de leitura e matemática estão decrescendo e não é no Tablet que a pessoa aprende matemática.

S – Em linhas gerais, como caracteriza o modelo UFABC, face aos modelos tradicionais de universidade, educação superior?

K – Bom... eu acho que de alguma maneira nós avançamos nesse aspecto da inclusão, mas eu acho que a tradição não é uma coisa que seja criticável por si mesmo, acho que, como eu tinha dito, o importante seria esse desenvolvimento da zona proximal, ainda manter a seriedade do trabalho acadêmico, a dedicação, o aprofundamento e mesmo a questão na filosofia da erupção das pessoas, não é mau a pessoa ler bastante, estar ligado a uma cultura erudita. Então eu não sou favorável de que a universidade se torne popular, digamos no mau sentido, acho que tem que haver uma aproximação da universidade com a sociedade, mas isso pode ser feito de duas maneiras, ou a universidade que adere aos valores da sociedade ou por outro lado - e pelo que a gente tem visto - isso não significa que a sociedade apresente valores que devam ser aderidos, ou por outro lado, essa aproximação se faz com a vinda da sociedade para mais próximo da universidade. Eu estaria mais disposto a o segundo caso. Eu acho que a universidade tem a missão de ser um polo de difusão do conhecimento – a palavra não é boa – mas ela não deve se rebaixar, não acho legal que a fim de popularizar a universidade ela perca seus valores e se transforme naquilo que eu tinha falado um grande *college*, que é só uma espécie de empresa de bater carimbo em diploma.

K – Falei muito diferente dos outros?

S – Não, tá acompanhando, eu acho que existe aí um dialogo interessante, uns pontos aproxima, outros se distancia.

K – É, a gente como é um grupo grande, então vai haver essas diferenças assim, quem está mas na gestão, então vai haver essa preocupação com a inclusão um pouco mais forte do que o pessoal que está só na pesquisa.

S – É, eu entrevistei um que pesquisa relações étnico raciais, aí vim falar com o professor que é da filosofia.

K – É provavelmente na agenda do pessoal de estudos étnico raciais, essa questão da diversidade é mais forte, o que é importante, tá gravando? O importante é que os autores da universidade não barre isso, tem que estimular, mas também não da pra barrar o sujeito que é o lógico e esta na linha de frente da pesquisa em lógica que provavelmente na universidade com seis mil alunos vai ter dois que vão chegar aqui e ter interesse, mas esses dois tem que ter, porque vai ter que ter os dois lados, não da para mobilizar os recursos tudo para isso, mas alguma coisa da linha de ponta e que é realmente difícil e esse estilo de investigação não pode ser dispensado, vira tudo voltado para a diversidade, é uma mescla e cada um faz melhor sua parte.

6. ENTREVISTA PROFESSOR MURYATAN

M – Esse pessoal são três: o Ramatis está aí hoje também, você tem que ver se você quer falar com eles ou não sobre esses assuntos, eu acho, porque talvez fosse importante porque são os únicos que de fato trabalham com essas discussões de diversidade

cultural, não sei das quantas, em relação a questão afro brasileira são eles, eu o Acácio e eles, o resto, eles não trabalham com essas questões aqui dentro.

S – O resto seria mais uma análise técnica mesmo, né, pra ver se de algum modo por ser uma universidade interdisciplinar, se eles conseguem fazer um diálogo com isso.

M – Esse pessoal todo que você falou até agora é o pessoal de humanas, 70, 80% é tecnologias.

S – É..eu até fiquei sabendo que é Universidade de Física do ABC e não universidade Federal do ABC

M – Para eles, a UFABC de verdade é a de Santo André, inclusive. Então eu acho que você tem que dar uma olhada para não ficar muito enviesada a coisa.

S – Eu conversei com o professor Manuel, esse primeiro momento das entrevistas, está mesmo todo o pessoal de humanas, mas aí surgiu essa questão do pessoal das tecnológicas, do pessoal de física, então como eu tô com prazo na minha pesquisa, nós resolvemos antecipar as entrevistas, até para ver como vai ser o desenvolvimento do trabalho, ele já está bem adiantado, referencial teórico, já tem um diálogo bem interessante no trabalho, porém nós resolvemos antecipar as entrevistas para ganhar um folego maior nas análises. Então assim, a ideia, é quando vocês voltarem, porque acho que agora em maio vocês param, né. Aí quando vocês voltarem eu vou continuar as entrevistas, mas aí com o restante do pessoal, o pessoal de física, mesmo.

M – Vamos aproveitar, porque tem três amigos meus aqui hoje, vamos ver se você consegue falar com eles também...

Vamos lá então, como funciona a coisa, eu falo livremente, você vai me perguntando isso aqui?

S – Eu Posso ir perguntando e o Professor ir falando, pelo menos para a hora da transcrição, eu acho que fica um pouquinho mais fácil. Eu estou gravando. Como o professor mesmo disse, é mais um bate papo.

Como eu já havia esclarecido para o professor o meu objeto é a formação continuada, porém nós mudamos um pouquinho o percurso e diante disso eu gostaria de saber do professor como que insere na sua prática pedagógica a diversidade cultural e epistemológica?

M – A minha prática pedagógica, boa pergunta. Nós trabalhamos aqui basicamente com aula expositiva, então em alguns momentos nós temos menos aulas do que geralmente se tem nas universidades tradicionais, por conta do quadrimestre, vou ser o mais sincero possível, depois você veja o que faça com isso. Essa questão do quadrimestre eu acho que já é um complicador, porque a gente acaba dando menos aula em uma disciplina, do que se da nas universidades que são semestrais. Nos alunos eu sinto que eles querem ouvir a gente falar, o interesse deles é basicamente esse. Eles não tem muito interesse, ou não me parece ter praticamente, pode ser até que no discurso a conversa seja outra, mas na prática eu não vejo grande interesse na interação, no sentido da formação de práticas pedagógicas diferentes da aula expositiva. Com grupos, com seminários, então eu já fiz várias tentativas com seminários, com leitura de textos, mas eu continuo incluindo isso na aula, mas não achei que foi muito produtivo. Então meu método

continua sendo de aula expositiva. Agora, a pergunta é sobre a prática, a diversidade cultural, né. Isso depende muito do curso que eu tô dando, obviamente. Nós aqui trabalhamos sempre, dentro da humanas, nós damos uma aula... então, isso depende muito da temática que estamos discutindo, em relação a África e questões das diáspora africana, como essa é minha área de trabalho, isso nunca foi uma coisa muito complicada de inserção das diversas disciplinas, porque é uma área que eu já estudo algum tempo, já tenho um tempo maior de pesquisa, então para mim não me soa estranho trabalhar com essas temáticas, dependendo da disciplina, então por exemplo, uma disciplina como, formação do sistema internacional, é uma disciplina que geralmente tem um caráter bastante eurocêntrico, que conta a história da formação do estado moderno, do chamado sistema interestatal, formação do capitalismo na Europa, então a tendência ao se dar essa disciplina é que se reproduza um certo modelo eurocêntrico de narrativa, de construção histórica. Agora, o meu esforço aqui, até com outros colegas, é tentar superar, se não superar, pelo menos pensar um pouco fora dessa caixinha, pensar para além dessa construção eurocêntrica, então nós incluímos por exemplo, várias discussões sobre África, nessa disciplina, nós incluímos certas perspectivas em relação a própria diversidade cultural em um sentido mais amplo, da diáspora, então digamos, nós conseguimos construir nessa disciplina específica um currículo, não um currículo, mas uma prática bastante diferenciada do que seria essa narrativa eurocêntrica mais tradicional. Agora isso é um pouco da ação do professor individualmente, a UFABC ela tem poucas disciplinas que permitem esse olhar mais voltado para diversidade cultural, etc. Quando eu entrei aqui, a três anos atrás, essa foi uma grande preocupação minha, porque só existia, no meu entender, uma disciplina que poderia tratar desse assunto, que era uma disciplina do BCH, que era identidade e cultura, era uma disciplina importante, útil, mas que era dado ainda, digamos, dentro de numa concepção bastante tradicional, da antropologia estrutural, e pós modernista também, mas sobre tudo, Levi Strauss, sobre essa temática e isso me preocupou bastante, porque na prática eu percebi que a discussão sobre a questão do negro brasileiro, das populações afrodescendentes e etc, estava quase que nula dentro da universidade, então nós começamos um trabalho para inclusão dessa disciplina, que foi importante para mudar esse quadro, que é a de estudos étnico raciais, voltada para discussão da população afro-brasileira e secundariamente a população indígena. Então isso mudou efetivamente o quê que nós conseguimos construir aqui dentro, mas aí a gente vai entrando em outras questões.

S – Para continuar, eu gostaria de perguntar ao professor, quais são os obstáculos, a inclusão da diversidade cultural e epistemológica na sua prática pedagógica, que vai mais ou menos ao encontro do que o professor estava iniciando agora.

M – Na minha prática pedagógica, eu não tenho uma visão, digamos, eu não vejo diversidade cultural, a partir do relativismo cultural, então, quando eu discuto diversidade cultural, eu discuto historicamente, eu não discuto desde uma perspectiva culturalista, a-histórica, então para mim, digamos, eu não vejo como, quer dizer, tem obstáculos da minha própria ignorância sobre os temas, mas eu não sinto que falta abertura para essas discussões mais culturalistas, mesmo que se fosse no sentido mais culturalista, se eu quisesse coloca-las dessa forma, agora, tem uma dificuldade prática que é cumprir basicamente o que está no currículo, então voltando ao exemplo dessa disciplina de formação do sistema internacional, você tem que abarcar a história da formação do estado nação e do capitalismo, tudo isso em 14 aulas na prática, basicamente. Então é claro, se você for se voltar muito para as questões de uma visão não eurocêntrica desse debate, se você tornar o curso, voltar-se só para isso, você

não vai conseguir fazer o que curricularmente se coloca lá como uma necessidade, que é eles saberem a construção do estado nação na Europa Ocidental e do sistema internacional das relações internacionais dentro da Europa Ocidental, então isso é o que digamos curricularmente o que é importante, seria importante eles saberem, então a gente faz, nem oito, nem oitenta, dentro da nossa possibilidade, a gente faz uma síntese maior dessas discussões, a partir de uma perspectiva mais europeia e dentro do possível abre um espaço para discutir isso em outras regiões, inclusive não só África, mas discutir isso na China, que hoje é um ator geopolítico importante, então é importante os alunos conhecer um pouco mais da história da China, ou da própria América Latina, enfim, a gente tenta fazer esse jogo, mas enfim, depende muito da sala também, depende muito também do interesse da sala, eles têm muita dificuldade com essas temáticas, por exemplo, se você for discutir isso para Europa Ocidental, para eles é mais óbvio. O nascimento estado nação na Europa ocidental, eles já tiveram alguma coisa na escola, é mais tranquilo, você discutir isso sobre a África, eu posso fazer e faço, mas eles tem bastante dificuldade, porque eles não tem uma formação básica sobre isso, é anterior geralmente. Então eles tem interesse, mas eles tem dificuldade, quando você começa a detalhar mais o assunto e etc, eles tendem a fugir, e voltar para a caixinha deles. O novo assusta e da trabalho, da mais trabalho do que pesquisar aqueles assuntos que eles já estão acostumados, que eles acham mais fácil na internet, então você falar sobre África no século XVII no século XVIII, isso é uma coisa que assusta um pouco. Os prazos não contribui, a aula não é aquela aula, novamente, nas universidades mais tradicionais você da o curso de 4 horas, por dia, ai você pode fala sobre tudo praticamente, Deus e o nascimento do mundo, aqui não, nós trabalhamos com 2 horas, que na prática é 1 hora e meia, porque eles tem que se deslocar do campo e etc, então em uma hora e meia você faz o básico, é difícil ir muito pra além. Eu sinto que não estou respondendo exatamente o que você está perguntando, mas acho que vai ser útil de qualquer forma.

S – Mas assim, se for analisar mesmo todo o contexto do que o professor está dizendo, esta dentro, é que é difícil mesmo, eu fiquei tentando imaginar como seria de fato, porque eu já havia ouvido críticas com relação ao tempo, mas eu não tinha analisado por esse prisma.

M – É, tem um lado, digamos que eu quero crer que seja positivo, que eles ouvirem diferentes perspectivas sobre uma mesma temática, então como eles tem muito mais disciplinas, por conta do quadrimestre, eles tem muito mais professores e às vezes o mesmo tema é tratado de formas diferentes também, eu acho isso, eu espero, que seja de alguma forma positiva para eles, para eles perceberem, que tenham um juízo crítico, que tenham um que interpretativo, que o professor não é o dono da verdade, que tem posições diferentes sobre as temáticas, mas por outro lado tem isso, temos que abarcar muitos assuntos, tudo muito rapidamente e isso nos angustia um pouco também.

S – Deve ser bem difícil. Bom, pelo bate papo até aqui, eu já tenho mais ou menos a ideia, porém eu gostaria mesmo de ouvir do professor. No seu ponto de vista, o professor se considera um professor tradicional, monocultural ou pelo contrário, promove nas suas aulas a diversidade de sabres e a interculturalidade?

M – Eu sou um professor tradicional no sentido da aula expositiva, isso sim, mas faço o possível para sair do óbvio em relação ao conteúdo das aulas e eu acho que isso é relativamente, quer dizer, nós temos colegas aqui que tentam fazer isso, mas não são formados em áreas que não sejam história europeia, mas eles fazem um esforço para

isso, para mim é mais tranquilo, porque eu estudei outra coisa que não a história europeia tradicional, então, digamos eu faço esse esforço em tentar desconstruir essa monocultura.

S – Engraçado que enquanto o professor falava, eu fui prestando atenção, eu falei nossa, ele não é tradicionalista, eu não imaginei sua aula de um modo tradicional.

M – É, não, agora e aula expositiva, nesse sentido é, bem tradicional, agora, pelo conteúdo não, falar coisas novas, que eles não saibam, ver se isso os instiga de alguma forma e provoca, aquele tipo de coisa e isso eu acho que os professores aqui da UFABC, eles são, eles tem essa instigação pra aula, essa disposição pra, eu to falando, eu to generalizando, mas digamos, dentro do grupo das ciências humanas, com o qual eu convivo mais, eu percebo que os professores são bem provocadores, tem essa coisa de instigar o aluno a pensar, e cutucar, não é pra botar o aluno para dormir não.

S – Tendo presentes os princípios do PDI, o novo modelo pedagógico, a inclusão social, a interdisciplinaridade, como o professor operacionaliza esses princípios na sua prática pedagógica?

M – Isso não é mais a mesma pergunta?

S – Então, é que na realidade ela, uma é continuação da outra, elas vão meio que dar impressão do mesmo sentido.

M – Eu sinto que de certa forma respondi isso, agora, a interdisciplinaridade para mim é inevitável. A interdisciplinaridade, eu tenho uma formação bem interdisciplinar, fiz história, sociologia e agora estou trabalhando com relações internacionais, então para mim faz parte da minha trajetória e eu tento explicar a importância de se ver de diversas formas o mesmo objeto de estudo, já falamos, por exemplo, sobre, sei lá, o problema do racismo, você pode ver isso por uma visão mais antropológica ou mais histórica, ou mais sociológica e eu tento explicar isso para eles, porque, e eu julgo que é importante porque eles não tem esses cursos mais tradicionais das ciências humanas aqui, tipo história, sociologia, eles tem o bacharelado geral de ciências humanas que já é em si interdisciplinar, mas como as vezes não tem a base do que são essas disciplinas, gera mais uma confusão do que uma própria interdisciplinaridade e eu me esforço muito para explicar para eles o que seria uma visão mais sociológica de determinado problema e enfim, espero que mais colegas pensem assim, reflitam assim também. A questão da inclusão social, eu acho que isso é algo que nos angustia, sobre tudo no curso de relações internacionais, porque é um curso que foi muito bem avaliado recentemente e nós somos bem rigorosos em relação aos alunos, só que ao mesmo tempo temos a preocupação de não transformar ou não fazer com que isso transforme o curso em um curso elitista, porque o perfil do aluno de relações internacionais já é um perfil mais elitista, é diferente do aluno que vai fazer os outros bacharelados pós BI. Políticas Públicas, planejamento territorial, ele tem um perfil diferenciado e isso se reforça conforme o curso também se torna um curso de digamos, de excelência seria pretensão nossa, mas um curso difícil, um curso de formação pesada. Nós temos essa preocupação e isso não é óbvio de resolver, realmente. Então uma questão estrutural que ajudaria e muito é a bolsa de permanência que foi cortada em grande parte, aqui na universidade, então essa é uma questão estrutural que está por trás do fato do aluno conseguir também seguir os cursos ou não. Às vezes ele quer, mas não tem condições financeiras disso e aí uma discussão para além do currículo, da diversidade, então é um problema

pratico, sobretudo dos alunos que não são aqui do ABC ou de São Paulo. Enquanto a universidade não voltar a ter aquela condição estrutural que tinha, com as bolsas permanência e etc, nós vamos ter uma dificuldade que é difícil de resolver de outra forma, além disso, tem a questão específica do curso de relações internacionais que é algo realmente que me preocupa também. Do novo modelo pedagógico, o que seria exatamente?

S – Na realidade é a mesma coisa, como que operacionaliza os princípios da prática, dentro desse novo modelo, que está de certo modo ligado a interdisciplinaridade.

M – É, acho que na prática sim, nós temos os cursos de licenciatura, estavam sendo votados, talvez você esteja mais informada do que eu, vocês estão sempre conversando com o Daniel sobre, então eu acho que vai ser outro viés desse debate, vai ser importante para o próprio realização da UFABC aqui na região, porque como nós não temos os cursos tradicionais, nós não temos as licenciaturas, as humanas ainda são aqui, um apêndice da tecnologia, são aqueles cursos que o pessoal de tecnologia aceitou, porque achou de alguma forma achou que seja ser útil, para exposição internacional da universidade, seja para implementação dessa tecnologia no curso de economia com discussões de inovação e gestão, coisas parecidas, então nós somos ainda bem colonizados pela tecnologia, o que nós tentamos é abrir espaço e aceitar essa discussão epistemológica mais profunda, não só no curso de ciências humanas, mas também no curso de tecnologia, sobre tudo o BCT, eles precisam ter uma visão menos eurocêntrica da ciência e da tecnologia e não é isso que é passado aqui, agora, é difícil você convencer engenheiros, químicos, físicos, biólogos, que eles são eurocêntricos, de que existe algo além disso, que eles tem que pesquisar, tudo isso é muito difícil. Para quem não é da área. Quando tem pessoas, um físico dizendo que é possível, eles podem até ouvir, mas porque vão ouvir um historiador, um sociólogo, dizendo para eles que eles são eurocêntricos, é difícil que aceitem esse debate, mas enfim, a partir das disciplinas das próprias ciências humanas, eu acho que nós temos essa responsabilidade de trabalhar essas questões e como há disciplinas como CPS e EDS que o pessoal de tecnologia obrigatoriamente tem que fazer dentro do BCT, eu acha que isso, como o pessoal do BCT, ele é obrigado a ver temas de ciências humanas, pela questão interdisciplinar intrínseca aí da faculdade, nós temos essa oportunidade de discutir essas questões com eles, pelo menos nesses cursos iniciais, muitas vezes isso depois se perde lá, mas enfim, uma entrada mínima nesse sentido a ciências humanas teria, a questão é que a maior parte dos professores de ciências humanas também não tem essa preocupação com questão da diversidade cultural, da epistemologias alternativas, ou das discussões de relações étnico raciais. Eles não têm essa..

S - Mesmo os professores de humanas?

M – Mesmo os professores de humanas, eles não tem essa preocupação, eles não tem. Nós tivemos um esforço enorme para conseguir convencê-los de que deveria ter um esse concurso para trazer professores que trabalham com relações étnico raciais para a universidade, dentro de ciências humanas, não foi em relação à tecnologia, foi dentro das ciências humanas. Tivemos que convencer o pessoal da economia que tinha alguém, eles deveriam ter um professor, um pesquisador que trabalha, por exemplo, com desigualdade de renda, ou desigualdade social, foi difícil, não foi fácil, um trabalho de um ano e meio de convencimento, de conversas. Então se hoje a UFABC esta melhor em relação a esse cenário, foi porque um grupo de professores lutou pra que isso

ocorresse, porque, não era, a universidade era praticamente, completamente fechada para essas discussões há três anos atrás.

S – Eu ia justamente perguntar isso para o senhor agora professor, seria bem a margem das questões aqui, nesses 3 anos que o professor está aqui, nessa questão entre o BCT e BCH se realmente já haviam ganhado força com isso ou não, se ainda tá...

M – Até levantou-se a possibilidade do BCT passar a ter essa disciplina de estudos étnicos raciais, mas isso não foi adiante, enfim, porque eles não dariam essa disciplina, então nós teríamos que dar e não tem muitos professores que trabalhem nessa área também, então teriam que fazer novos concurso, para trazer novos professores para essa área, então tudo isso implicaria, muita gente teria que se empenhar nisso novamente, não me parece que foi o caso.

S – Então de certo modo a interdisciplinaridade acaba falhando ou não?

M – Em relação à diversidade cultural, epistemologias alternativas nesse sentido sim, porque há uma dificuldade da ciência de tecnologia em entender isso e há uma dificuldade da ciência de humanas conseguir entender e explicar, e até ela mesma aceitar essas discussões. Se você perguntar em qual a parte dos professores da UFABC em ciências humanas, eu diria que 80% deles acham que ciências e tecnologias, eles não vão dizer abertamente, mas enfim, mas ciência e tecnologia são algo da experiência europeia e que é isso que nós temos que aprender ponto final, os professores de ciências humanas também, enfim, é um trabalho de convencimento.

S – Na ausência de um modelo de formação continuada para as professores da educação superior, quais são no seu ponto de vista as atividades que poderão ajustar a formação continuada dos professores da educação superior, especificamente dessa universidade?

M – É, nós estamos planejando os cursos de especialização na área étnico racial, há um pessoal também da filosofia fazendo cursos de extensão, a professora Suze, que eu acho que seria importante você conversar, que é muito colega do Daniel também. Talvez lá na filosofia se encontre outros colegas que, não to me lembrando o nome de outra professora que entrou recentemente, mas a filosofia aqui também ela é bem tradicional, ela trabalha mais com a lógica do conhecimento, ela é bem eurocêntrica, bem fechada, bem Uspiana, digamos, e enfiam. Dos cursos, o que nós temos feito aqui são os cursos de extensão, que nós fizemos um aqui ano passado, ano retrasado, perdão. Todo ano nós fazemos, nós estamos no 4º curso, nós fizemos um sobre a relação dos movimentos sociais, discussão sobre os movimentos sociais e debate étnico racial, fizemos outro sobre a África, outro sobre pan-africanismo e um outro que estamos terminando agora sobre crise brasileira e discussão do movimento negro e etc. Esse de África nós fizemos com todos os coordenadores pedagógicos de São Bernardo do Campo, bem na ideia de tratar a temática da 10.639, então fizemos um curso de extensão razoavelmente longo sobre isso. O professor Acácio agora está com um curso agora também que vai durar o resto do ano sobre África, também com os professores daqui de São Bernardo. Quer dizer, nós estamos caminhando, esse grupo que trabalha étnico racial, que são 7 professores, se não me engano, com esses 4 que entraram agora, o Paris, o Acácio e eu, e esses 4 que entraram posteriormente, nós estamos caminhando para uma proposta de um curso de especialização nessa área de étnico racial, agora étnico racial, nós estamos falando do que? Basicamente em relação à população afrodescendente no Brasil, uma discussão de África, nós temos aqui, que é relativamente algo importante, nós temos se

eu não me engano, um professor que trabalha a questão indígena, que é o professor Luiz Roberto, que seria importante você conversar também, do BCT e a professora Suze Pizza e Professor Daniel, que trabalha nessa perspectiva de epistemologias alternativas e etc, lá na Filosofia. Se eu não me engano, ponto final, não tem mais ninguém que eu me lembre que trabalhe, chutando eu diria que tá um interesse nessa discussão, nessas temáticas paralelas que eu comentei, que deve haver uns 15 professores, que tem essa preocupação, num total de, diz aí depois, 500 talvez, bom você dar uma olhada aí depois. Acho que são uns 15 professores, os outros são digamos, mais assim, tradicionais.

S – Isso ainda instiga ainda mais a minha, tanto a preocupação em entrevistar o pessoal do BC&T, e até a interdisciplinaridade, porque eu fico imaginando, se a universidade “é”, como é possível “ser”? Não existe o dialogo, entre um e o outro? Os alunos como ficam, nessa questão?

M - Muito do que a gente construiu foi com o apoio dos alunos, eles puxam as questões, como nós temos, por conta da questão da cota para negros e etc, nós temos percentual de 20% de alunos negros, ou algo parecido, não chega a isso.

S – A cota total é de 50%, né e ela é dividida, é isso?

M – Não, é 30%, mas ela não ocupa os 30% e tem outro complicador, que segundo os alunos, muitas pessoas que não deveriam ter acesso a cota, utilizam a cota, então essa é uma questão muito forte para eles, agora, é uma questão difícil de você resolver, porque você vai fazer uma entrevista, dizer se o cara é negro ou não é negro, é uma questão que não é fácil de resolver. E se você entrar na sala de aula, você vai ver que, realmente, negro, negro, não chega a 20% na sala de aula. Então me parece razoável que haja uma dose de burla nessa história, de enganação mesmo, de quem ta efetivamente utilizando a cota. Agora, seja como for, os que entram nos apoiam muito em todas essas..., não só eles claro, mas eles são parte importante dessa discussão. A mesma questão é o debate sobre gênero, que tá agora aqui na universidade, nós não temos praticamente professores especialistas no debate de gênero, de sexualidade e enfim, isso está sendo colocado agora, vamos ver se vai ter uma solução satisfatória, mas é a mesma questão, nós tínhamos 4 cursos de Ciências humanas e nenhum deles, talvez nós temos duas especialistas, que seja, duas professoras, em 4 cursos de ciências humanas, cinco com filosofia, nós temos 2 ou 3 professoras que trabalham com a questão de gênero, é muito pouco, então a questão da diversidade, bem da verdade, nunca foi uma questão central para ser o projeto das ciências humanas da UFABC, não foi. Essa questão está sendo colocada pelos alunos e por um grupo de professores quem está trabalhando em torno do assunto, politicamente ou na prática, independente do que tá no currículo, você vai lá e da uma abertura maior para o debate, isso muitos colegas meus que não tem essa formação, eu conversei com eles, nós temos, nós fazemos conjuntamente as disciplinas, eles fazem o esforço de releituras e inclusão de novas temáticas, agora, são pelas relações pessoais que eu tenho com eles, não é uma coisa da instituição nesse sentido.

S – Não vem da instituição, mesmo sendo presente nos princípios do PDI?

M – Sim, sim. Então a instituição ela tem sido, nós temos, não da pra comparar a minha trajetória que eu passei na USP. Eu fiquei quase 15 anos na USP, não dando aula, mas como aluno, na Pós e etc. Na USP, certos assuntos simplesmente não vão para frente e discussão de cotas na USP, nós discutimos isso 20 anos lá e a USP não tem respostas

satisfatórias sobre isso e não vai ter e ponto final. Não interessa, e acabou-se. Eles tinham colocado um professor negro em cada departamento ou que entendesse dessa temática pra discutir o assunto. Isso com relação lá ao centenário da abolição ainda e pra não ficar muito feio e hoje isso está se fechando novamente, então, os professores trabalhavam com essas temáticas, o Sergio, o Professor Milton Santos, o Professor Wilson Barbosa, o Professor Kabenguele, eles estão se aposentando por idade, estão falecendo e etc e não estão sendo colocados professores lá que vão bancar isso, então é evidente que se trata de um projeto consciente de tirar essa temática da USP. E aqui, evidentemente, por isso que eu ti falei do susto que eu tomei quando eu entrei aqui, embora fosse uma universidade que se propõe ter um modelo diferente e etc, a única coisa que efetivamente nós tínhamos desde o começo era a cota racial e a cota social, para, além disso, nós não tínhamos absolutamente nada sobre inclusão, diversidade étnico racial, cultural, etc, etc. Agora, qual é a diferença? A diferença é que se alguém leva a briga adiante, muita gente digamos, apoia ou digamos, pelo menos não é contra, abertamente contra - porque fica feio ser contra certos tipos de debates – então essa é uma tática do constrangimento que a gente usou muito aqui, porque vocês não querem essa discussão aqui, qual que é o problema. A pessoa, não, não é isso, não me leve a mal. Um argumento que nós ouvimos muito, como queremos discutir a questão étnico racial da disciplina, isso era levado para o campo das diversidades no sentido mais amplo possível. Era justamente não se dar importância a discussão que nós queríamos colocar da étnico racial, que é uma discussão referente a mais de a metade da população brasileira, e que não se refere só ao negro, se refere também ao branco, no final das contas, porque são relações étnico raciais, o branco também é etnicizado, racializado, não é só o negro, é uma discussão estrutural da sociedade brasileira. Então, os que digamos, se opunha, colocava as questões dessa forma - vocês só querem discutir esse assunto, vamos discutir a questão das mulheres, vamos discutir a questão dos indígenas, que é uma forma de diluir esse debate conforme a gente tava colocando, debate étnico racial, então isso é complicado, porque você conversando com a pessoa, aparentemente ela é a favor da diversidade, mas ela não vai trabalhar com isso e ela vai usar esse argumento quando você colocar essa questão efetivamente, ela vai usar esse argumento quando você colocar essa questão efetivamente, ela pode inclusive usar esse argumento contra você.

S – Ela não se diz contra, mas também não se posiciona a favor.

M – Ela não se posiciona explicitamente a favor, se não tiver ninguém para levar, não vai.

S – Então o professor acredita que seria uma forma de promover essa “formação continuada,” para diversidade, ela já não existe por conta da resistência dos próprios professores?

M – Eu acho que depende desses 15 professores se eles quiserem fazer algo sobre isso, porque os outros 480 não vão fazer nada, eles não vão se renovar, se reciclar, estudar novas coisas, dificilmente eles vão fazer isso, os que vão é a minoria que se dá a esse trabalho. A reitoria mesmo tinha projetos de fazer..., não vamos fazer um projeto de extensão dessa disciplina de estudos étnicos raciais para BCT, não, então vamos formar os professores nesse assunto, eu falei, olha, isso não existe, quem vai passar a dar esse assunto, isso não é realista. Se vocês apoiam isso, vocês façam a política necessária para a contratação de professores que vão trabalhar com isso. Não adianta ficar com conversa de que nós vamos fazer uns cursos e todos os professores vão vir e vai ser ótimo, não

vai, não vai ser ótimo e eles não vão vir e se vier vem obrigado, aquelas questões que nós conhecemos. Eu tenho uma certa experiência no curso de formação de professores, a gente sabe quando os professores querem estar lá ou não querem e a diferença que isso faz, de se fazer um curso obrigatório, você ganha coisas com isso, porque o cara que não quer nem saber desse assunto é obrigado a ouvir, mas ao mesmo tempo, você não pode esperar muito de um cara que é obrigado a estar lá, é completamente diferente trabalhar com quem quer ouvir, está disposto a entender das questões, está aberto a isso, então eu acho que vai depender muito desses 15 professores.

S – Então acaba não se diferenciando muito no caso da USP, como o professor está dizendo, a UFABC acaba meio que aproximando muito.

M – Acaba se aproximando muito na prática do modelo USP. Pode ter um discurso diferente, digamos, para chegar na USP, veja a briga que tivemos, hoje estamos até mais avançado que a USP, porque a USP tá se fechando para isso e nós temos 7 professores que trabalham com a temática étnico racial, mas não é nada substancialmente diferente.

S – Em que medidas os projetos de pesquisa em que o professor participa, contribuem para sua formação continuada e para sua prática pedagógica?

M – Para mim completamente, porque esses cursos de extensão me ajudam a pensar, são parte do meu objeto de estudo também, então junta interesse pessoal, político, acadêmico, para mim tá tudo muito próximo e uma coisa fortalece outra, tá tudo inter-relacionado, tudo dentro dessa área.

S – Como a UFABC e o professor, como docente da universidade, concilia a questão da necessidade de produção acadêmica e a cultura dos rankings? Aqui no caso, o próprio PDI, ele frisa muita a questão da qualidade e excelência, com os princípios institucionais da inclusão social. Ai é uma coisa que me incomoda muito.

M – Ranking, inclusão social e?

S – O PDI, ele tem muito claro lá essa questão de manter qualidade e excelência com relação aos rankings, eles atingiram um ponto e eles não querem descer, muito pelo contrário, querem avançar e ai com relação a isso, como o professor vê essa questão dos princípios institucionais e a inclusão social? Porque nós temos aqui alunos oriundos de classe popular e diante disso como que eles...

M – Isso tem relação com que eu disse sobre o, em particular o curso de relações internacionais, que já é mais elitizado e nós queremos construir um curso de referência nacional, a primeira turma desse curso ficou em segundo lugar no plano nacional, mas a consequência prática disso, talvez seja uma maior elitização da turma, então como resolver isso? É difícil.

S – O professor já observou se tem alunos de classe popular dentro desse curso ou eles já nem procuram?

M – Não, eles já nem procuram, de modo geral já não procuram. Os alunos que procuram economia e relações internacionais, já tem um perfil mais estabelecido digamos assim.

S – Já houve algum caso de procura? Que o aluno não tenha dado conta, ou que ele já tenha evadido?

M – Claro, sim, sim. Nós temos os primeiros formandos agora, então temos dentre os formandos, sim, agora, é a minoria e aí eu acho que é uma questão maior, é uma coisa do perfil do cara que faz relações internacionais, é um perfil diferenciado. É um cara que vem no mínimo de classe média, classe média alta.

S – No caso para manter a qualidade, essa excelência, já não existe a inclusão?

M – Esse é o dilema, como resolver? Não é fácil. Eu tenho a impressão que isso poderia ser resolvido muito mais por uma questão, quer dizer, não são questões excludentes, mas eu acho que não é o currículo que vai resolver isso, acho que é uma questão da bolsa de permanência. Se a gente conseguir garantir bolsas de permanência os alunos de mais baixa renda, tem uma possibilidade maior de continuar no curso, mesmo que o curso seja puxado, porque eles têm o mínimo para sua sobrevivência, eles não vão conseguir nem ajudar a família, mas eles precisam ter o mínimo para a sua sobrevivência. Estudante não precisa ficar rico, eu vivo dizendo isso para os meus alunos, estudante não é para ser rico, você não precisa começar aceitar qualquer estágio que apreça na sua frente, qualquer banco, qualquer estágio, você não precisa fazer isso. Esse período da faculdade é para investir na sua formação, você tendo uma boa formação, saindo daqui com uma boa formação, você arruma emprego onde quiser, agora, eles não tem essa paciência, alguns por necessidade, vão vendo estágio já ao longo do caminho e isso já prejudica a formação deles, outros fazem isso por escolha, conscientes, eles tem pressa de ganhar dinheiro e sair de casa e etc,. Então, eles antecipam o problema, são alunos de classe média, que não precisam ganhar 2 mil, 3 mil reais por mês, eles não precisam, eles podiam investir na sua formação, para depois conseguir empregos melhores, agora eles não tem essa calma, eles querem logo começar a ganhar dinheiro.

S – Aí nós já nem estamos falando sobre os alunos de classe popular e os que dependem...

M – É, são os de classe média também. Eles não têm necessidade, mas eles vão atrás do dinheiro. Eles vão procurar banco, consulado, o que for, fazem trabalhos esdrúxulos, contanto que tenham um salário já mais considerável. Eu não sei para que eles precisam disso, eles não precisam disso. Se eles moram com os pais, se eles têm o suficiente para comprar livro, moram com os pais, não paga aluguel, não tem filho, para que ele precisa ganhar 3, 4, 5 mil reais? Não precisa. Precisa estudar, é isso que ele precisa fazer. Precisa ter miojo no armário, tomar uma cerveja de vez em quando, ter dinheiro para tomar uma cerveja, que ajuda colocar as ideias no lugar, ou tirá-las que as vezes faz bem também e conversar com os colegas, aprender, ter tempo de estudar, Eles entram em um banco, para virar estagiário, ganhar 2 mil, e mil e quinhentos reais, ótimo, mas eles não vão estudar mais nada.

S – Essa questão preocupa bastante agora, porque diante do quadro político que nós estamos, o que mais vão fazer é cortar os recursos.

M – Cortar os recursos, quer dizer, a formação deles podia ser muito melhor do que é, to dizendo o pessoal de classe média, agora o de baixa renda, eles precisam da bolsa permanência, é um fato, não tem como. É claro que se tiver, eles gostariam, eu tenho

alunos de relações internacionais, tem que ter mulher na bibliografia, tem que ter, quero mais mulher na bibliografia, eu quero que você faça uma discussão de África, eles são instigados, mas isso é exceção, ninguém vai ficar no curso sem rendimento, porque você fez a coisa como ele queria, não tem como.

S - Em linhas gerais, como o professor caracteriza o modelo UFABC face aos modelos tradicionais de universidade, educação superior. Nós já falamos um pouco disso lá atrás, porem...

M – Isso é difícil de responder, eu não sei, não tenho uma profunda convicção sobre isso, veja, a UFABC surgiu para resolver um problema específico que é o fato de que as universidades federais eram pouco tecnológicas do modo geral, então aqui se pensou a UFABC para suprir esse fato, é isso, essa é a questão. O que havia de novo nisso, quer dizer, isso em si já é novo, para além disso. Ela nasceu com cota social, racial, ok. Ela tinha um programa em que já existia interdisciplinaridade dentro do debate de ciências de tecnologia. Essa interdisciplinaridade conforme foram abrindo os cursos de ciências humanas, ele se ampliou, hoje envolve também curso das duas ciências, o curso de ciências tecnológicas. Então nesse sentido ele é inovador, é interessante a visão que você tem da ciências humanas é uma visão tradicionalista, poderia ser muito melhor no sentido de que mais atualizado a discussão internacional de ciências humanas, esse debate sobre eurocentrismo, é um debate que faz se internacionalmente, mas enfim, tá consolidado desde 20 anos, isso não foi o fulano ou beltrano que inventou. Não foi o Boaventura, ou o Said ou Guerreiro Ramos que inventou, isso é um debate que foi colocado nos anos noventa e várias, no âmbito de várias organizações que trabalhavam com ciências humanas. Então, digamos hoje, esse é um debate importante pro projeto das ciências humanas, uma ciência humana não eurocêntrica é mais ciência do que uma ciência humana eurocêntrica, e agora, compreender isso deveria ser algo importante para todas as pessoas que trabalham na área de ciências humanas, mas não é assim que é visto no Brasil, porque o Brasil tem uma formação acadêmica muito eurocêntrica. Que eu qualificaria só quase como um racismo epistemológico. Veja minha formação na USP é absolutamente eurocêntrica e dificilmente você tinha acesso a um autor africano ou qualquer outro que seja, isso para não falar do fato de ser sexista, machista, ainda, porque também tem pouquíssimas autoras mulheres que trabalhei na história na sociologia. Então digamos, temos um problema estrutural grande no Brasil, sobre isso, nós somos de fato colonizados, mentalmente colonizados. Agora, tentando responder sua pergunta, eu acho que ela é uma universidade tradicional no sentido que é eurocêntrico, nesse sentido ela é absolutamente tradicional. Agora no sentido de que ela nasce com cotas, que ela realmente se esforça em realizar uma interdisciplinaridade, ela não é tradicional, enquanto tinha permanência era um elemento a mais para torná-la inovadora, não tem mais, não tem mais é exagero, mas diminui muito, a iniciação científica, diminuiu muito, então..

S – O professor sabe mensurar para mim, mais ou menos, há quanto tempo essas cotas, esses auxílios diminuíram ou foram extintos?

M – Um ano atrás.

S – Então isso foi ainda antes da crise política do Brasil?

M – Que eu me lembre foi logo depois, não chega um ano atrás, chega a 8, 9 meses, acho que foi um corte realizado lá pra agosto, foi um corte drástico, cerca de 40% das

bolsas de permanência se eu não me engano, mas posso estar enganado. E a gente sente que clima mudou da universidade. Os alunos procuram menos a inicialização científica, antes tinha um programa de PDPD, que era uma iniciação científica ainda mais inicial, que o aluno podia fazer logo no primeiro ano, logo que entrasse. Então no ano passado eu tinha vários alunos de PDPD ou interessados, pelo menos, hoje isso não tem mais, porque o cara não vai ter dinheiro com isso, porque que ele vai começar a pesquisar no primeiro ano de universidade, não precisa, não precisa. Então a UFABC, esse projeto inovador esbarra em grandes dificuldades, eu diria que as maiores dificuldades são na formação, dos próprios professores, esses que tem formação eurocêntrica, é muito difícil sair disso, sair dessa caixinha e pensar diferente, fazer diferente e a questão conjuntural do corte das bolsas de permanência, das bolsas de inicialização científica, acho que tudo isso estruturalmente dificulta muito o andamento da coisa, mas aí, é até aonde eu vejo.

S – Quando o professor cita a questão da formação dos professores, o professor se refere aos novos, os professores de agora ou os professores como eles chamam os professores da missão, os pioneiros?

M – Todos. Os únicos que eu sinto que tem uma abertura para essa discussão são os colegas que me conhecem pessoalmente, e até saindo desse grupo pequeno, são pessoas que conhecem a mim, ou o Paris, ou o Acácio, etc, mas tem uma relação muito próxima da gente, a gente tem uma relação muito boa aqui, relativamente, eles se interessam também, até um pouco por contágio. Você leu o livro do fulano, coloca a discussão do capitalismo, na verdade nasceu aqui na conquista da América, ou as vezes ele gosta de um autor, ou gosta de outro..

S – Mas olha, eu to para dizer que isso funciona, viu Professor, eu vejo lá pela Uninove, nós temos o Ylê Educare que é um grupo de resistência, é um grupo assim, bem, eu particularmente gosto muito, e a gente pesquisa relações étnico raciais mesmo e de tanto insistir, e convidar, e brigar e laçar o povo ali, o povo acaba cedendo..

M – Às vezes na nossa chatice a gente consegue trazer alguns colegas que tem mais proximidade, ou entendem as questões, eles se enfatizam com as questões, botam a gente para falar, então são amigos, simpáticos com as questões. Quer dizer, há como bom seria se isso pudesse ser resolvido nesses termos, né, na personalidade, etc. Agora, é muito difícil o cara que é formado nisso, essa questão da formação continuada dos professores, que nós estamos conversando, isso é muito difícil. Aqui obrigamos professores a fazer isso, que no BRI especificamente, bacharelado de relações internacionais, ai tem uma coisa especifica, porque nós damos várias disciplinas, então estamos longe de ser aquele professor quadrado, que só dá uma disciplina, duas, ou então passa o resto da vida dando duas ou três disciplinas. Então por falta de professores, nós fazemos muito isso, agora, os professores tão reclamando, então vamos ter que dar uma calibrada, mas eu em um ano, um ano e meio, eu dei 7 disciplinas diferentes, não foi em um ano não, foi um ano e pouco, isso pra um professor universitário, é uma formação continuada, eu nunca estudei tanto na minha vida quanto agora, eu tenho que dar aula sobre assuntos que não domino, então isso é muito difícil, então nós temos na prática, nas relações internacionais especificamente, um processo de formação continuada, quer queira, quer não.

S – Mesmo que isso não esteja ali dentro do PDI, que não exista um modelo.

M – Não, mas, foi uma escolha que fizemos lá atrás, em parte foi escolha, parte não porque tinha pouco professor, então os professores tinham que dar aula sobre tudo. Em parte foi escolha, porque nós não queríamos o dono da matéria, e ninguém dava porque só ela era o especialista da matéria, só ela dava aquela matéria. Agora digamos, acho que até que a gente exagerou, nesse ponto, você dar 7, 8 disciplinas diferentes, é demais, aí vira aula de cursinho. Tá na hora de acabar a entrevista.

S – Se quiser continuar eu estou com tempo..rsr

M – Aí eu acho que a gente exagerou também, de dar 7, 8 disciplinas, porque aí fica uma maluquice também e é uma carga de trabalho imensa, porque todas as aulas tem que tá tudo em power point, os textos os alunos exigem que tem que tá no blog não sei das quantas e tudo isso e cai em cima das costas do professor. Então o professor aqui na UFABC ele é um pouco do coco do cavalo do bandido, porque os alunos estão sempre certos, a estrutura é complexa, a coisa do quadrimestre você tem que dá mais aula, você não pode se apropriar de disciplina, então isso tudo vai complicando a coisa, eu tenho certeza, eu tenho uma colega que veio de outro estado, que não vou falar qual é, porque, para não ficar assim indelicado, ela trabalhava em uma federal de outro estado e ela disse que é incomparável, que ela não chega a se arrepender de ter vindo para cá, mas que a quantidade de trabalho aqui é incomparável, perto do que ela tinha lá. Então a gente trabalha muito mais do que o professor tradicional trabalha em uma federal, de um modo geral, to sendo assim generalista, mas assim, eu conheço vários colegas que trabalham em outras federais, que o cara dá a mesma aula todo ano, fica ali acomodado, tá na zona de conforto, aqui não tem isso, aqui não tem. Agora, todas essas disciplinas ele vai continuar dando com o arca bolso que ele tem, se esse arca bolso é eurocêntrico, ele vai continuar sendo eurocêntrico, é muito difícil que ele saia da caixinha. É difícil.

S – Professor, só para fechar essa questão da universidade, aqui também, mais eu, dentro das palavras do professor, é possível caracterizar a UFABC por uma universidade neoliberal?

M – Neoliberal? Ai você... Em que sentido seria?

S – Ligando mais pela questão do eurocentrismo mesmo, porque a gente vai tão contra tudo isso e de repente você vê tantos princípios Uspianos aí, aí eu fiquei meio...

M – Não sei se neoliberal, neoliberal eu acho que não, porque eu acho que neoliberal é mais do que isso, para ser neoliberal, além disso, tem que ser uma universidade mais voltada para o mercado do que ela é.

S – O professor acredita que não?

M – Eu acho que ela ainda resguarda uma preocupação com a formação dos alunos, que eu acho que uma universidade que eu classificaria como neoliberal, não teria, eu acho que ela pode vir a ser.

S – Eu até quis perguntar isso para o professor, porque assim, eu desde o início quando eu comecei a pesquisar a UFABC, eu criei toda uma ideologia. Várias vezes eu me perguntei, é utópico isso, nossa, é a universidade dos sonhos, e de repente quando você começa a analisar documentos, vê o discurso, começa a falar com um aqui, ali, procura

um aluno, eu comecei a me preocupar, eu falei, gente será que isso tudo é falácia, será que eu tô enganada, será que essa universidade... Por isso eu quis perguntar isso, será? Medo eu acho, decepção.

M – Não é 8 e nem 80.

S – Mas pode caminhar para.

M – Eu acho que pode caminhar para e eu acho que é um projeto aqui dentro para que ela seja isso.

S – Triste!

M – Então eu acho que isso em parte é algo que os alunos também querem.

S – Os próprios alunos.

M – Os próprios alunos querem, então não é uma imposição de um grupo político aqui dentro, existe um grupo que evidentemente ficaria satisfeito se ela fosse mais ainda voltada para o mercado do que é, e que trabalha para isso.

S – Até por conta dos alunos que tem que quer queira quer não, não são a classe popular, não é a massa.

M – É, não é a massa. É a elite da UFABC, elite do ABC e aí um pouco...

S – A elite de São Paulo que está vindo. Ela vai acabar se tornando uma USP 2.

M – É... O modelão vai ser difícil de escapar disso. Tem uma queda de braço aqui dentro em relação ao que... Porque no fundo é isso, é mais complicado se fosse só uma questão política de um grupo, mas não é isso, é que boa parte dos alunos querem isso. É aquilo que eu te falei, os alunos de classe média que não precisam ganhar dinheiro, angustiados por dinheiro, pelo estágio, trabalham horas e horas por dia para ganhar aqueles 3 mil reais para fazer nada com aquele dinheiro, para trocar de carro, não tem nenhuma necessidade. Agora, eles se sentem mais adultos dessa forma, então a liberdade, a existência deles dependem do dinheiro, eles se sentem assim e no caso deles não é isso, mas eles se sentem assim, então é uma questão maior, os grupos que querem tornar a universidade mais voltada pro mercado se utilizam disso, então eles vão aos alunos, não, os alunos que vão até eles.

S – Mas os professores estimulam?

M – Claro...Boa parte deles pelo menos.

S – Professor, eu agradeço muito. Tem um terminho que eles pedem para assinar.

M – Tá bom.

7. ENTREVISTA PROFESSORA SUZE PIZZA

Suze – Vamos lá minha querida, o que você precisa de mim?

S – Só para iniciar, professora, eu tenho um terminho de livre consentimento que a universidade solicita e um pequeno questionário que já acompanhou o roteiro da entrevista, eu não sei se a professora chegou a ver?

Suze – Eu vi, eu só não preenchi ele, mas aí a gente pode preencher..

S – Só para poder explicar um pouquinho para a Professora, eu faço parte de um grupo de pesquisa na Universidade, que chama OBEDUC, e ele pesquisa as universidades federais da era Lula e Dilma.

Suze – Mas é bom, antes que elas acabem né...

S – Não fala isso professora.. Como a UFABC serviu de referência e modelo para todas as outras, meu orientador, que na época era professor de uma disciplina que eu cursava como aluna ouvinte, deu a ideia de eu desenvolver algum projeto relacionado à UFABC.

Suze – É um belo tema, tem problema suficiente aqui para você investigar.

S – A pesquisa nasce sendo a formação continuada dos professores da UFABC, porem ao analisar os documentos institucionais e também em conversas com alguns professores, nós nos demos conta que não existe um modelo de formação continuada e o próprio PDI não rege isso, então acontece aí uma mudança. A formação continuada continua sendo meu núcleo de pesquisa, porem ela abre para outras categorias. Eu passo a analisar também os modelos pedagógicos, a inclusão social e a interdisciplinaridade. Que são eixos estruturantes da universidade. Aí seguindo aquele roteirinho que a professora recebeu por e-mail, eu gostaria de saber, como a Professora insere na sua prática pedagógica a diversidade cultural e epistemológica?

Suze – Eu tive a felicidade de como eu comecei a fazer Filosofia, na verdade é minha segunda formação, eu fiz Ciências Sociais, depois comecei a fazer filosofia logo na sequencia. Mas tinha vinte e poucos anos. Quando eu estava no terceiro ano da graduação, inclusive na época o Daniel também cursava, a gente foi amigo de faculdade, chegou um professor na faculdade, é sempre isso, é sempre uma figura, alguém, tinha acabado de terminar o doutorado na França e ele trouxe essa discussão sobre a América Latina. Então, isso para a Filosofia era muito estranho, ainda é muito estranho, mas naquela época era muito estranho e ele começou a colocar questionamentos como se o pensamento é mesmo universal ou não, se aquilo era uma filosofia geral ou se era especifica do povo europeu, então ele trouxe um sentido geográfico para a filosofia e a partir dai eu mudei tudo, porque eu estava quase terminando o curso, só que eu fui ressignificar minha primeira graduação e fui ressignificar o que eu tinha feito até ali. E a partir dali eu inseri a tradição latino americana, apesar de eu ter continuado estudando tradição europeia, porque a filosofia ela é predominantemente europeia, eu queria uma formação em filosofia, não queria ter a formação em outras áreas, mas eu fui fazendo jogo duplo, de ter a formação em América Latina e em filosofia e isso já é uma história já de 15 anos. Por conta da aproximação com os grupos de filosofia na América Latina eu conheci o pessoal dos

grupos de Filosofia Africana e a partir daí eu fui inserindo isso nos meus cursos. Meus cursos eles nunca tem base epistemológica só europeia, eu procuro não seguir mesmo dentro de uma mesma cultura, as mesmas bases epistemológicas, então assim, eu fui fazendo isso na medida do possível ao longo de todos os cursos que eu dei, tem lugares que restringem, porque você chega e já tem projetos fechados, você falou que era da área corporativa e eu trabalhei na GV antes de entrar aqui, então assim, ali você tem um programa muito bem definido e quase não há espaço para outros discursos além do que já está previsto. África, enfim, em termos de Filosofia, impossível. É para estudar na Stoker, Kant, esse era o modelo. E aqui na UFABC, virou militância, na metodista foi durante muito tempo. Mas eu acho que isso vai muito de tentar quebrar os pressupostos da minha própria área, e mostrar que a gente precisa de epistemologias fincada em outros povos. Então a gente trabalha com as epistemologias do Sul, nesse ponto eu estou muito na linha do Daniel, a gente faz isso sistematicamente e eu acabo trazendo a tradição europeia meio que para confrontar também e fica uma coisa bastante interessante. Eu fui ao longo do tempo também lendo a tradição europeia a partir do olhar desses povos mais periféricos, que para o aluno acho que é muito rico. Então era uma práxis que ela é teórica, ela é filosófica, mas eu vou sempre procurando trazer de aculturalidade, mas principalmente esse sentido geográfico, acho que é por aí que eu vou.

S – E quais os obstáculos que a professora acredita existir na inclusão da diversidade cultural e epistemológica na sua prática pedagógica?

Suze – Todos os obstáculos que você possa imaginar, porque isso é considerado não filosofia, isso é considerado menor, isso não traz reconhecimento, para você se manter nos programas e conseguir artigos em revistas muito bem qualificadas, para você conseguir isso na filosofia é muito difícil, porque as revistas bem qualificadas estão trabalhando com uma epistemologia só e não várias, todos os tipos de obstáculos. O ambiente aqui na UFABC e aí em especial na Filosofia, talvez acho que nas outras áreas não tenha tanto, acho que a predominância da tradição europeia ela é muito forte nas ciências humanas como um todo. O aluno acaba se identificando mais com outras teorias porque ele vai ter mais reconhecimento e tal. Às vezes ele tem até um interesse verdadeiro naquilo, mas ele sabe que ele vai ser mais reconhecido se ele estiver vinculado à outra discussão, mas eu não sei, eu acho que o que vai mais pegando ao longo do tempo é você ter essa qualificação como se aquilo não fosse conhecimento. Isso é tudo menos filosofia - isso é pedagogia, isso é teologia, isso é qualquer coisa, menos filosofia – então isso cria uma situação complicada, eu que já estou vivendo com isso há pelo menos uns 15 anos, um pouco mais, chega uma hora que você cansa, você cansa bastante. Porque tem uma época que você quer argumentar, você quer explicar, mas depois vai tendo um cansaço. Mas por outro lado, a UFABC também é talvez o único lugar em que a gente consiga fazer isso no Brasil, porque tem muita gente aqui que comprou essa ideia. Então a gente tem um pessoal muito forte, em pensamento africano a gente tem um pessoal muito forte, no caso na filosófica latino americana basicamente só tem eu e o Daniel, mas já é o suficiente para um curso, ter duas pessoas trabalhando com isso, quase todas as áreas nas humanas você tem pessoas dando atenção a isso. Então hoje provavelmente você tem uns 30 a 40 professores muito interessados nisso. Militando, fazendo cursos, etc e tal. Tem os obstáculos, mas ao mesmo tempo a gente conseguiu se fortalecer bastante.

S – É possível superar?

Suze – Então, eu tenho dificuldade em pensar como as coisas podem ser superadas na filosofia, é muito difícil, mas eu acho que a gente conseguiu um espaço, mesmo que de marginalidade e também ninguém está muito querendo sair desse lugar, porque a gente não quer ser centro, então também não tem problema muito com isso. Mas é difícil, na hora de você pensar em um concurso por exemplo. A gente nunca teve um concurso. O primeiro concurso de filosofia na América Latina no Brasil foi na Unila, ano passado. Nunca houve. Aqui para trabalhar com isso eu entrei na área que é vinculada ao ensino de filosofia, porque são eles que controlam essa área, que eu gosto muito também, mas que não necessariamente minha área de aderência primeira. Então você tem que lidar com essas coisas para fazer. A gente teve uma batalha aqui para conseguir uma vaga para uma filosofia que pensasse em questões étnico raciais, que foi convertida no final das contas para gênero, porque para as pessoas se o cara tem uma deficiência física, se ele é negro, se é mulher, é tudo a mesma coisa, entendeu. Então tudo bem, numa vaga de estudos étnico raciais, pode entrar alguém de gênero. É muito maluco isso, então você fala, na área de gênero é muito importante e precisa de alguém, mas essa vaga é para dar conta de uma outra demanda, aí você lidar com isso em encontros, plenárias, discussões administrativas, é exaustivo, então assim, não sei se eu sou muito otimista quanto a mudanças estruturais, mas a gente tem força de intervir, acho que isso eu não tenho dúvidas, acho que isso não sai mais desses currículos, desses cursos.

S – A professora acredita que a reflexão coletiva ela pode ser um contributivo aí?

Suze – Ela pode, o problema é que você só consegue reflexão coletiva dentro desse grupo que já está afinado com isso, fora isso você tem um monte de indivíduos isoladíssimos, cada um estudando uma coisa muito específica. Você tem um professor que estuda Platão, não estuda nem filosofia antiga, estuda Platão, o outro que vai estudar, sei lá, cálculo proposicional e aí você não consegue ter essa relação, então acho que isso dificulta muito. Quando você tem grupos, como esses que a gente tem aqui, apesar de também serem indivíduos que estão juntos com a mesma temática, acho que é possível. E daria até para fazer mais se não tivesse tantas outras situações, né.

S – Os obstáculos apresentados pela professora são extremamente pontuais e satisfatórios para a minha pesquisa, esse que eu vou perguntar é mais a nível de comparação em decorrência das outras entrevistas que eu realizei. A professora acredita que o fator da Universidade ser quadrimestral também seja um obstáculo, ou não?

Suze – Eu acho que isso não é obstáculo para quase nada, talvez seja um obstáculo pessoal, eu ainda tenho dificuldade de adequar meus cursos há 12 semanas. E Principalmente, porque o que acontece, eu estou aqui desde 2015, então eu ainda estou me habituando. Ontem mesmo eu estava discutindo com os alunos, que eu acho que ainda proponho cursos que são demais para se fazer em tão pouco tempo. E não gosto de curso panorâmico, então não fico enfiando um monte de autor, então assim, acho que acaba um limite pessoal. Mas o que eu acho que dificulta, a gente tem um curso quadrimestral, mas nós não abandonamos a cultura do semestre em termos de vou terminando aos poucos, por exemplo, no semestre você tem lá 18 ou 19 semanas normalmente, eu gosto de fazer cronograma dos cursos, então lembro bem. Se você dá aula uma vez por semana, 19 semanas, às vezes até 20 semanas contando avaliação, essas coisas. O que acontece, quando você chegou na 16ª, você já deu bastante aula, você já discutiu muito coisa, já se leu muita coisa e aí começa, vou fazer uma avaliação, pegar um dia para dar retorno e tudo mais, então parece que isso cabe dentro do semestre, isso não cabe dentro do quadrimestre. Porque se você tem um curso de 12

semanas e você pega quatro para fazer..hoje eu vou só receber trabalho, semana que vem vou dar devolutiva, você acaba com o curso, você fica com nada, e eu sinto que isso ainda tem aqui. Por exemplo, eu tenho NAN, dos cursos que eu ainda estou dando, eu ainda tenho duas semanas de aula, a gente vai entrar em recesso dia 10 de maio, mas o que eu faço, até o dia 10 de maio eu dou aula, entendeu. O Que eu faço é o seguinte, eu tenho que dar devolutiva de trabalho e é superimportante, eles tem que vir em outro horário, isso para o aluno é um problema, mas eu estou aqui e eles podem vir em separado inclusive se quiser. E eu sinto que o pessoal não faz isso. E aí me preocupa essa tradição do semestre, se eu estou inserida aqui e aí acho que passa a ser um obstáculo, porque eu imagino que tem professores que conseguem dar muito pouca coisa, entrar muito pouco nas discussões e nesse clima que a gente estava discutindo antes de informação muito rápida e as coisas faladas de maneira muito descuidada, eu me preocupo que isso pode enfraquecer sim a formação do aluno, mas se o pessoal se der conta, são 12 semanas e eu vou trabalhar, eu acho que da para superar. Mas isso teria que ser conversado e não é, não tem espaço de discussão sobre isso.

S – A professora acredita que isso também possa enfraquecer a questão da inclusão social?

Suze – Então, pode porque se o aluno tem qualquer tipo de dificuldade, ele vai sentir muito, muito rápido, eu acho que ele já sentiria dificuldade no semestre, ele teria uma dificuldade boa num curso anual. Tem isso também, às vezes o curso nem é semestral. Eu dei aula muitas vezes na filosofia que meus cursos eram anuais. Eram duas disciplinas, mas uma era continuidade da outra. Mas o quadrimestre é muito complicado, porque se ele precisar de duas semanas para minimamente se ambientar aqui – vamos pensar em todo tipo de inclusão que pode existir – desde dificuldades físicas, você pensa que um aluno tem uma deficiência visual, por exemplo, e ele não consegue se localizar dentro do campus, até uma pessoa que, por exemplo, vem de uma região muito longe, ele não está tendo inclusão social e ele não tem, por exemplo, condição de sair daqui às 11hs da noite. A aula é das 7 as 11, ele tem que sair as 10. Tem muitos alunos que tem que fazer isso. Inclusive porque o nosso fretado aqui, se você pensar as 11 a fila está enorme e se a pessoa quer pegar, ela vai no horário anterior. Tem uma série de questões. Se ele faz 12 semanas de curso e ele sai 10hs todo dia, termina as 11, já começou a complicar. Se ele vem de longe, e chega 07h30min ou as 8, complica mais ainda. Se ele não enxerga e não se localiza no campus, não tenho dúvidas. Mas eu não sei, eu acho que é uma situação que parece causa e efeito, e na verdade não é, né, porque não teria em principio nada a ver o fato de ser quadrimestral com isso.

S – Mas quanto a prática pedagógica, a professora acredita que se mantém essa dificuldade?

SUZE – Eu acho que mantém porque a gente precisa de um pouco de tempo né. O curso quadrimestral é totalmente tranquilo para o aluno que tem tudo o que ele precisa para estudar. Eles as vezes até se dão ao luxo de chegar mais tarde, sair mais cedo e o cara acompanha numa boa, é complicado assim. A gente tem tantos problemas e tantas questões, que nem eu me ocupo tanto de pensar nisso. E como se a gente fosse levantar e não é pouco importante, mas se você pensa, a gente tem coisa muito séria acontecendo então não dá para cuidar disso agora. Eu acho que não foi uma coisa pensada, essa questão pedagógica. O Daniel certamente sabe qual foi à justificativa pra isso. Mas assim, pra mim o fato, por exemplo, de ter saído do esquema fevereiro a julho, férias

sempre em julho, isso para mim eu gosto, apesar de ter minha filhinha que sai de férias em julho e tal, a gente se organiza, se agente. Até porque a gente não trabalha tanto assim em sala de aula para reclamar disso. E eu gosto de ter saído um pouco do esquema daquela rotina. Você dá mais curso ao longo do ano, para o professor eu acho que isso é interessante, mas quando você coloca isso em relação a inclusão, pode ser problemático mesmo.

S – A professora se considera uma professor tradicional, monocultural ou, pelo contrário, promove nas suas aulas a diversidade de saberes e a interculturalidade?

Suze – Eu promovo todo o tipo de diversidade que você possa imaginar e sou ao mesmo tempo muito tradicional. Gosto da aula expositiva, então não sei muito bem explicar o que eu faço assim, acho que os alunos também não sabem. Eu procuro ser afetuosa com os alunos, eu procuro trazer para a realidade deles, eu procuro criar maneiras diferentes de apresentar as coisas. Eu falei para você, eu ponho um autor argelino do lado de um autor alemão, então os confronto. Então assim, eu procuro fazer a coisa de maneira extremamente criativa, absolutamente inovadora, mas as minhas aulas são todas expositivas, e aí o pessoal fala, nossa, ela faz um negocio muito diferente. Mas aí você olha, e se você não estiver escutando o conteúdo, você vai falar, o que tem de diferente – é lousa, é giz – às vezes uma aula tem quatro hs eu ponho um trequinho de um vídeo ou filme e isso não é inovação nenhuma, então assim, acho que tem o lado da tradição, gosto da ideia de que você está ali para trazer a tradição para o aluno, mas ao mesmo tempo eu acho que eu faço uma coisa que é totalmente diferente do que os outros professores fazem, porque o pessoal fala que é muito diferente e eu não sei bem. Mas eu tenho dificuldade de medir o que é isso sim. Porque eu também leio texto, eu levo texto, eu discuto texto, eu do prova. Eu acho que a diversidade ela é muito epistemológica e eu acho que tem um lance de não vir a tratar o aluno como se ele fosse um absorvente para ficar pegando o que você fala e colocando nele. Mas por outro lado eu entrei muito em várias épocas, inclusive pelo próprio convívio com Daniel, muitas vezes na tentativa de fazer algo diferente no ponto de vista pedagógico. Mas eu comecei a achar que fazer isso na escola é hipocrisia, porque você mantém toda estrutura escolar, toda ela, sem exceção e depois, não vou dar prova, porque prova é tal coisa. Não vai dar prova então também não entra na hora, então também não controla a frequência do aluno. Ou seja, eu comecei a me preocupar se a gente não estava só alterando aquilo que de alguma forma era cômodo. Então aos poucos eu voltei para algumas práticas e me preocupa também, como o estudante lida com aquilo que ele está fazendo. Sabe, coisa da seriedade com aquilo que ele está fazendo, de ele ter compromisso, isso me preocupa. E eu vejo que quando você não faz nenhum tipo de controle de frequência, por exemplo, tem aluno que simplesmente some, e ele some, o colega dele sabe que ele não veio e que depois ele teve nota, e depois ele fala para todo mundo e no outro quadrimestre já não tem aluno na tua sala, porque ele sabe que não precisa ir. Então virá o uso do diário, por fim das contas, mas que eu acho que com a estrutura que a gente tem, não tem muito como ser diferente. Mas eu não faço nada tradicional em termos de apresentar as coisas cronologicamente, o que se espera então a gente procura inventar uns cursos bem diferentes, fazer referenciais inimagináveis. Eu e o Daniel, no curso que a gente deu no mestrado ano passado a gente colocou Fanon, a gente colocou Said, a gente colocou Sub Comandante Marcos para falar de Chiapas, que, aliás, é filósofo. Ou seja, mestrado é lugar para estudar Heidegger, mas a gente estuda estes caras também, a gente da aula sobre Subcomandante Marcos e da o Sartre e vai fazendo um bem bolado.

S – Tendo presentes os princípios do PDI (Novo modelo pedagógico, inclusão social e interdisciplinaridade) como operacionaliza esses princípios na sua prática pedagógica?

SUZE – Não sei Sandra, não tenho a menor idéia. Os cursos que eu faço sempre é muito interdisciplinar, mas eu acho que tenho desconfiança as vezes um pouco dessa palavra, né, acho que ela não resolve muito as coisas. Mas se é você dialogar com outros saberes e com outras áreas, isso eu fiz sempre. Inclusive de ver filosofia muito nessas áreas, quando às vezes eu não vejo na minha própria. Tem pessoas que são considerados grandes filósofos e não vejo o cara fazendo filosofia. Aí de repente aparece um material de alguém da sociologia ou da educação e você fala, isso é trabalho filosófico de ponta. E eu nunca consegui descolar a teoria filosófica do mundo, então eu me interessei por tudo, entendeu. Outro dia tinha palestra sobre as relações da Alemanha, com outro país a respeito de ataque nuclear. Então assim, eu acho que a gente saber dessas coisas, ajuda muito a entender o que a gente está estudando. Então assim, eu vou por aí, aqui na UFABC, eu tenho como se quase que obrigada a sempre dar aulas no bacharelado. O pessoal é obrigado a dar aula no bacharelado, eu me sinto obrigada a dar aula no bacharelado, eu me sinto obrigada, gosto de dar aula e acho que a gente tem que fazer isso. Então isso é uma forma de contribuir também. Então eu acho muito bom ter os alunos de relações internacionais, de economia e tal. E é uma forma também de atraí-los para colocar filosofia na vida deles e funciona muito bem. Hoje mesmo depois da nossa conversa eu marquei com um pessoal que está tentando montar mais uma turma de filosofia no BC&H, porque tem gente para fazer e não tem professor. Então assim, eu tento ajudar no projeto dessa maneira, fortalecendo. Eu estou na verdade no grupo da coordenação do bacharelado de ciências humanas e não estou na filosofia, então eu tento valorizar assim. Mas o que eu estou pensando é prática mesmo eu não sei e em termos de inclusão a gente tenta fazer tudo o que é possível aqui dentro para trazer as pessoas de volta para dentro da universidade. Dou muito formação de professor, a gente está fazendo um agora que teve quase duzentos inscritos, então tento fazer curso de extensão, tento fazer formação, divulgar a universidade para as pessoas, dessa coisa de inclusão. Só de pensar nas pessoas da comunidade aqui entrar e todo o resto que é possível assim, acho que já vem muito da tradição. Mas acho que isso não é tanto a prática pedagógica na sala de aula, ela é prática pedagógica, mas ela é ligada ao espaço como um todo, de estar aqui, de dar apoio, de fortalecer, de ir lá, entendeu. A gente teve a pouco tempo audiência pública para que as pessoas pudessem usar o banheiro como se identifica, como se acha que é homem, se acha que é mulher, se acha que não é nem homem e nem mulher e pudesse usar o banheiro que quiser. Então assim, esse é o tipo de oportunidade que a gente não perde, entendeu. A gente vai lá, e põe o nome, e assina, e vai falar, porque isso fortalece muito o movimento, então isso eu faço, nem que for para ir quinze minutos e mostrar a cara. Porque a gente sabe que o pessoal vai tirar foto, postar no facebook entendeu. E aí eu acho que isso tudo faz parte. Mas não acho que seja tanto na sala, porque também é outra dinâmica, mas lógico que quando aparece à gente procura favorecer o máximo que dá. Mas eu não sei muito bem, eu estou tentando me apropriar do Projeto Pedagógico da UFABC na prática entendeu e ainda está em construção isso tudo, to tentando entender o fazer e depois o que você vê acontecendo. Então assim, é interdisciplinar, a gente tem uma coisa diferente aqui, mas para saber o que é essa coisa diferente tem que tentar ir aos poucos e tentar entender o que é isso. Como é que o aluno vê isso também, então tem várias coisas.

S – A Professora mencionou o curso de Relações Internacionais, a professora consegue enxergar a inclusão social dentro desse curso?

SUZE – Não consigo, mas eu sei muito pouco sobre isso lá. Agora o que eu sei, é, tenho grandes amigos no curso de relações internacionais. Esse pessoal faz um trabalho muito bom, o Acácio, o Muryatan. Então eles estão no meio das relações internacionais trazendo uma inclusão epistemológica, então isso está garantido por eles e eles têm muitos parceiros também, o Paris, muitos parceiros que ajudam nisso. Então você tem essa inclusão epistemológica, que é revolucionária, você tem também um grupo que faz um trabalho de extensão que traz uma comunidade pra cá, então isso é muito forte. Agora, eu não sei do todo do curso de RI, eu conheço um grupo bom lá, mas eu acho que quem eu identificaria primeiro fazendo isso é basicamente os três, que é o Paris, o Acácio e o Muryatan. Eu acho que o resto que eu conheço está ligado a outros cursos. Eu não sei Sandra, mas eu acho que o que eu ti falar não pode ser considerado para generalizar de forma nenhuma. Eu fiquei muito preocupada umas semanas, que uma aluna, que eu gosto muito, de RI, uma garota super inteligente de classe média, branca, bem nascida, que não precisa de nenhum tipo de atenção, de nada que eu pensar em termos de inclusão e veio chorando, porque ela não tem inglês fluente e ela escuta todo dia, como assim, você vem fazer curso de Relações Internacionais e você não tem inglês fluente, então isso me preocupou. Eu não imaginava que esse era o discurso. Agora, é os cursos de todos? Não sei, porque o aluno aqui, ele faz coisas muito diferentes enquanto ele está aqui dentro, você não tem como mensurar quantas disciplinas ele está fazendo de Relações Internacionais. Ela pode ter escutado isso de três professores de um corpo docente de trinta, mas como isso atingiu ela naquele momento, ela falou. É uma coisa para investigar, porque isso eu acho muito complicado, porque se isso for pressuposto, se eu penso que nela, que vem de classe média, não vou dizer alta, alta vai, ela é filha de médico, branca, que na verdade teve tudo para ter o inglês fluente, digamos assim, ta sofrendo, aí eu começo a ficar bem preocupada com o que é nosso aluno vindo de escola pública, entendeu. Mas eu não sei isso é um ponto para investigar, e caso tinha que ser uma investigação empírica mesmo, do corpo docente em geral. Mas assim, eu sinto o curso de RI aqui do campus São Bernardo o curso mais forte que a gente tem. Ele é um curso excelente, têm excelentes alunos, excelentes professores, os caras saem daqui com uma formação muito boa, então, é para você ver que é tudo muito contraditório, né.

S –Mas a professora tem idéia se nesse curso - aí é mais uma questão minha, foi uma dúvida que surgiu - tem aluno de classe popular, ou não?

Suze – Eu acho que todos nossos tem, Sandra. Eu acho que todos os nossos cursos têm. O percentual de alunos que vem de escola pública na UFABC é bastante alto, eu não sei dizer o dado com precisão, mas ele passa dos 50% considerando a situação das universidades brasileiras, eu lembro que quando eu fiquei sabendo a primeira vez eu fiquei felicíssima, então deve ter sim, deve ter, é uma coisa para se investigar. Eu acho que tem em todos. E tem uma coisa, você demora par saber aqui de que curso que o aluno é e então talvez nem se consiga. Você poderia saber hoje dos alunos que estão cursando disciplinas de relações internacionais, se são de classes populares e certamente são. Para saber se alguém que está identificado, se já fez várias disciplinas para saber se realmente ele tem identificação com o curso. Porque formalmente o aluno demora muito para se identificar com o curso, entendeu, mesmo com a filosofia, às vezes o cara está acabando a filosofia, quando ele consegue lá o que eles chamam do número que identifica ele com o curso. Ele fez um número X de disciplinas que da para dizer que ele está acabando a filosofia. Então esse é o tipo de coisa muito difícil de pesquisar aqui dentro, porque se criou uma impossibilidade de levantamento de dados. Mas o que você podia considerar, vamos pensar que o aluno de RI é o que está fazendo disciplina de RI,

o cara está fazendo duas disciplinas no quadrimestre, acho que você já pode dizer que ele está vinculado ao RI. Tem, com certeza tem, tem muitos negros, tem muitas negras, tem muita gente pobre, tem, isso eu não tenho dúvidas. Porque nós temos em todos os cursos, é bem generalizado isso.

S - Na ausência de um modelo de formação continuada para os professores da Educação Superior, quais são, do seu ponto de vista, as atividades que poderão ajustar-se a uma formação continuada dos professores da educação superior, especificamente desta Universidade?

Suze – Eu acho assim Sandra, a primeira coisa é que os nossos concursos eles deveriam priorizar a contratação de professores, certo, e não de pesquisadores. E aí quando você pensa em áreas como engenharia aeronáutica, mas aí você precisaria então do pesquisador que tem feeling, desejo, admiração, pela educação. E eu acho que se a pessoa não tem isso da para identificar. No concurso, no projeto, na exigência que você faz no edital, você tem como identificar isso. Na verdade, você tem quase que como obrigar o cara a trabalhar com isso aqui dentro se você quiser, porque você pode dizer que ao apresentar um projeto de pesquisa, ele também tem que apresentar uma prática de extensão. Têm muitas universidades que acho que já fazem isso, a nossa não faz, você vê como é curioso, a gente apresenta projeto de pesquisa, só de pesquisa. Tem universidade que pede para você fazer um plano de atividade acadêmica, que seria ensino, pesquisa e extensão. Então você tem que inventar o que fazer e se você não for da área docente, você se vira se você quer entrar na universidade, você tem que dar um jeito. Então eu acho que a primeira coisa é isso, para você pensar, eu vou falar bem da UFABC, porque eu não sei como é o contexto das outras universidades públicas, apesar de que e sei que na filosofia, é muito parecido com o que a gente tem aqui. Primeira coisa, para eu pensar em formação continuada de professor, eu preciso pensar antes em ter professor, eu acho que se a gente superar esse problema, a questão da formação continuada vai ser a coisa mais fácil do mundo de resolver. O problema é que você têm uma vaga para professor, ta lá, professor adjunto, mas os meus colegas filósofos entram aqui para ser filósofos, porque está o mínimo possível em sala de aula, a aula atrapalha o resto e ele não tem nada a ver com isso, nada, absolutamente nada. Ele quer concentrar as atividades dele aqui um dia, e ele vem e ele some, dão nó aqui e vão embora, isso é realidade muito de universidades públicas. Então para mim o primeiro ponto seria esse, a gente precisa contratar docentes. Como partes significativas das áreas não são áreas de docência, de licenciatura, então eu acho que teria que se vincular o químico a dimensão do que ele vai fazer aqui. Eu nem sei como o pessoal da aula no ensino superior sem ter nunca pensado em educação, isso é um problema seríssimo.

S – Então a professora acredita na necessidade da formação docente para o magistério?

Suze – Eu acho fundamental. Não precisaria ser licenciatura. Não é que eu acho que o cara que é engenheiro precisaria ter feito licenciatura em física, não é isso. Mas eu acho que o engenheiro teria que ter algum tipo de... nem que seja alguma especialização, de 360hs, não importa, simbólica. Mas ele precisaria pelo menos escutar, entendeu, ele tem que escutar o que é o aluno. Eu falo de engenharia porque eu acho que engenharia é o que é mais gritante aqui. O que esse pessoal fala de inclusão, minha cara, é de assustar, é nojento. Tem uns caras inclusive que parece que acho que gosta de falar, porque a gente ta na época que as pessoas gostam de mostrar que elas são escrotas, elas não são, mas elas estão gostando de dizer isso, né. A nossa lista institucional de meios, ela é meio como um facebook e um whatsapp, todo mundo manda o que quiser, escreve o

tempo todo e aí vai pra uns 700 professores, sei lá quantos nós somos aqui e a gente tem um pessoal de extrema direita e que gosta de forçar isso. O problema é que a gente tem um pessoal de extrema direita e que gosta de forçar isso. O problema é virar de extrema direita agora virou também ser contra a diversidade, ser contra o ser-humano, virou ser contra tudo, né. O pessoal acho que até estendeu o conceito, né. Não precisava tanta, bastava ser só a favor do capital né. E aí um dia desses saiu uma determinação aqui de que os alunos com dislexia precisariam de um pouco mais de tempo para fazer a prova e precisavam também de recursos diferenciados, dependendo da situação, né. Só de pensar em precisar de uma determinação para isso, você já fala, que atraso né, porque já era para ter isso interiorizado, tranquilo. Só que a hora que chega isso para um não professor, certo, o que você vê o cara falando. E o cara é produtividade 1 CNPQ, coleção de pós-doutorado não sei aonde, sabe assim, é isso, o Lattes do cara está lá encima. Eu não tenho formação em Psiquiatria, eu não tenho que lidar com esse tipo de coisa. Então já começa com uma série de distorções horríveis. Aí depois diz: e não tenho obrigação de fazer isso, porque no meu concurso ninguém me disse que eu tinha que fazer isso, então percebeu, já é um segundo problema. E depois termina dizendo que fez, porque foi obrigado a deixar o tempo maior para a prova e que o aluno não veio, portanto ele cria o preconceito mais senso comum do mundo de que o cara é desleixo e ainda é vagabundo, entendeu. Então assim, não é fácil Sandra. Eu acho que, e assim, ainda vou ser mais benevolente, se não for formação, eu não vou exigir que o Engenheiro tenha feito, sei lá, metodologia e ensino, o que for, não importa Sandra, o cara que entra aqui e que ele quer começar a vida dele ganhando 10 mil, ótimo, ele vai ter que entrar se esforçando. Você não está fazendo um esforço agora para mudar de área, está ou não está? Você está tendo que estudar um monte de coisas para mudar de área. Ele está mudando de área, agora ele não vai mais construir avião. Agora ele vai trabalhar ensinando as pessoas a fazerem isso, então ele que se vire, eu também não quero nem saber como que ele vai, mas ele dá um jeito, entendeu. Ele estuda, ele consulta o colega dele que é especialista em educação, ele ajusta o programa dele, mas ele vai ter que...ele tem que... ele tem que colocar no ponto de concurso. Você põe lá 9 pontos ligados a área, mas põe um pelo menos que seja de como que ele vai ensinar isso.. e se sortear esse? O cara vai ter que se preparar para esse ponto do mesmo jeito que ele se preparou para os outros, eu acho que isso poderia ajudar bastante. Resolvido isso Sandra, formação é a coisa mais fácil do mundo que tem. Você pega gente boa pra fazer... a gente tem muita gente aqui ligada a educação que gosta de fazer isso e faz isso com prazer, você cria ciclos, você cria experiências, você identifica o que está faltando a cada ano e vai entendeu suprindo, eu acho que é muito fácil. O problema é que você não tem como fazer formação de professor com quem não é professor, entendeu, a pessoa não vem. A gente está dando formação de professor agora aqui, focado em direitos humanos, a gente vai dar a obra da Angela Davis, tem duzentos professores vindo fazer, educação básica, ensino superior e tal, deve ter uns 3 da UFABC.

S – Nós poderíamos dar o nome a estes pontos que a professora destacou agora de formação continuada?

Suze – Eu acho que sim, porque eu acho que tem que ter um começo para essa continuação, entendeu. Eu acho que a gente está tentando formar continuamente o professor que não se identifica como professor e você não obriga um professor numa universidade pública a fazer formação, você não tem como obrigar e nem sei se adiantaria também obrigar assim. Talvez fosse um caminho, quer dizer, você tem um projeto de inserir aquilo como sei lá, não se obrigação, mas você pode colocar na progressão acadêmica, isso funciona, o cara que quer um salário melhor. Se você fizer

projetos de participar de formação continuada, você tem progressão, é uma ideia. Inclusive tem coisas assim, por exemplo: se você der aula para turmas grandes, a gente no BC&H da aula para turmas de 100 alunos, você ganha mais pontos na progressão, então poderia ser uma coisa. E aí? Bom, aí você poderia trazer esse cara para esse grupo, só que aí também eu acho que é exigir um pouco demais do cara que tá dando a formação. Vamos supor que eu vá lá me dispor a dar essa formação. De lidar com essa pessoa que desqualifica o ensino, entendeu, que vai considerar que aquilo é um saco, porque ele só está ali porque ele está tendo um benefício, mas eu acho que é formação continuada sim e acho que o problema na verdade não está no processo e está sim nessa construção da identidade, de exigir um mínimo de identidade no começo. Ai eu acho que fica muito fácil, porque é um trabalho que é muito gratificante de se fazer e eu confio que se as pessoas tivessem uma chance de ter uma escuta assim em relação a educação e vejo como obrigação, a pessoa está trabalhando numa universidade, não está trabalhando numa fábrica, está trabalhando em uma universidade, então.

S – Até aproveitando o diálogo da Professora, alguns teóricos, eu posso aqui citar Nóvoa e Imbernon, que defendem a importância da formação continuada, eles dizem que o século XIX ele foi marcado por uma formação tecnicista, onde preparava basicamente apenas para o trabalho. Porém no século XX a coisa avança porque a formação inicial já está estabelecida, então eles defendem a importância da formação continuada e o negócio alavanca. Mas chega no século XXI, se instala aí um retrocesso, ela volta. A professora como sendo docente do século XXI, dentro de uma universidade totalmente inovadora, que está ali no topo, acredita que existe mesmo esse retrocesso na formação continuada?

Suze – Eu acho que existe sim, porque hoje parece que, mesmo eu quando vou pensar no trabalho de formação de professor, e no meu caso, quando faço formação de professor, normalmente eu foco muito mais na educação básica, até para conseguir colocar o pessoal da educação básica aqui dentro, mas aí fica aberto para o pessoal do ensino superior também. Eu acho que ele fica muito pautado em tentar dar conta de temas muito específicos, porque e quase como se, bom, agora estamos discutindo questões raciais então é quase se você tivesse obrigação de fazer as pessoas saber minimamente sobre aquilo. Mas não é o suficiente para a formação, né, do professor, não acho que seja só isso. Então tem retrocesso sim e acho que nunca chegamos em nada próximo do que deveria ser também, porque eu acho que o trabalho ele teria ser muito mais de você trabalhar em torno da produção de pensamento, da produção de conhecimento e não necessariamente da transmissão de conhecimento. As formações elas são ainda pautadas em transmissão de conhecimento, então eu vou falar de direitos humanos e eu vou levar um conteúdo de direitos humanos para aquelas pessoas. Tudo bem sensibiliza tal, é legal, mas eu acho que a gente teria que preparar o professor para ele poder pensar em qualquer um dos temas que venham se apresentar ao longo do século XXI. E é complicado também porque às vezes tem as contradições, você fala assim, tá, então eu vou dar formação continuada no que o pessoal chama de novas tecnologias em educação, aí daqui a pouco você vê grupos incentivando a prática do uso de toda essa crítica que a gente estava fazendo aqui antes de começar essa entrevista e você fica pensando se isso é um serviço bom de se fazer, então eu acho que fica tudo muito complicado. Eu não sei se a gente se livrou das anteriores necessariamente no que elas tinham de negativo, mas parece que não conseguimos avançar no que seria positivo, mas vejo um vazio muito grande, assim, de fato há muito pouca preocupação com isso, né. E mesmo aqui a gente tem muita oficina de formação de professor, porque os professores que são da área de ensino como a gente tem que ter alguma coisa de

extensão, naturalmente o pessoal acaba oferecendo nessa área, mas acho curioso que o pessoal só faz oficina para 20 professores, faz oficina para 30 professores, e isso é curioso porque, é algo que poderia ter um impacto na região. Mas imagina, oficina gratuita, para professores, na UFABC, com trinta vagas, você esgota em meia hora né. Então você vê como tem isso também, então parece que tem muito mais a ver com quem está precisando dar a formação, do que pra quem a formação está sendo dirigida. É muito problema Sandra.

S – É contraditório né?

Suze – Muito, muito, muito.

S - Em que medida os projetos de pesquisa em que a professora participa contribuem para a sua formação continuada e para a sua prática pedagógica?

Suze – Para mim em tudo Sandra, porque tudo eu misturo com tudo, nunca começo a fazer uma pesquisa de alguma coisa que não esteja muito vinculada a questões que me importa ou coisas que eu estou fazendo, apesar de às vezes você dar um acerto e você fala assim bom, eu vou desenvolver um projeto de pesquisa bem formal, um autor x, então se você olhar só o resultado da pesquisa vai parecer um projeto bem tradicional porque no fim das contas você desenvolveu um artigo sobre aquele autor x. Só que eu só comecei a ler aquele autor x porque surgiu uma tensão fortíssima sei lá na escola que eu estou trabalhando, então para mim está tudo muito misturado, eu nunca consegui separar, eu levo a teoria muito a sério, não gosto de ficar estudando para a erudição, me irrita muito isso, estudo muito autores que eu não gosto, que eu não concordo, porque eu acho que isso ajuda muito a gente a entender as coisas, então está absolutamente tudo misturado, não tem como separar.

S - Como a UFABC e a professora, como docente da Universidade, concilia a questão da necessidade de produção acadêmica e a cultura dos rankings, (qualidade e excelência) com os princípios institucionais da inclusão social? Porque nós temos dentro do PDI, se for analisar de fato, dois discursos: um que vai falar da questão...

Suze – Do que deve ser falado em qualquer uma né, numa universidade...

S - Da inclusão social, como missão, como fator principal e tal. E o outro que de certo modo, ele se distancia totalmente do primeiro.

Suze – Totalmente, porque é o que vai dar os pontinhos né.

S – É até um discurso neoliberal se a gente for analisar de fato.

Suze – É, divide investimento.

S – A universidade já chegou em um patamar e ela não quer descer, ao contrário, ela quer subir. E como que a professora vê essa questão?

Suze – Eu vejo ela de uma maneira muito negativa porque a gente acaba ficando escravo de uma lógica quase impossível de se realizar, então é difícil e não precisava ser assim, e acho inclusive que a gente já deveria ter mais meios pra publicação e pra ganhar os chamados pontos que se precisa para os rankings, com as coisas que a gente faz, ou seja, as coisas não são separadas na verdade né, não vejo separação, mas acho

também o seguinte Sandra, é só um pouquinho de jogo de cintura que a gente resolve essa questão rapidamente. O problema, é que as pessoas elas vêm à extensão, a prática da inclusão social, seja lá o que for isso, como uma concessão que ela tem que fazer, porque afinal de contas ela tá aqui, então tudo é feito muito concessão e estudam coisas muito estão muito distante de tudo isso ou não conseguem sequer aproximar, acho também que qualquer área e qualquer tema poderia ser aproximado, não vejo porque não, então não há um esforço mínimo de colocar uma coisa a serviço da outra. Mas acho que a palavra que falta para unir essas duas dimensões, até porque eu acho que a gente não conseguiria mudar a lógica né, dos rankings e da produtividade e tudo mais, não conseguiria fazer isso. É você pensar em práxis, é entender como é que você teria que fazer a relação entre teoria e prática, como é que a teoria ajuda você na prática, como é que a prática ressignifica a teoria. E as pessoas acham que prática é uma coisa, então tudo que é ligado a inclusão social, teria ligação com a prática, ou a teorias mais superficiais e mais rasteiras, que não vão dar os pontinhos que se precisa. E quando vai falar de teoria é outra coisa, entendeu. Então isso é muito forte, para mim não tem drama, Sandra, não tem. Por exemplo, a gente chama 200 professores da rede pública pra fazer formação, para discutir opressão de raça e de sexismo, e de classe, usando o caso da Angela Davis, ótimo. Vem o pessoal do movimento negro, vem o pessoal daqui da região, de escolas muito periféricas, pobres e tal, um auditório lotado, então beleza, você está fazendo um trabalho muito prático. É, quando eu fui estudar para preparar a formação, eu percebi uma série de coisas teórico que eu não tenho como apresentar ali e não é o lugar para apresentar sobre isso. A gente faz uma oficina de 8hs de 10hs, se eu fosse tocar em determinadas coisas ali eu teria que fazer um curso para a pessoa entender o que tá ali. Não é nem justo com ela e nem acho também que vai servir pra ela pra coisíssima alguma, né. Beleza, só que tem um detalhe, eu não tenho como não ter visto aquilo, porque eu estudo essas teorias há muito tempo. É a hora de você puxar isso para o artigo científico que só quer escutar isso, aliás, de preferência quer que você nem diga que veio atrelado a nada, você não vai nem falar. Dando essa formação eu percebi, por exemplo, que tem uma tradição que eu estudo a muito tempo que comete um erro epistemológico fundamental para ter afirmado o que você afirmou e é um negócio seríssimo que podia revolucionar a maneira como essa tradição, super respeitada, pensa a si mesma. Se eu não falar na Ângela Davis, se eu não falar de direitos humanos, se eu não falar de professor, se eu não falar de nada disso, se eu só pegar o conceito e a relação com a tradição, eu consigo publicar esse artigo numa revista A1, que vai dar 20 pontos e aí a Capes vai dar nota ótima para o mestrado em filosofia, aí o mestrado em filosofia vai dar nota ótima e aí vai entrar no ranking não sei da onde da UFABC e é isso. Ai alguém vai chamar para dar entrevista, só que eles não têm ideia do que você estava fazendo entendeu. E é bom não falar viu Sandra, porque se falar, não publica. Então eu acho que assim, é um caminho que o professor poderia usar, ele conseguiria fazer a prática dele ser muito mais significativa, na hora em que ele está escrevendo também, ele entenderia de alguma forma coisas que ele não entendeu ali, mas isso está muito longe de acontecer, muito longe, eu não vejo isso, não tem muito esforço. E o pessoal acho que faz o mínimo também, o mínimo, é aquilo que é exigido. Você vê o pessoal se agrupando para ter um projeto de extensão, sabe. Há, vamos fazer um negócio grande, que aí envolve várias pessoas, aí o cara está lá um dia par fazer uma coisa e pronto já contou, então é complicado.

S – Bom professora, para finalizar a nossa entrevista, em linhas gerais, como que a Professora caracteriza o modelo UFABC face aos modelos tradicionais de universidade/educação superior?

Suze -Eu tenho dificuldade de falar isso Sandra, porque eu não sei assim, porque eu venho para cá muito resistente a várias coisas, principalmente a essa coisa de o aluno não estar em um curso. Inclusive eu não sabia como era exatamente, eu achava, que a proposta, eu lembro que eu discutia com meu marido muito assim, porque ele também é filósofo, educador e tal e a gente fala muito sobre essas coisas. Eu achava que o aluno ele vinha pra cá, até eu entrar, até entrar nessa sala, eu não soube antes tá, por isso que eu falei que esse processo anterior ele é muito importante. Eu achava que era assim, que o aluno entrava aqui para fazer um bacharelado e então ele faria esse bacharelado por tipo dois anos. Ele faria um bacharelado. Que ele ia fazer então uma sequencia de disciplinas e que em dois anos ele ia terminar - bacharelado de ciências humanas, bacharelado de ciências de tecnologias – e que depois ele escolhia um curso, então daria dois anos, aí dentro das disciplinas que ele viu, ele gostou mais disso ou daquilo e ele ia escolher, o que eles chamam aqui de pós BC&T ou BC&H. Aí ele escolheria filosofia, ou economia, ou tal, eu achava que era isso. Não é isso. Eu vim um pouco resistente a esse modelo, porque eu pensava, será que não prejudica a formação específica, o cara tá, e o pessoal fala, não, mas ele fica mais anos na faculdade. Eu falava, mas será que para fazer uma graduação precisa de mais anos, o cara que é pobre e trabalha, consegue fazer uma graduação de seis anos, né, é estranho e tal. Então assim, eu vim muito resistente. Quando eu cheguei aqui, o que quê eu descobri: primeiro que a gente tem alunos muito inteligentes, entendeu, e inclusive alunos que são muito inteligentes e são frutos desse processo, então aí eu achei interessante. Aí eu comecei a ver que eu estava dando aula de filosofia para um aluno, por exemplo, falando de filosofia da mente vamos supor, e de repente o cara começava a me contar da aula que ele teve que construir um robô. E aí eu descobri que o aluno da filosofia, e o aluno de filosofia nunca tinha construído um robô. Os alunos da filosofia estudavam Platão, Aristóteles, Cante. E eu descobri como isso era interessante, era genial e aí eu nunca construí um robô, então eu falava, sério como é que é isso, e aí ele me contava e daqui a pouco aquilo estava interferindo na aula, então eu comecei a ficar apaixonada. E eu falei, nossa, esse negócio é genial. Só que aí Sandra, para isso tem uma potencialidade fabulosa, só que aí eu comecei a descobrir uma coisa que começou a me preocupar muito – que quando o aluno está na filosofia, muitos deles estão achando que não deve haver filosofia, deve haver só interdisciplinaridade, então a gente tem uma briga enorme política aqui dentro na hora da reformulação do projeto político pedagógico da filosofia, porque alguns alunos tem dificuldade em ver que aquele projeto pedagógico, ele é o projeto pedagógico da filosofia, ele não é o projeto pedagógico do bacharelado em ciências humanas interdisciplinar. Aí o pessoal fala não mais a filosofia não tem que ser interdisciplinar, sim, a filosofia tem que ser interdisciplinar, mas ela tem que ser uma disciplina para ela ser interdisciplinar, porque se ela não for uma disciplina, ela não consegue interdisciplinaridade, isso é um caos. Mas tudo bem, também acho que isso se resolve, mas só para finalizar, o quê que eu comecei perceber que me preocupa muito, os alunos não tem turma, nem um deles tem, eles não turma, não existe turma, cada um deles estuda, escolhe o seu caminho o tempo todo, todo quadrimestre das disciplinas. Mesmo que a disciplina seja obrigatória, ele não está em um curso, ele demora para estar em um curso e ela não precisa ser feita naquele quadrimestre, então mesmo que vários do mesmo curso façam a obrigatória, ele não precisa estar fazendo numa turma com o colega. O que significa isso, raramente, os alunos estão nas mesmas turmas, eles não estão com os colegas, então se eu e você fizermos filosofia aqui, a gente dificilmente vai se encontrar na mesma sala, a menos que a gente combine, vamos fazer aquela disciplina, o problema é que a sua vida é diferente da minha, porque eu moro aqui, você mora lá, então talvez para você fique melhor o horário, então não dá. E isso criou duas

coisas que eu acho muito preocupantes, que eu acho que é caso de intervenção psiquiátrica já, de saúde pública. Você tem um isolamento muito grande, assustador, então esses meninos eles não tem lugar de convivência, entendeu, então eles não tem aquela liga da turma que vai se formar. Só que eles precisam da comunicação com todos que estão fazendo aquela disciplina, porque afinal de contas, porque eles precisam saber se o cara deu ou não o livro, se deixou ou não a xerox e tal, e aí eles jogam isso para onde: Facebook e whatsapp. Então você percebe que se eliminou esse espaço, por conta de outra situação que não tem nada a ver com nosso projeto, esse uso abusivo de facebook e whatsapp e isso passou para esse lugar e esse lugar também é o lugar onde você fala mal do seu professor, onde você xinga seu colega. Nós tivemos um caso recente aqui de um aluno que agrediu o outro no prédio, por conta das brigas de facebook que eles fazem por causa do curso. Então não é fácil Sandra, aí é um desafio para você e para vocês lá. Isso eu tô muito curiosa, é que eu não tenho tempo de fazer essa pesquisa, senão eu faria, eu queria muito saber se os modelos de universidade, dessa chamada era Lula, essas específicas, não quantas, 10 ou tem mais, por aí, se tem isso, ou se isso é patológico do nosso mundo aqui do ABC, eu não sei. Então assim, Sandra, isso é muito sério, hoje a gente tem aluno racista que encontrou lugar para falar o que ele quer, a gente tem aluno homo-fóbico, até aluno que enfim, tudo, mil histórias, uma outra hora eu ti conto, porque é coisas inacreditáveis. E eu sinto que tem um isolamento, um sofrimento, psíquico muito grande, eles não fazem reuniões para discutir as coisas do curso, entendeu. Isso que a gente está fazendo aqui, que tá olhando uma para outra há uma hora, isso é quase impossível entre alunos jovens da filosofia hoje. Impossível, não consigo imaginar isso.

S – É a primeira vez que eu ouço isso aqui dentro da Universidade e eu confesso que eu fiquei construindo a cena dentro da minha cabeça.

Suze – É que eu trabalho com psicanálise também Sandra, então a gente é tudo meio, a gente gosta de ficar olhando, mas tem outros colegas que também sentem, inclusive por ter também afinidade com essa área, tem um sofrimento psíquico muito grande. Os alunos se queixam, eles se queixam é porque não necessariamente as práticas dos professores estão ajustadas a desencontro, imagina o que é fazer um trabalho em grupo, quando você tem essa confusão toda. Eu não sei, eu acho que essa pergunta ela é inclusive respondida pelo aluno do que pelo professor. Porque quem vive isso é o aluno, entendeu. Quem vive esse projeto pedagógico é o aluno. O professor Sandra, tem professor que vive o projeto pedagógico da outra Universidade que ele tinha, tem o outro que nem sabe do que se trata, tem o outro que inventou um projeto na cabeça dele que é a interdisciplinaridade e aí ele usa esse. Aí o aluno não, o aluno vive esse projeto, ele vive no dia a dia. E eles também o que eles chamam de liberdade, que isso também é um problema sério, né, porque entende que você escolheu o que você quer fazer, então é liberdade. Só que aí tem uma série de outras questões, o aluno ele entrou para fazer, no primeiro quadrimestre só ele faz no BC&T ou BV&H, só o primeiro quadrimestre, são três meses, depois ele tá livre, é só quando ele se matriculou que ela tá naquela, porque para o ponto de vista operacional, acho que eles não conseguiram arrumar outra maneira. Aí você pensa assim, no próximo quadrimestre ela vai seguir o quadrimestre ideal, a gente tem isso nos nossos projetos, quadrimestre ideal. Não ele não vai, ele não vai pelo seguinte Sandra, ele quer fazer filosofia, ele quer fazer RI e no BC&H e BC&T ele vai ter o básico disso, para que quê ele vai fazer isso. Então tem uma inversão, ele pega a disciplina muito básica no fim, porque ele não teve paciência, ele quis fazer a disciplina de ponta e o cara tá fazendo o que ele queria fazer. A outra coisa é que ele vai fazer uma disciplina de ponta e ele tem dificuldade e aí ele resolve que ele não quer

mais fazer RI, ele quer fazer economia, ou ele quer fazer gestão pública, então a gente alunos aqui que estão a 08 anos fazendo graduação.

S – Nesse ponto a interdisciplinaridade funciona então, ou ela vai por água abaixo?

Suze – Ah, não é isso Sandra, eu não sei o que é isso, é outro nome. Eu acho que funciona, é uma coisa que talvez devesse estar no nosso ensino médio, que não está e nem estará se as propostas que estão aí vingarem, de fato do aluno poder experimentar diversos conhecimentos diferentes, no entanto não caberia nos três anos de ensino médio também, entendeu. Então assim, ontem eu escutei uma informação de um aluno, uma expressão que ele usou que eu achei fantástica, porque ele faz filosofia, uma graça de menino, super inteligente e ele falou assim – Suze, minha mãe fala que eu tô fazendo medicina filosófica, porque eu terminando o sexto ano e ainda não acabei a filosofia, ele tem ainda um ano de curso. Então assim, para a filosofia, quando você pensa em termos de mercado de trabalho, que o cara vai ser professor e vai começar ganhando mil reais por mês, não é desse mundo isso. Hoje os curso de filosofia você tem licenciatura em três anos, porque, claro que a formação é precária, quando vai formar o resto na sala de aula, mas também sete não dá né, Sandra. Não dá, porque como é que você sobrevive. Então tem um monte de coisas. Aí eles sobrevivem porque eles tem as bolsas.

S – Mas as bolsas foram cortadas, a maioria?

Suze – Tem muita bolsa ainda, tem muita bolsa. O problema é o seguinte, tinha muita bolsa, então cortou muita bolsa, mas ainda tem muita bolsa.

S – Eu estava muito preocupada justamente por conta da inclusão.

Suze – Ainda tem, acho que ainda vai diminuir mais, mas teve um esforço muito grande inclusive de mudar a rubrica, de usar dinheiro daqui para lá, teve muita coisa. Se fosse fazer o que o governo exigiu fazer, teria sido devastador, mas a gente tem gente aqui se movendo pra costurar a extensão com a PROAPI, com isso com aquilo, fizeram um arranjo muito grande e conseguiram, mas a gente ainda tem muita bolsa. Eu não acho que tem muita porque eu acho que tem mais do que precisa, o que eu quero dizer é que há muitas bolsas. Então hoje a gente tem muitos alunos que ele tem, por exemplo, bolsa socioeconômica e ele consegue a bolsa de extensão, ou ele tem a bolsa socioeconômica e ele consegue a bolsa de iniciação científica, ou socioeconômica e o PIBID, se ele conjuga duas bolsas, Sandra, hoje ele ganha R\$800,00, certo. O que a gente tem pai de família que não ganha. Então eu também acho que esse prolongamento e essa tranquilidade na hora nesse passeio todo pelos cursos tem um pouco a ver com isso também, só que aí o estudante pobre não tem esse tempo, mesmo com, primeiro que dificilmente se ele consegue um emprego de mil ele pode continuar nos 800, segundo que as vezes, aí tem as injustiças, ele tem a de 400 da socioeconômica, mas aí ele não consegue iniciação científica porque consideraram nota no Enem, isso é muito injusto, então tem muita coisa para ser revista nesse processo. Eu fui descobrindo aos poucos e fiquei assustada, porque aí você tem o aluno de classe média alta com a bolsa e o aluno pobre sem a bolsa. Tá, mas a de iniciação científica não é socioeconômica. Não é mais, se você for considerar a nota do Enem, aí da nó, porque o Enem é um índice sócio econômico e não é só um índice de qualidade acadêmica. Então eu confesso que eu nem sei todos os problemas ainda, porque em dois anos não deu para conhecer todos. Mas eu tenho me preocupado com isso, acho que daria um baita trabalho, uma bela tese de doutorado pensar se essa proposta pedagógica, ela traz sofrimento psíquico e

naturalmente que precisaríamos se a antiga ou a outra também não traz, o outro tipo. Mas eu sempre tive muito medo do isolamento, acho que a gente vê muito bicho social, por isso essa preocupação, já tá todo mundo isolado olhando para baixo.

S – Professora, só uma provocação, aí eu vou fazer duas perguntinhas assim básicas e a gente fecha a entrevista, para eu não ficar tomando mais ainda o seu tempo. Essa provocação a Professora se achar que convém do contrário... A professora acredita que a interdisciplinaridade é uma falácia?

SUZE – Ah, não sei se é uma falácia, Sandra, mas que ela tá mergulhada, ela nasceu mergulhada em uma atmosfera ideológica, mítica, tão forte que não sei mais direito o que é isso. Acho que a gente tinha problema demais com a disciplina, para ter pensado numa interdisciplinar, entendeu. Tem problemas de base, na forma como isso tudo foi pensado. Por outro lado, Sandra, eu não consigo avaliar as coisas só na perspectiva etimológica ou de uma história recortada, ela virou muita coisa interessante depois também. Você vê que conceitualmente tem problemas sérios, talvez nesse ponto você possa dizer que uma série de pressuposições ou proposições poderiam ser falaciosas, por outro lado o nome já não necessariamente correspondem a muitas práticas positivas que surgiram por conta disso. E aí o pessoal tenta falar que então na inter é trans, mas não sei se resolve, acho que aí é o mesmo problema de limitação cognitiva nossa de não conseguir dar bons nomes para as coisas boas que vão se inventando, mas eu não advogo contra não, até porque eu acho que foi uma tentativa de solução para uma porção de coisas que a gente tem, mas que a gente precisaria nomear de um outro jeito e eliminar também coisas que não dão certo. Não adianta eu pegar um cara de uma disciplina, começar com outra disciplina se não tem dialogo verdadeiro, humano, mínimo de escuta. Faz a prova integrada, na universidade que eu trabalhei a interdisciplinaridade era fazer a prova integrada, aí eu ponho três questões e você põe três, então é inter, entendeu. Ai você vai vendo..

S – Na opinião da professora é possível dizer que a Universidade federal do ABC é elitista, hegemônica?

SUZE – Ela não é elitista Sandra, mas ela também não é uma universidade popular, ela não é nem uma coisa, nem outra. Não sei, acho que ela está no meu meio, não sei onde ela está não. Elitista ela não é.

S – Mas ela caminha pra?

Suze – Não, também não, ela não caminha pra. Ela caminha para a popular, mas se ela vai chegar lá eu não sei, porque eu acho que os limites são muito grandes. Ela pode ficar dessa forma como ela está. Bom, ela não caminha para a elitista se a gente não tiver uma mudança radical em pouco tempo. Daqui um ano você pode me perguntar e eu posso dizer que sim, vai mudar a reitoria, certo, mudando a reitoria a gente vai ter mudanças drásticas, se continua o mesmo grupo ela não vai caminhar para a elitista, ela vai caminhar para uma popular e aí basta a gente brigar lutar resistir que a gente consegue, também não é uma reitoria popular, mas dá brechas para, então a gente pode conseguir e tem pessoas lá no grupo que são, então. Mas eu não acho que ela seja não a qualificaria dessa maneira, mas eu tô muito preocupada com o que vai ser de nós, assim. Dentre todas as universidades federais, eu acho que essa vai ser a que mais vai sofrer, ela já teve cortes mais significativos que as outras, têm uma coisa forte por estar em São Bernardo, pela vinculação com o Lula, tem de tudo o que você posso imaginar e com

muitas mentiras, porque na verdade você não tem predominância de esquerda aqui dentro, o problema é que você tem uma esquerda pequena que faz barulho, as pessoas nos escutam, mas isso não significa que nós somos a maioria, nós não somos. A maioria despolitizada, não politizada, então, mas eu acho que não. E tem muito problema bom que pensa em construir a coisa de outra maneira. Mas no projeto tem umas coisas preocupantes, tem o pessoal fala inclusive que quando se criou o projeto, o pessoal que é mais da área de exatas falava das turmas serem bem pequenas, que queriam formar, bem essa ideia da elite e tal, mas não pega, porque as humanas são tão fortes quanto as exatas, o pessoal das ciências naturais que é muito engajado na educação também tem outra cabeça, então assim, já era esse negócio de universidade tecnológica, que era uma pausa assim do começo né, fornecer mão de obra para a região, essa coisa toda foi muito forte.

S – A professora acredita que o BC&H já está estabelecido de vez, que está forte?

Suze – Ele está, ele é muito forte e vai ficar mais forte ainda, eu acho inclusive que a gente teve problema demais para cuidar e não teve tempo de fortalecer mais, mas hoje por exemplo estão surgindo agora nos cursos várias vagas que são vagas que estão prevista dentro do projeto pedagógico, vagas para professor né, e se a gente não tivesse tanto problema, tanta coisa para cuidar agora, não só aqui mais fora, já poderia tá fortalecendo mais o BC&H, porque essas vagas já poderiam estar sendo direcionadas para os cursos que foram aprovados e não foram solidificados e tá todo mundo meio sem prestar a atenção nisso assim. Eu tenho falado nas instâncias que eu vou, em vez de pegar mais um para RI, mais outro para filosofia, mais outro sei lá para economia, pegar três historiadores, porque tem uma licenciatura em história aprovada, entendeu. E aí se você tiver três historiadores bons, muito bons, para sustentarem o curso de licenciatura, você tem gente em todos os outros cursos do BC&H e que também tem pesquisas em história, ou que fizeram história em algum momento, ou graduação ou mestrado e doutorado, mas que não estão na história. Que podem dar parte da sua carga horária lá e você monta o curso de história. Então eu acho que isso é uma coisa importante. O Problema é que falar de que você não lista de vaga para o seu curso é meio tabu, né, porque é como se você estivesse indo contra... Aí vem a questão do corporativismo, né. Mas eu falo muito isso, está precisando mesmo de professor de filosofia, tem trinta professores de filosofia. Inclusive agora, tem um bacharelado em artes que foi aprovado, tem uma entrada que acho que isso seria uma revolucionária para a região, que ela é aumentada não pelo bacharelado, pela licenciatura, então seria, em vez de a pessoa entrar para fazer o BC&T ou BC&H, ela entraria para fazer licenciatura e aí durante dois anos ela estuda educação no geral e vai entrando nas licenciaturas específicas, e aqui tem uma demanda muito forte por formação de professor qualificado, porque a Anhanguera tomou conta da região. Então hoje quem se forma em pedagogia, faz lá, então seria bem interessante. Mas o problema é que é pouca gente pensando para tanta demanda. Mas elitista a gente não vai virar não, acho que não tem chance, acho que não.

S – Professora, eu queria agradecer muito, mito mesmo.

Suze – Tá bom Sandra, o bom é que a gente desabafa um pouco, um processo terapêutico.

8. ENTREVISTA PROFESSORA CRISTINA FROES

S – Tem um terminho que a universidade pede para a gente, é mais um proformamesmo, para ter nos arquivos, como eu havia dito, tem lá o observatório das universidades e é de grande interessa para eles essa pesquisa da Universidade Federal do ABC. Todas são, mas aqui é a referência.

C – tudo bem! Pela minha formação você já viu que eu não tenho uma formação interdisciplinar, a minha formação é disciplinar e esse esforço aconteceu aqui. Então eu vou ver se eu consigo responder essas perguntas, contando um pouco da minha história junto.

S – Então para iniciar Professora, eu gostaria de saber como a professora insere na sua prática pedagógica a inclusão diversidade cultural e epistemológica?

C – Bom esse foi um aprendizado que eu tive que desenvolver aqui na UFABC, primeiro porque a UFABC é minha primeira experiência em magistério e segundo porque minha formação ela é puramente em economia e ela nunca teve uma preocupação em questionar seus próprios rumos em sentido epistemológico e muito menos da diversidade cultural, então era uma formação muito tradicional dentro da economia heterodoxa de entender as condições estruturais da sociedade, as questões do desenvolvimento econômico e apesar deste ser um conceito que permitiria ai uma viria de abordagens, eu tinha uma abordagem bem especifica no tempo, dos estruturalistas latino-americanos e eu aprendi primeiro a questionar isso e depois a rever aqui na UFABC e eu digo que isso foi meio que forçado, ai entre aspas, por duas condições, uma mais forte que a outra, primeiro foi a aventura de dar aula no bacharelado de ciências e humanidade, então aqui, como credenciada em qualquer curso, a gente tem que dar aula no bacharelado interdisciplinar. Então, a primeira vez que eu tive que fazer isso, foi logo em 2014 no primeiro ano que eu estava aqui e eu tive que dar a disciplina de ciências, tecnologia e sociedade e ai já foi um desafio muito grande para mim, depois eu dei introdução Humanidade e ciências sociais e essas duas disciplinas eu já dei duas vezes e nas duas vezes eu aprendi muito e eu tenho certeza que essas foram as disciplinas que para mim, me agregaram mais, diferentemente da economia, que eu dei economia industrial, economia internacional, macro economia e essas matérias que não estão mais na minha área de estudo eu aprendi muito menos e revolucionei menos a minha própria pesquisa, então ao dar CTS e HCS, são essas duas disciplinas do BC&H eu tive que rever minha prática pedagógica e aí olhar, primeiro fazer um questionamento epistemológico e ai tentar torná-la mais diversa, não só em termos de abordagem teóricas e divisões, mas também culturalmente. E como eu tenho sempre essa política de promover debates em sala de aula, mesmo que eu tenha 120 alunos, como eu tenho agora na disciplina de CTS. Eu faço debate com os 120, claro que não são todos que fala, mas um terço fala e quando eles falam eles trazem toda essa bagagem que eles já estão tendo no curso e essa troca é muito rica e tenho certeza que sou que mais aprendo e aí quando eu comecei a ouvi-los mais, e isso acontece assim num quadrimestre, num curso que tem aí duração média de três meses, pelo menos três vezes, esses grandes debates, a hora que eu comecei a ouvi-los, eu falei, nossa preciso elevar muito o nível do meu discurso, no meu debate, porque eles estão vindo com umas perguntas, e com um background que eu não tenho. Então eu faço essa conversa com eles, falo olha só, vocês tiveram filosofia, vocês estão tendo base da matéria, vocês estão tendo elementos interdisciplinares que para mim é novidade então eu também estou aprendendo e estou tentando me revolucionar, então como que eu insiro, primeiro

ao fazer um programa na parte do ensino, na prática pedagógica mesmo, ao fazer os programas eu conversei com meus colegas que já deram essa disciplina, aqui a gente tem essa vantagem de estar em contato com os colegas de outras áreas, muito mais facilmente do que eu via na USP, que era quase impossível, porque a gente estava espacialmente separado e aqui a gente está espacialmente junto e isso facilita muito, então essa troca com eles e ao longo do curso permitir que os alunos viessem com a própria bagagem já acumulado com o curso e aí tentar me modernizar nas próximas edições do curso ou dos cursos e também propor alguns eventos ou cursos, como eu anotei na ficha que contribuíssem para essa diversidade cultural e epistemológica, então esse aprendizado aqui demorou um pouco para mim, mas aí quando assumi o núcleo de estudos, eu já tinha uma visão mais interdisciplinar e valorizando mais isso e enxergando mais os caminhos e aí a minha resposta ela vai navegar nessas 3 áreas então, que é o desenvolvimento, que da onde eu vim, mas eu vim de uma forma muito fechada, de uma abordagem fechada e aí então ampliando e isso para mim se tornou toda a magia do meu trabalho. O que eu mais gosto mesmo de fazer é isso, nossa a oportunidade de revê o que eu sempre acreditei, nossa, nos últimos, quanto tempo eu levei para me formar – 99 a 2013 – 14 anos pensando de uma forma, mais ou menos isso. Lógico que no mestrado e no doutorado a gente dá uma afunilada, pensada, fica mais profunda, mas então pelo menos 7 anos pensando de uma forma e chega na UFABC eu tive que rever, não foi de uma forma agressiva e isso não foi ruim para mim, eu não tomei como – nossa, o que eu faço com o que eu aprendi até agora, mas na verdade eu achei estimulante. Então aqui no NIDs a gente tenta adotar uma abordagem interdisciplinar e diversa culturalmente para estes temas específicos, então como é por aqui, o desenvolvimento, democracia e sustentabilidade.

S – Nesse período que a professora ingressou aqui na universidade como docente e aí todas essas mudanças, a professora considera isso uma formação continuada?

C – Não, acho que não porque ela não é organizada, ela não vem de cima para baixo.

S – Mas assim, não seria uma formação continuada da professora mesmo?

C – Sim, aí podemos chamar de autoformação.

S – Sim, eu acredito que sim, porque a partir do momento que o professor busca, tudo bem, a universidade não tem um modelo, mas o profissional ele estagna, ou ele avança?

C – Bom, nesse sentido acredito que sim, não querendo soar pretensiosa não, não teve outro jeito eu acho, pra conseguir dar essas aulas, mesmo na aula de economia, o tipo de pergunta que surgia, eu não tinha muita condição de responder se eu não fosse atrás. Então assim, você dá uma aula de desenvolvimento econômico, com alunos, que tiveram toda uma discussão do papel do estado, por exemplo, que é a matéria de EDS anterior e vem com perguntas filosóficas, pra você na sala de aula, fica aquela situação de provocação - então você vai dizer – nossa, eu tenho que saber responder isso, em alguns momentos eu falava, eu não sei, eu vou procurar entender e em outros momentos eu estava mais preparada, mas isso foi acontecendo, entendeu e foi muito mesmo, foi um estímulo super bacana, até porque o que eu mais gosto na UFABC é o alunado, eu acho que a gente tem um grupo de estudantes muito bacana, a história de ter cota para perfil de ensino público, pra negro, então a gente tem um grupo muito heterogêneo, de diversas regiões do estado de São Paulo, principalmente, e que eu acredito que valoriza a oportunidade que eles tem. Diferente do que eu já vi em outras universidades mais

elitistas, até públicas, que é a USP e a UFRJ, eu vejo os nossos alunos pelo menos valorizando mais a oportunidade que eles têm. Então você da aula até onze horas da noite e o povo tá lá de cabeça em pé, tendo feito uma baldeação impensável, São Miguel, centro, São Bernardo, aquela coisa de 3, 4hs de deslocamento, para ir trabalhar e depois vir ter aula e você sabe que são pessoas esforçadíssimas e que debatem em sala e essa troca me estimulou mesmo a melhorar, então eu acho que sim, posso considerar uma formação, acho que sim.

S – E quais os obstáculos que a professora encontrou na inclusão da diversidade cultural e epistemológica na sua prática pedagógica.

C – O primeiro obstáculo foi a minha própria ignorância, assim, então eu de repente ao lidar com conteúdos, me deparar com conteúdos que não conhecia, eu ao também ser provocada na sala de aula por também conteúdos que eu não conhecia, percebi que não sabia aquilo e que eu teria que me reinventar e eu não sabia como, esse é o primeiro obstáculo mesmo e a ignorância e ai falar, puxa, eu vou precisar melhorar minha abordagem, adotando uma abordagem mais plural e me questionar mais aqui, questionar mais a ciência, questionar o que é a ciência, qual o papel do cientista, que é coisas que eu nunca tinha me feito, incrível, né, como que pode, então a gente formar pesquisadores num país que não se formula essas perguntas, e eu não acho que incomum, acho que é muito comum. Na verdade, se eu pegar os meus colegas, lembra-los, das nossas trajetórias, não tinha esse tipo de pensamento crítico, digamos assim. Então o obstáculo um primeiro, primeiro era a ignorância, segundo é sair da área do conforto, e falar não, realmente eu vou ter que não dar esse autor que eu já conheço e dar um que eu não conheço e investir tempo nisso, então esse é um obstáculo bem grande pelo excesso de carga de trabalho, a gente às vezes não encontra tempo para refinar e melhor a nossa prática pedagógica, então, principalmente nos primeiros anos, que a gente está preparando os cursos, então você têm que preparar os cursos, preparar as aulas e é muito cansativo, e você investe muito tempo nisso e para aprender uma coisa nova fica ainda muito mais difícil, e como isso é um processo, não é rápido, você não consegue chegar a respostas imediatas, então outro obstáculo é esse também, na verdade a prática pedagógica as vezes até ela não se transforma, porque não esta pronta para ser transformada. Então, sei lá, eu vou tratar de desenvolvimento econômico social e eu quero trazer bagagem da sustentabilidade - continuando no meu campo – nossa, mas tem toda uma literatura que eu ainda estou atravessando, eu não posso já trazer as primeiras conclusões, não está fechada, então eu tenho essa dificuldade, até onde eu posso transformar isso em uma aula mesmo, ou se eu vou estar jogando elementos que eu ainda não sedimentei no meu próprio pensamento, então é um obstáculo também, é um processo, não dá para aproximar toda hora e aí na hora que você consegue chegar na resposta, a disciplina já passou, o tempo já passou, você já está com outras demandas, então tem a questão do tempo que é difícil mesmo. Se houvesse um período em que a consegue sentar e rever a própria pesquisa e a prática pedagógica livre de outras interferências, mas isso é totalmente utópico, não tem, então tem que ser no dia a dia mesmo, e com essa consciência que não é perfeito no começo. Então eu sinto isso muito claramente, tem algumas disciplinas que já dei três vezes hoje e que vejo que a terceira edição foi mil vezes melhor do que a primeira, porque eu aprendi como dar a disciplina, um melhor corte, então eu faço esse esforço de, puts, o quê que deu certo e o que não deu certo naquela matéria, nossa, eu lembro muito bem, que eu dei esse assunto aqui antes do que deveria ter sido dado, então inverte a ordem e isso ajuda. Mas, também eu acho que insistir sempre na mesma disciplina acaba também nos limitando, então acredito que tem que ter essa troca de, essa rotação de disciplinas. Economia

internacional que eu tinha dado 3 vezes, esse ano eu não quis dar – eu falei, não, não vou dar 4 vezes, já dei, deixa os alunos terem com outra pessoa também, outra pessoa precisa se estimular para fazer isso. É isso, acho que a ignorância e o tempo são os obstáculos maiores.

S – Ainda em questão de tempo, a professora considera o fato de a universidade ser quadrimestral um obstáculo?

C – Não, não. Eu não acho que seja esse um problema para o tempo, não. Se fosse semestral a gente não ia resolver essa questão do aprendizado, porque ia ter que só reformatar os conteúdos por semestre, e ia aumentar. Então eu não acho que é o quadrimestral, inclusive eu gosto, desse formato, eu acho que dinamiza e eu acho que nos torna também mais objetivos na hora de apresentar os conteúdos. Isso tem um ganho que é importante considerando aí as demandas, as pressões para tempo, para trabalho, então acho que a UFABC faz uma coisa meio mágica, de que os alunos tem a oportunidade de poucos anos terem dois diplomas e são dois diplomas de cursos bem extensos e interdisciplinares, um até interdisciplinar e outro disciplinar, mas o disciplinar com uma abordagem plural, então isso é bárbaro, e é uma magia mesmo chegar nessa equação. É lógico que vai ao longo do tempo a gente vai ajustando, tem problemas, não funciona perfeitamente, mas o formato quadrimestral para mim contribui para essas aspirações, para o objetivo que a gente têm.

S – A professora se considera uma professora tradicional, monocultural ou pelo contrário, promove nas suas aulas a inclusão da diversidade de saberes e a interculturalidade?

C – Então, eu acho que eu era tradicional e me tornei mais, que pratica a diversidade de saberes e a interculturalidade. Eu tenho só um pouco de dificuldade de afirmar a interculturalidade e a diversidade cultural, eu diria que eu estou praticando mais uma diversidade teórica e de abordagens também, de culturas eu acho que eu ainda não cheguei lá. Porque eu estou falando isso, porque depende de como você está querendo interpretar aqui a interculturalidade.

S – Direcionando o olhar para inclusão mesmo, pra inclusão social.

C – Eu acho que sim, essa preocupação existe, mas eu acho que faz parte da inclusão também apresentar conteúdos com que diversos grupos se identifiquem, então pensamentos de lugares diferentes, então, por exemplo, uma crítica que a gente faz aqui frequente, na discussão de desenvolvimento e a visão euro centrista do desenvolvimento X uma visão periférica e eu sempre vim com a visão periférica mais América Latina. Então, através dos colegas aqui e da troca de pesquisa, que a gente foi chegar no pensamento africano, que é algo que eu desconhecia totalmente e ai isso já vem de uma demonstração de como pode funcionar essa organização da UFABC sem departamento, em que permite essa maior troca entre ciências, isso permite chegar à outras abordagens, e a abordagem de lugares diferentes, que facilita essa interculturalidade. Eu ajudei a organizar a semana da mulher em março, a primeira mesa chamava a trajetória das mulheres da UFABC, mas propositalmente essa mesa era formada totalmente por mulheres negras. Por quê? Porque que não chamou trajetória das mulheres negras? Porque não era para falar das mulheres negras, era para falar das mulheres e geralmente quando se fala mulheres, se isso acontecer, que já é raro, vai até lá, geralmente uma mulher branca, embora não seja a maioria, e ai - tinham alunas, tinham professoras,

tinham técnicas e deveriam ter funcionárias terceirizadas e, mas elas não puderam vir – e aí a fala delas foi consensual em dizer: olha é muito difícil a gente ocupar espaços em que a gente não tem relação de espelho, eu não vejo uma professora negra, tenho poucas colegas negras na sala de aula, tenho poucas colegas, para começar, porque a maior parte é homem, e tenho poucas colegas negras. Então uma aluna me falou, e eu acho que nunca vou esquecer: eu chego na sala, primeira coisa que faço, conto quantas pessoas tem, quantas mulheres tem e quantas negras tem e geralmente eu vejo que só tem eu. E aí eu vejo um docente falando uma coisa de um mundo que não é o meu e eu não vejo nenhuma conexão com aquilo. E aí eu pensei, puxa, eu sei o que é estar em uma sala onde a maioria é homens, a gente sabe, acontece bastante, e já é difícil e você ser a minoria da minoria, você tem que tirar uma força interna, porque assim, não tem essa coisa interna, essa parceria, essa coisa do grupo tão facilmente quanto quem é da maioria. Ou seja, tem que fazer um movimento contra hegemônico muito maior. E aí eu falei, nossa, então isso é uma coisa a se pensar. Então, bom, eu não vou ser a mulher negra na frente dela, não sou, mas posso trazer autoras negras, posso trazer questões do negro, da negra para aula e de alguma forma seria isso um debate, na medida que a ementa do programa permitir, ou no curso e tal, então essa preocupação eu tenho, mas veja que ela nasceu daqui e isso que é muito interessante. Porque a prática ela sim tem o poder transformador e não precisa ser de cima para baixo e acho que sim, a gente tem que ter - eu não quero ser mal interpretada - a gente tem que ter os dois movimentos, o de cima pra baixo, mas o de baixo pra cima já começa a aparecer também, eu acho que ele não tem nem sempre a mesma força, porque a outra já é imediata, mas no tempo eu acho que ela é mais duradoura. Mas a gente tem que garantir que esse movimento de baixo pra cima acontece, porque quando há rupturas políticas, como a gente está tendo, e aí a caneta muda, estruturalmente a mudança já estava colocada e eu acho que é essa questão que a gente enfrenta agora de uma maneira mais geral no país. Então houve várias mudanças, mas muitas delas são passíveis de cair, com a mudança do projeto nacional. Então um exemplo mais básico, sei lá - o bolsa família - se não houve a criação de uma dinâmica de renda que sustentasse o emprego e a renda por si só, somente através dessa política aí, mais importante ainda, a política de valorização do salário mínimo, se não houve uma forma que fizesse se tornar endógeno, na hora que muda o governo, fala isso não é nossa prioridade, então isso é muito perigoso, então, eu acho, a política, eu acho que sim, de cima para baixo, mas ela tem que ver se realmente ela está conseguindo promover essas mudanças e ficar atenta aos seus resultados, se vão reformular, repensar, para que isso se torne endógeno, então assim, eu acho que sim, a gente tá formando negras, agente está formando mais mulheres, a gente tá formando gente da periferia, a gente tá formando muitos alunos que são os primeiros de sua geração até o ensino superior e isso é super comovente para nós, né, assistir isso, ver nas defesas de monografia, ver eles afirmarem isso, se imaginar a diferença que isso vai fazer para aquele núcleo familiar. E se a gente está conseguindo fazer isso, mas como manter? Tenho certeza que essa geração que já se formou na UFABC nos últimos cinco anos, na realidade tem dez, mas até os primeiros começarem a se formar, já tem seu papel orgânico nos lugares onde eles ocupam. Então são poucos - a gente não tem esse número, - mas uns dois mil formados, uns três mil? Talvez mais. Então é bastante, expressivo e que isso precisa começar a ter uma visibilidade maior e é super gostoso.

S – E você ainda vai vendo esse pessoal indo para a Pós-graduação, o que é mais fantástico ainda.

C – Isso, que é super gostoso, demais vê-los, assim, indo para a Pós-graduação e já ocupando cargos até mesmo na política, é bacana

S – Na ausência de um modelo de formação continuada para os professores da educação superior, quais são, no seu ponto de vista, as atividades que poderão ajustar-se a uma formação continuada dos professores da educação superior? Especificamente desta universidade.

C – Mas você diz atividades formais, ou atividades do cotidiano que ajustam?

S – As que ajustam também, as cotidianas.

C – Eu acho que é como a gente vinha falando, né, O ensino, as atividades de ensino, pesquisa e extensão, elas podem ser interpretadas como uma formação continuada, aí cabe a nós ter essa preocupação de tentar novos caminhos, então isso aí, é que talvez, esse incentivo, que pra, para os novos caminhos, que possa ser reforçado, eu acho que a universidade já tem uma preocupação boa, bastante de interdisciplinaridade, tem uns prêmios de excelência acadêmica, edital de recém doutor, que eu recebi quando eu iniciei, que era uma verba para compra de material para fazer pesquisa, então você tinha que propor uma pesquisa inovadora para ir pra frente, isso estimula os novos caminhos e nesses novos caminhos a interdisciplinaridade é sempre valorizada, então eu acho que essas trocas da comunidade acadêmica também permitem a formação continuada, eu sei, já recebi e já tentei fazer, alguns dos cursos que a universidade prove, mas nunca consegui e a maioria é a distância e eu não tive a disciplina para seguir, principalmente porque o que eu tentei mesmo fazer, era, eu estava num processo ainda de fazer os cursos e eu estava muito sem tempo e agora na coordenação do NIS eu também não tenho tempo. É, é difícil mesmo, precisa de uma organização pessoal maior. Também por outro lado, inicialmente o que pode ajudar na pressão do tempo é essa história de que a gente ainda está preenchendo ainda as últimas vagas do docente, pro bem ou pro mal, e a universidade tá parando um pouco de expandir, então agora que a gente tá nessa fase mais de patamar e lutando para não deixar cair, as atividades não tão crescendo, não está no crescente. Então como a gente já aprendeu, já teve esses ganhos de aprendizado ao longo do tempo, já sobrou um tempo maior para outras criações aqui de formação continuada. Eu acho que isso podia ser aproveitado, então, por exemplo, se a gente tem o corpo docente da economia, completo, isso nos alivia. Porque estava dando 20, 25 créditos por ano e agora vai da menos, então se da um curso a menos, já te da um tempo muito grande para fazer outras coisas, inclusive aprender.

S – Eu gostaria de saber em que medida os projetos de pesquisa, em que a professora participa, contribuem para sua formação continuada e para sua prática pedagógica?

C – Contribuem muito tá. Eu participo oficialmente de 3 projetos de pesquisa, um é grupo de pesquisa de cadeias globais de valor, que foi um grupo que eu fundei com a professora Fernanda Cardoso que nasceu a partir de um edital desses de bolsa de recém doutor. Então era um edital para professores ingressantes na UFABC e que tinha doutorado recente, e que apresentava sua proposta de pesquisa pra ganhar uma verba para compra de material, ou investimento, ou custeio e eu fui uma das primeiras, ou senão, a primeira das humanidades a ser contemplada com essa verba, e aí, a partir deste projeto, eu formei o grupo de pesquisa em 2014 e no mesmo ano já tinha 10 docentes e 60 discentes, todos de graduação, porque a gente ainda não estava nas Pós graduações, nem eu, nem a Fernanda. Agora com três anos, a gente tem 12 docentes, mais ou menos o mesmo número de discentes, e é interessante ver assim que, por exemplo, que na economia no ano passado houve 11 alunos e alunas indicados para o premio de melhor monografia que tiveram nota A, desses 11, 8 era do meu grupo de pesquisa e acho que 6

mulheres, então a partir desse grupo de pesquisa de cadeias globais na interação com os outros docentes, eu também fui percebendo essa necessidade de ampliação da visão, então como a gente tem cientista político, historiador, geógrafo, economista e cientista social no grupo, o debate vem de várias abordagens e isso é muito rico, isso me ampliou muito, a partir da aí eu acho que tive condições de entrar no NITS e aí recebi o convite para ser coordenadora, quando me tornei a coordenadora e lido com muito mais membros, são 30 membros, e das engenharias, das filosofias, de todas as humanidades, de todas as pós-graduações, aí sim a pluralidade é incontestável, eu aprendo muito com eles e é mais um obstáculo, de como a gente consegue conciliar as nossas agendas para fazer essa pesquisa coletiva e aí além de permitir a minha formação também enriquece a minha prática pedagógica e me faz repensar a forma de ensinar também.

S – A professora mencionou a questão das agendas para conseguir conciliar, a professora acredita que exista um ambiente de reflexão coletiva?

C – Esse núcleo tem esse objetivo, então os núcleos estratégicos da UFABC, eles são primordialmente um lugar de reflexão coletiva, de pesquisa coletiva, de pesquisa aplicada, com intuito até de formulação de políticas públicas no nosso caso, então a gente surge, tem esse espaço, essa estrutura física aqui, para conseguir promover essa integração, e assegurar que ela aconteça. Não é fácil, não é fácil, porque acaba diminuindo, tá todo mundo muito ocupado, mas à medida que o NITS vai ganhando importância na vida acadêmica desses membros, eu sinto que eles estão se aproximando mais, então a gente promove sempre esses eventos, mas agora a gente tá promovendo também encontros. A gente promoveu um edital para escrever um livro juntos, então cada grupo, autor, ou grupos de autores mandaram seus artigos e isso vai se tornar um livro. Esse foi o primeiro passo, aí eu vejo agora como próximo passo, a gente fundar um projeto de pesquisa interdisciplinar e envolver os membros nesse projeto para gerar um produto juntos e aí esse projeto nosso é interdisciplinar por nascimento e a gente vai tentar discutir nossos conceitos aqui - desenvolvimento democracia e sustentabilidade - metodologicamente, então quais são as categorias, como que é esse olhar, porque mesmo que, a dificuldade sai do multidisciplinar para o interdisciplinar que é diferente né, e é um aprendizado, então tudo bem a gente começar o multidisciplinar, porque também estamos aprendendo e algum momento vai evoluir para a interdisciplinaridade em si né, que é exatamente um dos objetivos desse núcleo, então criar mecanismos para tal. Então a gente inventou um seminário que aconteceu bimestre passado, a gente fez uma mesa redonda, todo mundo apresentou trabalho, em sete minutos, tinha sete minutos para apresentar trabalho e fizemos uma troca coletiva, porque o que a gente queria, era menos ouvir o trabalho do outro e mais ouvir os feedbacks e as pessoas já tinham que estar meio preparadas para aquilo lá. Porque, por exemplo, seminários, palestras não proporcionam o debate, geralmente o palestrante, o conferencista e o que fala e ele já faz o lugar da pesquisa dele e aqui no NITS a gente quer fazer ao contrário, quem lê é quem fala, quem tá vendo é quem contribui e de o seu comentário a sua crítica, de um outro lugar, para a pessoa se reformular e a gente tá tentando criar este tipo de mecanismo para interdisciplinaridade acontecer.

S – Como a UFABC e a professora como docente da universidade conciliam a necessidade de produção acadêmica e a cultura dos rankings? Neste caso considerando qualidade e excelência, com os princípios institucionais da inclusão social. Porque nós sabemos assim, a universidade já atingiu o importante patamar nos rankings, justamente de qualidade e excelência e fica muito claro, no PDI, que ela não quer descer, ao

contrário, ela quer continuar crescendo cada vez mais e como a professora vê essa questão da inclusão social?

C – Olha, eu vejo que eles são teoricamente e na prática plenamente conciliáveis, poderiam ser, então a produção acadêmica ela já pode vir de um lugar que fez uma inclusão social e essa produção acadêmica se enviada para esses jurnos, ou outras publicações que elevam nosso ranking, melhor ainda, mas, então eu acho que começa do lugar onde a publicação acadêmica é feita, quem ela envolve, e bom, eu venho com um olhar mais das humanidades, eu acho que para a gente é natural imaginar os temas, objeto, quanto o pesquisador na pesquisa, ele já pode vir com essa prerrogativa de estar fazendo inclusão social. Que pra mim, é super confortável, de dizer, porque eu venho de uma discussão de desenvolvimento econômico de democracia, então se eu estou debatendo desenvolvimento e democracia, não tem como me furtar da inclusão social, ela é por definição minha maior preocupação, desde sempre, em termos do meu objeto de pesquisa, agora, como que isso facilita a inclusão social, da universidade, então aí é um movimento de pesquisadores e de alunos que vem de situações mais vulneráveis da sociedade, embora não seja claro, de batida, não sei quem é quem, mais a pluralidade da universidade é importante, os alunos, eles vem de vários lugares. Mais também existem aí os mecanismos de incentivos, com umas bolsas, e aí bolsa é essencial, para que a gente retenha essas pessoas que precisem de algum incentivo financeiro para fazer pesquisa acadêmica.

S – Mas aí diante do quadro político, onde nós estamos vendo aí, é as bolsas sendo tiradas. A professora acredita que essa inclusão possa continuar acontecendo ou fatalmente ela vai ser extinta?

C – Eu acho que, ela fatalmente vai diminuir. Que ela vai chegar a ser extinta, eu não posso afirmar, eu espero que não, porque sempre tem aqueles idealistas que dão um jeito para conseguirem se manter, mas a falta de recurso atrapalha muito, nesse momento atrapalha muito. E não tem como proteger os núcleos mais vulneráveis em termos de renda, se não tiver uma política de alimentação, transporte, de moradia para que estejam na universidade, então sem esse orçamento eles não estarão aqui e isso é terrível. Então, como a gente até já aprovou no conselho, não sei se você soube, teve a moção de repúdio ao corte as bolsas - tinha outro nome - bolsas são fundamentais e esse é um mecanismo mais clássico aqui e qualquer lugar do Brasil de manter a inclusão social, as cotas também e tal.

S – A professora acredita então que excelência e inclusão social caminham ou podem vir a caminhar juntas?

C – Sim, acredito, mas também tenho certeza que depende de outro fator que é financiamento e sem financiamento nada anda e como o financiamento ele é uma escolha política, então depende do nosso grau de democracia ou da representatividade dos interesses no poder, então o ciclo político interfere muito, e aí já que você está gravando, e isso é uma opinião minha e todo mundo sabe, eu sou contra o golpe, acho que a gente vive uma situação terrível e de retrocesso no país em vários sentidos e me preocupa muito o destino das universidades públicas em geral, por causa desse falso discurso de que: um – a gente tem pouca grana e orçamento é limitado, então a gente precisa escolher com mais eficiência onde vai gastar e de que o ensino básico é prioridade, eu acho que sim, o ensino básico é prioridade, mas isso não exclui o investimento no ensino superior, porque sem o investimento no ensino superior, a gente

não eleva a qualificação dos trabalhadores, não eleva a formação humanista da nossa sociedade, porque a gente não está na universidade só para formar pessoas para o mercado de trabalho, e sim para formar a pessoa em um nível muito mais amplo e holístico e a universidade tem um papel no Brasil enorme e muito pioneiro de geração de inovação e de ciência e digamos a universidade pública, e de conhecimento, a universidade em geral, mas a universidade pública ainda é o que tem maior representatividade nisso e sem geração de progresso científico tecnológico, não tem como imaginar um desenvolvimento econômico com redistribuição de renda e riqueza, então é verdadeiramente um tiro no pé, diminuir investimento em universidade pública e em educação em geral em prol de outras variáveis que são escolhas políticas, como propaganda e juros, e que tem aí toda a política macro econômica complicada que a gente vive.

S – E eles alegam que fundamental o investimento em educação básica, mas nem isso eles estão investindo, eles estão cortando inclusive nisso, então, ou seja, a educação de modo nenhum é interessante para eles e eu sou totalmente contra o golpe também.

S – Em linhas gerais professora, para finalizar, eu gostaria de saber como a professora caracteriza o modelo UFABC, face aos novos modelos de universidades, os modelos tradicionais de universidades?

C – É, bom, primeiro eu preciso pontuar que eu não sou uma grande, eu não sou uma estudiosa na educação e nem tenho uma avaliação geral dos modelos de educação superior, mas da experiência que eu tenho, do que eu observo, eu acredito que a UFABC é bastante moderna e de vanguarda no sentido de propor um projeto pedagógico muito pós-moderno, vamos dizer assim e que concilia e tem esses três pilares fantásticos, que é a interdisciplinaridade, a inclusão e a excelência, que sim, podem andar juntos e que tem uma preocupação constante em si renovar e que mantém essa olhar para os movimentos pedagógicos educacionais no mundo, tentando se atualizar, sem se enrijecer, o que é muito difícil em uma instituição que cresce em um modelo não só no projeto pedagógico, mas também administrativo da UFABC é bastante interessante de não haver departamentos, de haver só 3 centros e esses centros congregarem diversas ciências e de ter dois grandes conselhos - o conselho do estado, o conselho de ensino, pesquisa e extensão - para decidir os temas acadêmicos em geral e esse modelo administrativo também é muito interessante e que torna os processos mais céleres, embora que ainda é longe do ideal, mas que eu acho que para uma instituição pública é bem fora da média, na forma como a gente consegue encaminhar processos e fazer acontecer novas ideias, então a UFABC é incrível como que cresceu exponencialmente em 10 anos. Tantos cursos de graduação, de extensão, de pós-graduação, agora de aperfeiçoamento também. Então assim, nossa, para mim como docente daqui, o que também me faz gostar muito, além do alunado, é essa possibilidade de criar, de ter uma ideia e tocá-la para frente e não encontrar entraves burocráticos e também teóricos de abordagens, bem no estilo do Bourdieu, mesmo, que eu aprendi aqui durante as minhas aulas, do grupo científico não permitir, porque sei lá, de alguma forma contradiz o paradigma prevalecente daquele momento, daquele grupo, então eu acho que na UFABC esse paradigma ele é muito mais flexível, ele é muito mais amplo e permite mais criação, mais novidades e atuação coletiva de uma forma mais real, do que os outros lugares, mas isso também voltando a dizer, isso é uma percepção minha, porque também não tenho amplo conhecimento sobre como funciona todo modelo educacional no país.

S – Então pela percepção da professora, a professora acredita que ela se distancia dos modelos elitistas e hegemônicos? Ou não?

C – Dos modelos tradicionais de ensino e de administração, eu acho que com certeza, se distância, eu acho que no discurso, nosso projeto pedagógico e nosso funcionamento, ele deveria não ser elitista, ser contra hegemônico, digamos assim, mas isso não acontece totalmente, eu acho que não seria real dizer que na UFABC não é elitista totalmente, eu acho que pode ser que em algumas áreas, sim ainda aconteça, pelo próprio fato de ser um ensino superior de ponta e financiamento amplo, nos torna um grupo privilegiado, e que tenta fazer a inclusão, mas assim, ele começa em um corpo docente, que não tem essa inclusão totalmente realizada, então inclusive, na composição da categoria docente a gente ainda teria muito a melhorar na representatividade dos grupos, né, então a gente fez o concurso 4x4 de relações étnico racial e eu tô participando do grupo que esta propondo um concurso para gênero para elevar a participação feminina no grupo docente que é baixa, é de 30%, 32% e é mais ou menos a mesma entre as discentes, então, não da pra dizer que a gente já atingiu essa inclusão e essa representatividade plena e democrática, não, mas existem caminhos tentando ser traçados, mas ainda, até pela forma como nasceu, de tudo que vem de cima para baixo, acho importante na transição, tem que acontecer, mas ela vem pronta e a estrutura começa em um ponto de partida específico e nesse caso hegemônico também e alguns discursos dentro da universidade, não deixam de ser elitistas também, porque a busca pura pela excelência, depende de como se interpreta excelência, mas se interpretação de excelência for meramente como está nos rankings internacionais hegemônicos, aí a gente não esta promovendo inclusão, mas na minha interpretação a excelência esta em vários lugares, e também nos principais diurnos, e pertencer a esse lugar, mas através de pesquisas inovadoras e que promovem a inclusão, então da para fazer isso num caminho diferente, mas ele não precisa ser tradicional.

S – É, essa pergunta foi mais uma inquietação mesmo da pesquisa num todo, porque o PDI ele tem dois discursos, né, um, que fala que tem por missão a inclusão por diversidade cultural e o outro é o bem neoliberal, que é manter o top nos rankings, então isso realmente inquieta bastante, porque é, se você comparar uma coisa e a outra, elas estão bastante...

C – É, a gente sempre cai nessa coisa... eu explico sempre para meus alunos, a gente pode optar pelo caminho da reforma ou da revolução, então assim, a gente pode simplesmente ignorar os rankings principais e estar em outros lugares que nos interessa, mas de repente não conta nada para a excelência acadêmica, mas que faz muita diferença para um grupo, sei lá, vou pegar o exemplo de um grupo de pesquisa que participa dos movimentos UBUNDU, que é um grupo que vai discutir África, e relações Pan Africanas, e faz vários projetos de extensão com os movimentos negros da região, isso não gera publicação nenhuma, mal conta como alguma coisa, mas também da para fazer reforma, escrever um artigo, que nem a gente escreveu, sobre o desenvolvimento econômico incluindo todos esses autores africanos e enviar pela revista A1 e ver no que dá, tomamos um toco na primeira, é verdade, eles falaram de jeito nenhum, mas você vai tentando, então essa reforma eu acredito nela também, acredito na revolução, eu acho que a gente vai diversificando um pouco a atuação, em alguns casos a gente vai tá lá, um grupo hegemônico também, pesquisas que vão se encaixar lá, vão sair e serem publicadas, eu tenho revista, artigo A1, sobre a importância da indústria para o desenvolvimento, que já não é ortodoxo, não é neoliberal, ao contrário, está falando, olha, não dá para a gente ficar exportando cana, a gente tem que exportar outra coisa

aqui, mas fiz uma cronometria, toda uma aparência do artigo, a uma aparência que cola nesse tipo de meio, então era de certa forma a reforma. Mas é isso, a gente vai diversificando, acho que não é necessariamente contraditório, não, se houvesse uma forma de mensurar os efeitos dessas outras atividades aqui, que impactam coisas não captadas pelos rankings de excelência, acho que a UFABC também estaria muito bem.

S – É isso professora. Eu quero agradecer muito a contribuição da professora para minha pesquisa, foi excelente.

C – Eu acho que é isso, a gente, é de cima para baixo e de baixo para cima total.

9. ENTREVISTA PROFESSORA NATHALIE BRESSIANE

Antes da entrevista a professora Nathalie solicitou que eu falasse um pouquinho sobre mim e a pesquisa.

Sandra - A Universidade a qual eu pertencço, a Universidade Nove de Julho, ela tem um observatório de Universidades e nós pesquisamos as Universidades da era Lula. E meu orientador me convidou para desenvolver um projeto sobre a Universidade Federal do ABC. Para mim foi bem desafiador porque na iniciação científica eu fazia parte de um grupo que pesquisa outras coisas e não aproximava em nada sobre universidade e isto não estava nos meus planos, porém foi um desafio super gostoso e hoje esta sendo muito bom.

NATHALIE – Imagino que tenha sido muito trabalhoso, porque são de fato modelos de universidade diferentes e ir atrás do que seriam essas diferenças não deve ser fácil.

S – O que acontece, a minha pesquisa, o objeto de pesquisa e a formação continuada dos professores da Universidade ABC, porém o que acontece, ao ler o PDI e outros documentos da universidade, concluímos que não existe um modelo de educação continuada na UFABC e isso de certo modo gerou uma certa preocupação. Nós abrimos mais a pesquisa e mudamos, mas não o objeto, porque a formação continuada continua sendo meu núcleo de pesquisa, mas nós abrimos para outras categorias de análises, e eu passo a trabalhar com a inclusão social, os modelos pedagógicos e a interdisciplinaridade. E a partir daí nós compomos as perguntas. A professora chegou a ler ou não?

N – Sim, eu dei uma olhada.

S – Apresentação do termo de consentimento da entrevista e questionário que compõe o roteiro.

N – (questionário que compõe o roteiro por e-mail)

S - Como insere na sua prática pedagógica a diversidade cultural e epistemológica?

N – É, na verdade eu queria perguntar também umas coisas, eu fiquei pensando nessas questões iniciais, porque eu acho que neste caso não tem uma especificidade eu acho que da UFABC, eu dei aula fora da UFABC só em uma outra universidade já na pós graduação que é a FESP. Eu acho que tanto em um caso, como no outro a diversidade

digamos cultural, religiosa e assim por diante dos alunos e a interdisciplinaridade na verdade está presente nos dois casos. Lá era uma pós-graduação em cultura e globalização então eram pessoas tanto da academia quanto pessoas de fora da academia e de várias áreas, jornalismo, filosofia e assim por diante, então eu não sei exatamente assim, digamos, eu não conseguia responder a pergunta dizendo que há uma especificidade na minha atuação na UFABC em relação à atuação que eu tive nessa universidade, mas o que eu diria é que eu sempre nos cursos em geral eu trabalho mais de um autor, ou mais de uma autora, em geral, pensando um pouco não necessariamente uma diversidade cultural, mas é uma diversidade, uma certa tentativa que eu faço nos cursos de tentar permitir uma certa reflexividade com relação não só ao ponto de vista dos outros, mas com relação ao nosso próprio ponto de vista e posição. E como eu tento fazer isso, em geral eu tento, por exemplo, no curso que eu estou dando agora três aulas, quatro aulas sobre um determinado autor e eu tento construir sempre a oposição desse autor, dessa autora, de uma forma na medida do possível coerente etc e quase não advogando de forma explícita, mas tentando construí-la da melhor forma possível, até que quando eu acho que de alguma forma eu consegui convencer os alunos, ou trouxe os alunos para dentro do texto digamos eu começo a questionar o texto e mostrar os problemas e aí construo digamos uma outra posição a partir de algum outro autor, de alguma outra autora e eu tenho a impressão que isso funciona muito porque de alguma forma permite que os alunos e as alunas reflitam um pouco sobre a própria posição e assim por diante e permita que eles adotem ou discutam determinadas posições em sala, tanto com relação a cultura, como com relação a preconceitos, como com relação a teorias que eles aceitam como validas, de uma forma mais flexível, mais ponderada, digamos dar um passo atrás na aceitação e do ponto de vista epistemológico também, desconstruir um pouco essa adesão que as vezes a gente faz muito direta a algumas coisas. Em geral eu tento fazer dessa forma, não sei se fica claro.

S – Sim, fica claro, eu só gostaria de saber se a professora acredita, levando em consideração uma grande preocupação da minha pesquisa que é a inclusão social, se essa forma de abordagem vem a contribuir para a inclusão social?

N – Eu acho que sim, bom eu espero que sim na verdade, pelo seguinte motivo: eu acho que quando a gente vai tratando de várias posições diferentes a gente acaba dando voz a várias pessoas com posições diferentes e na medida em que a gente vai mostrando que mesmo em posições bem construídas elas podem ser criticadas desde que argumentadas de forma dialógica e assim por diante, eu vou pouco a pouco permitindo e eu vou percebendo e acho que isso um pouco nas salas de aula que os alunos vão um pouco se soltando e percebendo que nem um cânone as vezes da filosofia, ou seja, que podem perguntar, questionar, colocar posições e refletir de fato sobre o texto, ou seja, que eles tem uma posição ativa e não só na interpretação como no questionamento do que está sendo dito pelos autores. E eu vejo um pouco essa certa participação, da esse papel de atividade para os alunos de fato, é assim que eu tento fazer isso e certo tentando evidentemente nunca na sala de aula permitir nem algum tipo de cerceamento ou impedimento de que alguém de a sua própria opinião e tentar evitar o tempo inteiro eu mesma assumir algum tipo de posição que possa levar esse silenciamento ou uma certa exclusão de algum grupo.

S - Quais os obstáculos que a professora encontra à inclusão da diversidade cultural e epistemológica na sua prática pedagógica?

N – Eu diria o seguinte, em geral eu dou aula de filosofia e a gente trabalha muito com texto e o que eu percebo é que há uma discrepância muito grande entre as vezes os alunos no que diz respeito a capacidades desenvolvidas por exemplo em leituras de textos, de argumentação, as vezes até conhecimento de línguas estrangeiras que também na filosofia é coisa muito importante, embora na graduação eu sempre evito fazer por causa disso, então assim, numa primeira impressão a minha principal dificuldade, o meu principal esforço, é tentar escolher textos primeiro em português e tentar fazer uma leitura de texto em sala e normalmente dou atividades logo no início, para perceber quem são os alunos com pouco mais de dificuldade de leitura e de escrita, para que eu possa acompanhar o trabalho desses alunos um pouco mais de perto e orienta-los, por exemplo, como ver textos, como escrever textos, ajudar um pouco a escrever de fato com menos erros de português, da uma orientação um pouco mais próxima para esses alunos que muitas vezes vindo de escola pública, tem uma formação talvez um pouco mais deficitária antes da entrada na universidade e precisam de algum acompanhamento extra. Eu acho que na Filosofia talvez até pela importância da leitura e da escrita, eu sinto esse como a principal, uma evidente né, a principal dificuldade dentro da sala de aula, fora da sala de aula tem mais um milhão delas, desde renda, trabalho, porque a mesma pessoa que em geral não teve a melhor formação antes de chegar aqui, em geral também é aquela pessoa que vai ter que trabalhar enquanto está aqui, também então é aquela que menos terá tempo em geral para se dedicar as atividades da universidade. Então o que eu tento fazer é auxiliá-la na medida do possível para permitir digamos uma equalização, ainda que muito entre aspas porque evidente que ela não ocorre a de oportunidades, o que eu tento fazer sempre é isso.

S – A Professora considera-se uma professora tradicional, monocultural ou, pelo contrário, promove nas suas aulas a diversidade de saberes e a interculturalidade?

N – Não sei, não sei o que seria um professor tradicional, é monocultural certamente não, nem os cursos que eu tenho que dar eu tento fazer exatamente o oposto disso, eu tento sempre o confronto, sempre apresentar os cursos em geral que eu tenho que fazer são orientados por questões, por debates, então eu sempre faço isso que eu falei no começo, apresento uma coisa e desmonto, apresento outra coisa e desmonto, dificilmente eu termino um curso por exemplo digamos desmontando várias posições e chegando no final e defendendo uma posição final que eu acho por exemplo que os alunos deveriam adotar, muito pelo contrário, a ideia que eu tento passar nela, o curso já é exatamente essa diversidade, exatamente essa tentativa de mostrar que há argumentos que apontam para coisas diferentes e que o mais importante dentro da filosofia é desenvolver essa capacidade argumentativa e reflexiva, ou seja, não também argumentar para qualquer posição ruim, mas de fato desenvolver argumentação, mesmo que o aluno siga uma linha completamente diferente da minha, tá, então eu não seria tradicional, ou monocultural, certamente ou espero que não, meu objetivo é ao contrário, então eu sempre tento juntar. E intercultural porque eu trabalho com filosofia mais contemporânea e vinculada a teoria social, economia, teoria da democracia, então eu sempre trabalho autores de várias áreas com posições bastante diferentes, então eu acho que funciona muito bem aqui na UFABC em particular, porque os alunos em geral não são da filosofia, ou são parcialmente da filosofia, então acaba que esse diálogo entre eu não diria culturas talvez diferentes, mas muitas vezes, por exemplo, tem uma pessoa na sala que ou ainda está no BC&F, mas tem gente que está já na economia, ou nas relações internacionais, ou filosofia, ou às vezes engenharia, por algum motivo a pessoa tem interesse em engenharia, mas também em teoria crítica e aí é muito interessante que às vezes não é uma diferença talvez cultural entre eles, mas uma forma diferente de

abordar questões ou objetos iguais e eu acho isso muito rico, aqui. Porque eu tenho um economista, para falar da questão, eu tenho às vezes uma pessoa que estuda psicologia, uma pessoa que esta pensando aquele ponto de vista da pessoa que estuda relações internacionais e um filósofo e eles estão todos dentro de uma sala de aula discutindo a questão, então eu acho que funciona, esse embate de posições eu acho que tem sido muito frutífero nas salas, eu gosto muito da ideia de que não há só filósofos dentro da sala de aula, que em geral mesmo os filósofos tiveram uma formação interdisciplinar então de alguma forma vem a somar também.

S - Tendo presentes os princípios do PDI – Novo modelo pedagógico, inclusão social e interdisciplinaridade - como operacionaliza esses princípios na sua prática pedagógica?

N – No fundo eu acho que acabei antecipando a resposta dessa questão, porque eu acabei falando de interdisciplinaridade. Eu acho que é um pouco isso, eu acho que nem se o professor quiser ele consegue de alguma forma impedir essa interdisciplinaridade, porque como os alunos vêm primeiro, todos eles tiveram formações interdisciplinares já no início, mesmo que seja, por exemplo, eu vou dar uma disciplina obrigatória na filosofia, eu dou de ética ou política, que são temas por exemplo que em geral ética contemporânea, que são temas que acabam interessando pessoas de outras áreas da universidade, e aí eu já tendo a interdisciplinaridade, aí quando você tem várias pessoas já discutindo, o economista por exemplo vai dizer, tem essa questão econômica que também é relevante e as coisas começam a se juntar então na sala de aula eu acho que isso fica muito evidente. Agora, a inclusão social, eu acho que para mim a maior dificuldade e a leitura de texto, porque eu trabalho a partir de interpretação, discussão e leitura de texto e o interdisciplinar tem um outro elemento que talvez seja meu plano de pesquisa do que diretamente minha prática pedagógica, digamos assim, porque como eu falei, eu trabalho com teoria política contemporânea e tem uma certa junção entre teoria social, psicanálise, economia, direito, política, então em geral, os textos que eu trabalho, tem um pouco dessas dimensões, então eles acabam já despertando talvez essa discussão de vários pontos de vista.

S - Na ausência de um modelo de formação continuada para os professores da Educação Superior, quais são, do seu ponto de vista, as atividades que poderão ajustar-se a uma formação continuada dos professores da educação superior, especificamente desta Universidade?

N – Posso fazer uma pergunta? Em geral as universidades tem um plano de formação continuada?

S – No geral não, e essa é uma grande preocupação porque entende-se que ela é necessária, um modelo específico não, aí o que nos começamos a discutir: os projetos, os congressos que o professor participa, seminários, palestras, se isso tem alguma ligação com as disciplinas e a prática pedagógica, se aproximam ou não, se mantem um diálogo.

N – No fundo eu fiquei na dúvida se haveria, eu nunca tinha pensado sobre nisso.

S – Claro que existe as universidades que promovem cursos em AD, tem as reflexões coletivas, os debates que é uma forma de formação continuada, porém outras nem isso tem, então é algo que hoje em dia inquieta muito por entendemos que isso é muito necessário, principalmente em uma universidade como essa que é interdisciplinar, que trabalha com discentes das classes mais populares até as classes mais altas, e como é a

forma de diálogo professor aluno sem uma formação continuada, e até levando em consideração a formação do próprio professor.

N – Deixa eu pensar, no fundo eu acho que, e aí eu vou falar do ponto de vista específico da filosofia porque eu acho que tem talvez alguma especificidade frente as outras áreas. A gente trabalha muito com grupos de estudo, por exemplo: agora eu tenho algumas orientandas que estão estudando uma autora Benhabib, e alguns outros alunos que de alguma forma manifestaram interesse próximo a isso. O que eu faço, eu monto um grupo de estudos, eu reúno esses alunos para discutir textos, aqui como é uma universidade nova, grande parte desses alunos ainda são da graduação, mas eu participo desse tipo de grupo de estudos tanto aqui na UFABC, eu participo de um grupo de estudo que é interuniversidades que costuma acontecer na USP e eu participo de um grupo de estudos que ocorre num lugar que chama CEBRAP – Centro de estudos brasileiros de análise e planejamento, que também gente do direito, tem gente da sociologia, da economia e etc. E o que acontece nesses grupos de pesquisa que eu acho que são exatamente os lugares privilegiados em que na filosofia pelo menos, eu acho que não só na filosofia, talvez nas humanidades em que a gente discute textos que saíram recentemente sobre campos específicos de estudo, ou livros que a gente acha, que embora antigos, mas sejam centrais para aquela área, que, portanto para a formação do aluno são importantes, então nesses grupos de estudo eu acho que a gente consegue não só enquanto docente estar sempre discutindo em conjunto o que está acontecendo na área e desenvolvendo a própria pesquisa, porque certamente esses grupos estão vinculados a própria pesquisa individual de cada um, mas também uma certa forma de formar pesquisadores, porque aí você tem docentes no geral, alunos de iniciação científica, alunos de mestrado e de doutorado e todos discutindo juntos questões que de alguma forma, questões que de alguma forma estão relacionadas aos temas de interesse e eu acho que isso vai exatamente a esse momento digamos de debate, discussão de textos que vai permitindo é ampliação sempre da formação, tanto dos mais jovens, quanto dos mais experientes, eu acho assim que a pesquisa mesmo nesses grupos de estudo tem um papel central, a pesquisa individual para mim também tem um papel muito importante, eu tenho um projeto individual de pesquisa que evidentemente tem haver com esses grupos de pesquisa com os quais eu colaboro e que eu vou desenvolvendo, que eu vou apresentando em congressos específicos, tanto no Brasil, como fora e assim por diante, então eu acho que o que acontece que essa atividade de pesquisa acaba sempre levando a gente a ampliar o conhecimento, sempre lê e discutir coisas novas, questões novas e pelo menos no meu caso eu tento sempre trazer isso para a sala de aula em geral. Nem sempre isso funciona, nem sempre da para casar também, as vezes o curso é sobre um tema que não é exatamente a pesquisa daquele momento, mas é claro que acaba tendo algum tipo de relação e sempre vai trazendo algum conhecimento novo, mas o que eu sempre tento fazer é montar cursos que estejam muito próximos a temas que eu tenha pesquisado recentemente, até porque eu acho que a dinâmica do curso fica melhor e eu consigo trazer para os alunos aquilo que eu saiba de melhor na minha área.

S – Alguns teóricos com que eu tenho dialogado dentro da minha pesquisa (Imbernóm, Nóvoa), defendem a ideia de que no século XIX nós tínhamos uma formação tecnicista, aí nós avançamos no século XX onde a formação inicial já estava estabelecida e tem um bum da formação continuada, ela avança, avança muito, passa a se dar o valor de fato que ela merece, entende-se que ela é realmente necessária, porém ao chegar no século XXI acontece um retrocesso, e aí que vem a minha inquietação: A professora como sendo docente no século XXI, iniciando em uma universidade federal do ABC há pouco

mais de um ano, ou seja, uma universidade que está no topo e sendo uma de referência aqui no Brasil, a professora acredita que houve esse retrocesso na formação continuada, concorda?

N: Eu não sei assim um diagnóstico, o que eu acho talvez, em particular na UFABC, eu tenho a impressão que quase todos os professores, senão todos os professores são contratados em regime de exclusividade, o que significa que a gente não só dá as horas aulas, como também no tempo em que não estamos dando aula a gente está em princípio vinculado exercendo alguma atividade de pesquisa, eu acho que aqui dentro da universidade, pelo menos com grande parte dos professores que eu conversei, atividade de pesquisa de fato que pra mim parece ser essa atividade que permite a formação continuada e etc ela é muito forte, agora, eu acho que no fundo se a gente for olhar para o começo, para o início da institucionalização da universidade do Brasil, a gente inclusive vai perceber que até aqui em São Paulo, particular, o que a gente observa não por opção de universidade diretamente, a criação de instituições por exemplo a faculdade de direito, faculdade de medicina, faculdade de engenharia, ela não tinha exatamente o objeto de criar um ambiente acadêmico de ampliação de pesquisa diretamente, mas me parece mais ambientes em que você poderia formar engenheiros, advogados e médicos, por exemplo, por que era necessário uma mão de obra e uns certos profissionais, então talvez seja isso que você esteja chamando em um primeiro momento uma preocupação menor com a formação continuada e mais técnico, digamos, fazer com que a classe média tivesse um lugar para se formar, porque até então ela iria para a Europa, ou o que fosse, e pudesse fazer essa formação aqui e pudesse atuar profissionalmente no Brasil. Eu acho que com a criação das universidades a partir do século XX isso começa um pouco mudar mesmo, eu acho que começa a se institucionalizar um certo ambiente de pesquisa e o Brasil começa a produzir de fato pesquisa, publicações e etc. Eu concordo que no século XX você tem essa institucionalização da universidade como ambiente de pesquisa. Não só de pesquisa evidentemente, pesquisa, ensino e extensão, mas digamos uma instituição que se diferencia de forma clara do que seria escola, por exemplo. A escola passa aquele conhecimento mais ou menos pronto, mais ou menos estabelecido para os alunos e a universidade, como sendo não só um lugar de ensino, mas um lugar que está sendo ensinado e está sendo também produzido, então não só passar o conhecimento adiante, mas uma produção de conhecimento. Acho que é isso que você está querendo dizer de formação continuada, de continuar produzindo conhecimento e não só passar digamos algo que esteja em uma apostila.

S – Sai do convencionalismo e ir em busca de algo inovador?

N – Sim, ir atrás de desenvolvimento e pesquisa. Eu que de fato isso se institucionaliza de forma mais clara no século XX e claro que com muitas diferenças regionais e assim por diante. Eu não sei se dá para dizer se no século XX não tem uma certa quebra disso.

S – Na verdade ele não diz que quebra, ele diz que estagna, ela para, ela deixa de trazer novas inovações, ela deixa de continuar avançando e isso de certo modo é uma preocupação.

N – No Brasil em particular ou em geral?

S – No Brasil, porque a principio, se você direcionar o olhar para fora, você vai ver que eles continuam indo em busca e o Brasil a gente tem uma grande dificuldade com o ensino superior.

N – Eu não sei, não tenho um diagnóstico em minha cabeça, então vou falar o que eu acho assim de primeira impressão.

S – Veja pelo próprio contexto que a professora vive, aqui dentro da UFABC, vamos analisar o micro.

N – Aqui eu acredito que não existe o retrocesso, eu percebo no corpo docente um engajamento com a pesquisa e com a criação do conhecimento e assim por diante. Agora o que eu acho é que no Brasil o que talvez seja uma coisa não particular da Universidade, mas no contexto nacional é que foram criadas muitas universidades recentemente. Ou seja, universidade era muito restrito. Era só para uma certa classe média que ia se formar naquelas posições digamos que dão um pouco de bum no país. E eu acho que recentemente o que aconteceu foi uma ampliação enorme das universidades em quantidade tanto das universidades públicas, quanto das instituições privadas e eu acho que de alguma forma a gente está ainda tentando se adaptar de alguma maneira a isso porque no fundo a gente vai de um sistema que tinha pouquíssimas universidades, de repente você tem um acesso muito maior a universidade – claro ainda muito restrito – mas, já muito maior do que antes e eu acho que não só as pessoas que chegam a universidade não tiveram acesso a formação e então muitas vezes a universidade acaba assumindo o papel que deveria ter sido da escola antes, por exemplo: leitura de textos etc, e a universidade acaba assumindo este papel na medida em que ela acaba se propõe a inclusão social, o que eu acho central, mas eu acho que talvez em algumas instituições privadas, este papel da pesquisa não seja tão forte, eu acho que talvez nas públicas e principalmente nas que tem dedicação exclusiva do professor, ela é muito mais forte e propicia muito essa pesquisa e formação continuada.

S – Analisando a forma de ingresso da UFABC do docente, a professora acredita, levando em consideração o todo que é necessário para ser professor aqui, ele é contratado como pesquisador ou como docente?

N – Eu não sei em todas as áreas, eu tenho a impressão de que aqui inclusive há uma preocupação muito maior com o ensino do que em outras universidades com as quais eu já trabalhei. Eu sei, por exemplo, entrando vai, nos detalhes do concurso, em geral você tem uma prova didática, você tem um prova escrita, e você tem uma arguição do memorial ou do seu projeto de pesquisa. Em geral são essas três provas. Então sempre tem um principio né, eu acho que quase em todos os concursos, pelo menos os que eu sei, todos tem essa prova didática, o que já apontaria para a importância do ensino, digamos assim, para a entrada do professor, eu não estou aqui só como pesquisador, eu estou aqui como professora. E pelo menos na filosofia, o que eu acho que também é uma especificidade e não sei nem se te ajuda tanto assim, mas por exemplo em várias universidades, essa prova didática é muito pouco importante, com relação a análise do currículo, que acaba tendo um peso muito maior, o que aqui não acontece, aqui você tem um peso muito maior para a prova didática, inclusive o critério de desempate entre as provas é a prova didática e em filosofia a prova didática o que acaba sendo analisado as vezes é mais a capacidade de montar uma argumentação, do que de fato o elemento didático do professor, que acaba sendo as vezes deixado como pouco relevante, eu acho que aqui na UFABC, pelo menos eu tenho percebido isso, a ênfase no didático, pelo

menos a min foram feitas perguntas já no concurso sobre interdisciplinaridade e etc, que eu achei que mostraram pelo menos um certa preocupação já na contratação com isso.

S – Com o papel docente?

N – Isso, de formar, de passar o conhecimento de formar pesquisadores que sejam interdisciplinares e que tenham de fato essa capacidade de transitar de alguma forma entre áreas, é o que eu acho que é analisado nos próprios concursos para os docentes, uma certa capacidade de transitar entre áreas. Aqui eu acho que tem uma preocupação bastante grande com a docência no sentido de ensino.

S – Algumas questões vão surgindo, Professora, e não segue necessariamente a ordem do roteiro, mas são decorrentes das inquietações no discurso da professora..

N – Claro, eu acho ótimo, acho que funciona bem.

S – Como a professora vê a questão da formação docente para o magistério, porque principalmente em uma universidade como esta, analisando os dois lados - BC&T e BC&H – é algo que eu sempre me pergunto, qual é a visão do professor (ar) com relação a isso. Pois muitos não têm essa formação para a docência. Ele entra como docente, mas ele tem a formação para a docência, não que seja necessária uma licenciatura, mas de algum modo você resgate isso de suas vivências, como a professora vê isso?

N – Eu acho que de fato essa é uma questão muito relevante, eu nunca fiz licenciatura, eu gosto muito de dar aula, não sei se os alunos acham que a didática é boa, espero que sim, mas eu acho que de fato em concursos, até pelas próprias exigências de concurso, ou seja, currículo, publicações, o doutorado, a ênfase embora tenha essa prova didática, embora ela seja aqui bastante importante no ABC, digamos que essa parte de pesquisa ela acaba de alguma forma sendo um quase que um corte, e isso as vezes acaba fazendo eu acho com que entre professores ou na verdade pesquisadores que de repente se tornam professores. Não era o meu caso, porque eu já tinha dado aula em outro lugar, mas quando eu entrei nesse outro lugar, foi o que aconteceu, até então eu tinha feito pesquisa, no máximo dado palestras, ou feito conferências, mas nunca tinha dado aula diretamente. Eu acho que pode ser uma tarefa difícil para os professores e eu acho que é uma tarefa que todos têm que se engajar e tentar de alguma forma realizar bem e aqui tem um agravante, porque eu dou aula também não só para o BC&H, mas também para o BC&T, o que eu achei que é muito difícil, porque você tem que tentar montar e isso eu acho umas das especificidades mais interessante da UFABC. Como eu não só não dou aula só para a filosofia eu dou aula para outras pessoas de outras áreas das humanas, como eu dou aula também para pessoas que vão ser futuramente, que vão se formar no BC&T, e depois vão ser ou engenheiros, ou físicos e assim por diante, eu tenho sempre a preocupação de na hora de apresentar a questão, fazer com que essa questão seja palatável para aquelas pessoas com as quais eu estou dialogando, mas eu acho que isso é uma coisa que se aprende na prática, eu não fiz a licenciatura para dizer, mas eu acho que teria ajudado bastante e diminuído digamos boa parte do meu trabalho no início, porque foi exatamente essa tentativa de tentar criar uma linguagem que seja rigorosa do ponto de vista da análise do autor, do tema que eu estou discutindo e ao mesmo tempo compreensível e interessante para aqueles que estão me ouvindo. Eu acho que a licenciatura pode ter uma tarefa muito interessante nisso, eu só não saberia dizer

de fato qual, porque eu não fiz. Eu inclusive tive que me debater muito com este elemento didático e de preparação de aula e etc, para conseguir fazer isso.

S – Anteriormente nós já entramos na questão dos projetos de pesquisa, a professora já até meio que respondeu, mas aí vamos ver se nós conseguimos complementar um pouco, assim, em que medida os projetos de pesquisa em que participa contribuem para a sua formação continuada e para a sua prática pedagógica?

N – É, eu acho que não só os projetos de pesquisa, os projetos de pesquisa individual, eu acho que eles contribuem muito na medida em que eu vou estudando algum tema, e eu vou sempre me atualizando e de alguma forma isso aparece em sala de aula, porque eu vou articulando, eu consigo fazer a articulações entre os autores, de outras questões que vão surgindo e de alguma forma eu consigo ampliar um pouco o horizonte, não só da disciplina, mas a partir das questões. Agora, eu acho particularmente interessante o desenvolvimento digamos da prática pedagógica, esses grupos de pesquisa não individuais, mas entre pesquisadores de fases diferente do número de pesquisa. Porque eu estou dizendo isso, porque eu participo desses grupos agora como docente, mas eu participei deles lá atrás como aluna de iniciação científica. Então nesses grupos em que você dialoga com pessoas que não estão pesquisando a mesma coisa, em que você tem que apresentar a sua leitura daquele texto, apresentar seminários, defender seu ponto de vista, se fazer entender e para pessoas não só com interesses diferentes, mas com formações diferentes no grupo. Isso acaba de alguma forma, ou pelo menos eu acho que no meu caso ajudou muito, a desenvolver acho que essa, ou pelo menos tento desenvolver essa capacidade de tentar explicar pensando no seu interlocutor. Porque a pessoa de Iniciação científica tem que entender o que você disse. E quando você é de iniciação científica você, tem que tentar entender o que o outro diz, então você começa já de cara, tentando ter que fazer um pouco essa linguagem comum, então eu acho que esses grupos, tanto pela interdisciplinaridade, como por juntar pesquisadores júniores e seniores, eles permitem que a gente vá desenvolvendo isso um pouco desde o começo, embora não esteja dando aula, vai desenvolvendo um pouco essa capacidade de entender o que o outro esta falando e tentar explicar de uma forma que a outra pessoa entenda, que eu acho que é um dos desafios da docência.

S – Já que nós voltamos aí um pouquinho na interdisciplinaridade, a professora acredita na interdisciplinaridade?

N – Eu acredito muito, eu acho que em particular na Filosofia ela é muito clara, pode não parecer em um primeiro momento, mas em geral se a gente for pensar a filosofia em grandes áreas, uma área estética, o que é estética, é uma determinada discussão sobre arte, ou seja, uma vinculação direta entre filosofia e a arte, o que é o belo, uma certa reflexão sobre o que é a arte, o que é o belo, quais são os padrões e assim por diante. Ou teoria do conhecimento, que é outra área da filosofia, ela vai discutir qual é o estatuto da ciência, como se dá o desenvolvimento da ciência, o que significa verdade, então ela vai se debruçar digamos assim sobre a produção científica e não é atoa que grande parte dos filósofos na modernidade era tanto cientista, pelo menos boa parte dos cientistas também era filósofo, ou na minha área, ética e política, ou teoria social, eu vou sempre estar debruçada sobre textos como Verber, Zimel, Bourdieu, que são autores da sociologia ou da política ou etc, porque eu acho que a filosofia não tem um objeto próprio, eu acho que a filosofia talvez seja uma reflexão sobre outros objetos, ou a arte, ou a ciência ou a ética, ou a política. Então eu acho que a filosofia tem um caráter que é interdisciplinar quase de início, aí minha área mais específica, direito, política,

economia. Claro que não sou especialista em nenhuma dessas áreas, mas a partir do ponto de vista da filosofia, eu estou sempre em contato com o que está sendo produzido nessas áreas.

S – O diálogo é muito grande?

N – Isso, embora eu acho que em muitos departamentos de filosofia isso não fica claro, e aqui a gente não tem departamentos, mas em outras universidades está interdisciplinaridade não fica clara, mas eu olhando para a filosofia eu sempre acho que ela se dá, o objetivo é muito menos pensar questões e objetos que muitas ou quase todas vezes está vinculado em outras áreas. Eu acho que no caso específico da filosofia a interdisciplinaridade é central, é de fato algo que eu acredito. Acredito inclusive que daria para juntar, agora tem o BC&T e o BC&H. Não é atoa por exemplo que tem filosofia no BC&T e estou dando curso agora de bases epistemológicas da ciência moderna que uma das questões centrais é exatamente esse debate sobre o que é ciência e eu estou o tempo todo usando elementos da química, elementos da física, para tentar pensar. É claro que eu não me atrevo a entrar nas teorias, mas algumas discussões sobre essas áreas então mesmo em áreas de ciências naturais. O dialogo, não só possível como acho bastante frutífero, acho que dá muito certo juntar.

S - Como a UFABC e o professor, como docente da Universidade, concilia a questão da necessidade de produção acadêmica e a cultura dos rankings, (qualidade e excelência) com os princípios institucionais da inclusão social? Vou tentar explicar um pouco melhor: Nós temos o PDI e ele tem a princípio dois discursos – um a inclusão social como missão - e o outro, são os rankings – a UFABC já atingiu um certo patamar, em qualidade e excelência e se você for olhar, soa até um discurso meio neoliberal, ela não quer descer do ranking, ela não quer perder essa posição que ela atingiu, ao contrário ela quer subir, aí como a professora vê essa questão da inclusão social e essa posição dos rankings?

N – Eu não vejo um problema diretamente na posição dos rankings e etc, mas eu acho que muitas vezes a gente tem um tipo de incentivo à pesquisa que é um tanto quantitativo, publicar artigos e etc e etc, que muitas vezes enfatiza pesquisas que direciona em si a ampliação dos conhecimentos sobre pequenas especificidades de alguma coisa que eu acho muito interessante e etc. Eu não acho que as duas coisas se contrapõem pelo seguinte motivo, eu acho que dá para pensar e acho que a UFABC tenta fazer isso, eu não sou das áreas que faz isso e não sei dizer se de forma bem sucedida ou não bem sucedida, mas de tentar pensar a pesquisa, não a utilidade da pesquisa, mas como a pesquisa pode contribuir de alguma maneira para a própria inclusão, ou pesquisas por exemplo, transferência de conhecimento, transferência de tecnologia, estou pensando também. Ou seja, uma pesquisa que não esteja simplesmente voltada para as especialidades, mas que também esteja com um olho na própria realidade na qual ela ocorre e que permita, portanto, uma certa transferência de conhecimento, uma certa transferência de tecnologia. Ai o Daniel saberia falar muito melhor, no caso por exemplo da extensão da Universidade, eu acho que dá para juntar pesquisa e inclusão social e talvez a extensão tenha um papel bastante importante, pensar como a universidade pode contribuir.

S – Mas aí no caso da professora em si, eu acredito que como em qualquer Universidade, dentro da academia, exista lá a obrigatoriedade da produção, a professora

consegue conciliar isso, mais a questão da inclusão, vossos alunos, considerando até que grande parte destes alunos são oriundos de classes populares?

N – Eu vou dizer que eu acho que a UFABC, não só a UFABC, porque eu acho que isso não é específico, tempo é escasso, para você fazer isso que eu sugerir de acompanhar um pouco mais de perto os alunos, tentar ajuda-los de alguma forma a desenvolver algumas das coisas que ficaram pendentes do ensino médio e tentar formar esse aluno que em geral não teve o acesso à formação mais adequada antes da entrada da universidade isso demanda tempo e sim, esse tempo pode ser um tempo que acaba saindo do tempo que você teria para publicar, para fazer pesquisas.

S – Ou vive versa?

N – Isso, ou alguns professores enfatizam mais um lado, alguns enfatizam mais o outro, eu acho que de fato há essa diferença, mas, como no fundo a gente aqui da bastante aula, mas eu acho que não são tantas aulas e não são na filosofia pelo menos tantos alunos. Nessas disciplinas do bacharelado interdisciplinar são muitos alunos e esse acompanhamento fica muito mais difícil de fato de ser feito, quando são disciplinas da filosofia, são disciplinas em geral com dez, vinte alunos, então eu consigo fazer isso e, consigo conciliar minhas atividades de pesquisa, mas o que eu posso dizer é que isso exige muito mais que em geral 40hs semanais, mas eu não sinto digamos uma pressão da universidade, de cima para baixo com relação as publicações, é mais de fato, é importante não só para o ranking da universidade, mas do próprio pesquisador, ou seja, para conseguir os financiamentos, para conseguir continuar a pesquisa, se você não produz, você sai fora, então no fundo o interesse do pesquisador em estar bem no seu próprio ranking de pontuações, acaba coincidindo com o da universidade de estar bem no ranking. Eu acho que da para conciliar, tá, eu acho que pela quantidade de aulas que a gente dá e etc, e claro que vai ter momentos em que talvez um lado prejudique o outro, eu acho que pode ser, pode ser que tenha momentos que o professor enfatize a área da pesquisa e acabe de alguma forma não dando tanta atenção como talvez fosse necessário para alguns alunos, mas acho que também não é talvez uma tensão, mas não necessariamente uma contradição.

S – Anteriormente nós falamos de obstáculos e agora a professora falou de tempo, agora é uma inquietação minha, como a professora enxerga a questão da quadrimestralidade, é um obstáculo, ela contribui, ou ela prejudica a questão da inclusão?

N – Do ponto de vista da inclusão eu não sei responder, o que eu posso dizer, e aí eu vou dizer uma opinião muito particular de uma pessoa que está aqui a muito pouco tempo e que portanto talvez ainda não tenha se acostumado plenamente com o esquema quadrimestral. Eu acho que a ideia é interessante. Porque a ideia pelo menos até onde eu sei dos quadrimestres é permitir de alguma forma o contato dos alunos com uma maior quantidade de questões, de temas, de disciplinas, para que eles tenham uma formação mais ampla, mais plural, que eu acho bastante interessante. Do ponto de vista e, no entanto do professor, que é o que eu vou falar agora, o que acontece no geral é que agente acaba tendo que dar digamos cursos, mais são mais curtos, ao invés de geral 15, 16 aulas, você tem 12 aulas no quadrimestre, o que significa em geral que você vai ter que aprofundar menos em algumas coisas que você poderia aprofundar no semestral. Isso é um problema? Não necessariamente, você vai ter que no fundo deixar alguma coisa de lado e fazer um curso de 12 aulas ou que de para você chegar ao nível de aprofundamento desejado em 12 aulas e não em 15 e você acaba tirando uma coisa ou

outra. É difícil fazer isso, muitas vezes o que acontece é que a gente acaba tendo que passar um pouco mais rápido, pelo menos no meu caso pessoal, acabo passando um pouco mais rápido por alguns temas que valeria a pena destrinchar e aprofundar um pouquinho mais. Mas isso eu acho que é uma questão mais de costume do que um problema, a gente tá em geral acostumado com um semestre, eu né, que estou aqui apouco tempo, então você pensa em um curso e aí você tem que ir tirando algumas partes porque se você quer aprofundar, então você tem que ir tirando algumas partes, porque se você quer aprofundar, você tem que por menos questões por exemplo, para poder aprofundar, pelo menos naquelas que você se propõe a discutir. Dá para fazer, dá para fazer, mas eu acho que mais tempo me permite entrar mais a fundo com os alunos em algumas coisas. Você vai construindo no fundo eu acho, desde o começo do curso até o final você vai construindo um trabalho com os alunos. E eu gosto, quando vai chegando mais para o final do curso, você vai percebendo que você montou junto com os alunos um certo estoque de questões, um certo conjunto de argumentos que vai fazendo algo fluir e aí no fundo eu prefiro os cursos mais longos do que os cursos mais curtos e eu acho que para os alunos é muito corrido, porque são várias disciplinas, e são pro-baraco, um acréscimo de 50% de trabalhos e provas em relação a dois semestres, três quadrimestres, 50% a mais de avaliações. Eu tenho as vezes a impressão que male má começa o quadrimestre e já está terminando. Eu ainda não consegui me adaptar plenamente e vejo uma certa correria dos alunos para conseguir se adaptar também no sistema quadrimestral.

S – Eu vou insistir mais um pouquinho, quando a professora fala da questão da dificuldade de aprofundar mais em determinados temas, a necessidade que teria disso, isso contribui, pode vir a contribuir pra dificuldade dessa questão da inclusão também, ou não? Porque inicialmente a professora fala que tem necessidade de dar uma atenção maior para os alunos que tem uma dificuldade maior, aí se a professora de certo modo já vê que é obrigada a não aprofundar tanto em determinados temas, já decorrente do tempo, mas esse processo da inclusão, não fica prejudicado aí?

N – Pode ser..

S – Essa questão da quadrimestralidade não estava no texto, mas de acordo com o discurso dos professores no geral, é algo que está despertando bem minha atenção. Eu não tinha essa preocupação, não tinha mesmo, confesso que para mim achava bem dinâmico, bem interessante essa questão da quadrimestralidade, porém depois você começa a despertar a atenção para isso, porque você vê que é meio recorrente a questão de um certo desconforto com relação a quadrimestralidade e a inclusão, ela fica prejudicada?

N – Eu acho que talvez ela fique, eu não saberia dizer se faria diferença o quadrimestre do semestre.

S – Mas nas suas aulas, vamos lá para a sala de aula agora..

N – O que eu tenho é menos tempo para acostumar ou discutir com os alunos os textos, por exemplo se eu for tratar um determinado tema, aí eu trago alguns textos pra sala, vou trabalhar alguns textos em sala, aqueles que tem um pouco mais de dificuldade de ler, é claro, eu vou trazer menos textos para um curso de 12 aulas, do que para um curso de 15 aulas, então eu até consigo aprofundar o que eu quero, eu consigo garantir um nível de aprofundamento, mas o que eu tenho que fazer para eu conseguir isso, eu tenho

que restringir um pouco mais o conteúdo do curso. Por exemplo, se eu ia tratar de quatro autores em 16 aulas, eu trato de 3 em doze e tiro por exemplo um, mas se eu quiser aprofundar nesses autores da mesma forma que eu iria em um curso semestral. O que eu acho é que talvez, aí é uma impressão, porque veja eu estou aqui a pouco mais de um ano e dei um quadrimestre diretamente às disciplinas obrigatórias de filosofia, depois disso eu tenho dado disciplinas nos bacharelados interdisciplinares em particular do BC&T, então eu ainda não saberia comparar também, mas o que eu vou dizer é o seguinte, eu acho que os alunos tem menos tempo para ler as coisas e para aprofundar naquilo naqueles três meses que acabam terminando um pouco rápido, então eu acho que aqueles que têm um pouco mais de dificuldade, acaba de fato tendo uma dificuldade um pouco maior.

S – Acaba ficando prejudicado?

N – O que eu tenho feito sempre é aquilo, acabo dando atividade logo no começo, que se eu deixo para muito depois, como o tempo é curto eu só percebo quem tem mais dificuldade no fim do curso, então o ideal é perceber isso antes e ir trabalhando com o aluno. Agora, é claro que um trabalho mais longo, permitiria um resultado maior.

S – Para ir finalizando, em linhas gerais, como a professora caracteriza o modelo UFABC face aos modelos tradicionais de universidade/educação superior?

N – Como eu disse, eu estou aqui a pouco tempo, então é uma impressão muito ainda crua.

S – Mas a professora já tem experiência de uma outra universidade..

N – Sim, mas é uma pós-graduação e não dá para comparar diretamente. Eu gosto bastante da ideia de interdisciplinaridade, eu acho muito interessante que os alunos possam prestar o ENEM e que possam entrar em grandes áreas e que possam em um primeiro momento cursar disciplinas diárias, distintas, mas primeiro, é muito difícil para o aluno, porque eu lembro você sai do ensino médio que você tem um número x de matérias e você tem de escolher já uma coisa muito específica e eu acho que a ideia de ter grandes áreas no BC&T e no BC&H no qual os alunos ingressam e conseguem cursar disciplinas distintas e a partir já desse contato direto com as diferentes áreas e conseguir ir percebendo quais são os temas de interesse é bom, porque permite que o aluno tome uma decisão já mais informado sobre o que ele quer, caso ele queira fazer o bacharelado específico depois e ele não queira parar e mais do que isso, eu acho que permite uma certa, pelo menos até onde eu percebo no ano que eu estou aqui, essa interdisciplinaridade que é particular da UFABC, eu acho que tem também uma universidade no sul da Bahia, o que eu percebo é que muitas vezes ela impede uma certa especialização precoce, as vezes o aluno entra em qualquer disciplina que seja, daí da uns dois anos, o aluno começa a fazer iniciação científica e de repente deu 10 anos e ela está estudando aquela coisa específica desde o início e eu acho que essa certa gama interdisciplinar ela permite uma inter-relação entre as áreas que permite a formação de pesquisadores mais preparados e menos especializados, eu acho que as vezes a especialização é importante, evidentemente, mas quando ela é precoce eu acho que ela acaba impedindo de fazer uma pesquisa mais interessante, eu vejo com muito bons olhos esse caráter interdisciplinar e essa certa organização da Universidade, ainda que em grande medida isso significa que por exemplo que poucos alunos entrem depois na filosofia. Porque como as pessoas entram em grandes áreas dentre as quais está

economia, relações internacionais, em geral no caso das humanidades os alunos tendem a ir para essas áreas específicas e aí a gente tem menos alunos na filosofia. Então digamos do ponto de vista da filosofia, tem esse problema, mas isso é uma questão pouco relevante, do meu ponto de vista. Pra formação dos alunos pelo menos o que eu tenho visto até agora é muito frutífero, não sei se você irá fazer entrevista com os alunos...

S – Então, o ideal seria uma quali-quantidade, mas não vamos ter folego e vai ficar para o doutorado, muitas e muitas inquietações. No decorrer da pesquisa já vimos que o tempo era muito curto.

N - O que dizem é que às vezes eles ficam um pouco quando você entra já em um lugar que está um pouco estruturado você vai seguindo aquilo, aqui os alunos entram e tem aquela gama de matérias em que você tem uma liberdade muito maior para organizar o que você vai fazer e isso é excelente eu acho, porque permite de fato uma formação muito mais ampla, muito mais interdisciplinar, mas eu acho que gera uma inquietação muito maior também. Talvez isso seja perceptível em uma entrevista posterior.

S – A ideia é continuar, porque é uma universidade nova, não tem muitas pesquisas sobre e isso acaba limitando um pouco o trabalho e você acaba aprofundando muito mais. Por um lado é bom, para mim é excelente, mas precisaria de mais folego e é coisa que você não tem e o recorte é necessário.

Só para fechar, a Professora considera a UFABC elitista, hegemônica?

N – Eu acho que... elitista você diz o que? Ingresso???

S – Ingresso, permanência, num geral..

N – Eu acho tenho a impressão, e aí eu não tenho base de comparação com as outras universidades, mas eu tenho a impressão que a UFABC tem uma preocupação com a inclusão social que está presente em muitas das atividades que ela faz que acaba tentando garantir essa não evasão e essa permanência dos alunos no curso e eu acho que isso é muito presente, acho que tem aqui várias políticas que vão sendo implantadas nessa direção e eu acho que elas tem sido bem sucedidas e no entanto eu acho que o que acontece hoje, mas eu não sei dados e nada disso, mas eu imagino que grande parte dessas políticas dependem de bolsas de auxílio, moradia e etc, sem as quais é muito difícil você conseguir que um aluno que precise trabalhar e que tenha dificuldades financeiras, de fato consiga se dedicar minimamente as atividades que ele precisa exercer dentro da universidade e com o corte de orçamento eu acho que isso pode vir a ser bem prejudicado, não sei se já está muito prejudicado, não sei se os cortes já tenham acontecido, mas eu diria o seguinte, eu acho que há uma preocupação na UFABC grande, eu pelo menos eu percebo isso nos professores, eu percebo isso das próprias administradoras da universidade de garantir a inclusão. Eu acho que é uma universidade que até onde eu tenho visto, ela é muito mais aberta ao diálogo com alunos e etc do que várias outras universidades, mas eu não sei até que ponto, por exemplo, essa preocupação em não ser elitista vai conseguir se concretizar diretamente ou efetivamente, porque eu não sei a partir de agora, por exemplo, se a universidade vai dispor de recursos.

S – Então a professora acredita que existe a preocupação em não ser elitista?

N – Eu acho que sim e eu acho que há uma tentativa de fato ampla da Universidade de... tem curso e etc..

S – Então distancia aí de um formato de universidade neoliberal?

N – Eu acho que sim, eu acho que tem essa preocupação com a inclusão, não só no papel, mas eu percebo isso nas políticas, eu percebo isso em conversas com professores, com administradores da universidade, mas eu não sei até que ponto, na medida em que isso depende de verbas e etc e não só de boa vontade, embora só a verba não garanta né, precisa ter também à vontade.

S – Tem que caminhar juntas, né? Fala-se tanto em qualidade e excelência, fala-se tanto em inclusão, caminham juntas?

N – Eu acho que elas podem caminhar juntas, pelo contrário, a particularidade das universidades federais que tem sido criadas, eu acho que para ser inclusiva de verdade, ela precisa ser de excelência. Porque você precisa permitir o acesso de uma população que não tinha acesso à universidade e você tem que garantir que o ensino e a pesquisa daquela universidade sejam de ponto, porque você vai conseguir inserir aqueles alunos no que há de melhor na pesquisa. Se você não tiver boa pesquisa aí você inclui em uma coisa que não é exatamente a melhor, então eu acho que tem que estar junto, o problema é conseguir que esteja, têm todas essas dificuldades.